



FUNDAÇÃO
renova



PESQUISA QUALITATIVA

Comunidades

- Nova Almeida
- Campo Grande
- Nativo
- Ferrugem
- São Miguel
- Gameleira
- Barra Nova Norte
- Barra Nova Sul
- Fazenda Ponta
- Portal de Santa Cruz

EQUIPE DE TRABALHO

FUNDAÇÃO RENOVA

PROGRAMA 001 - CADASTRO DOS IMPACTADOS

EQUIPE TÉCNICA:

Viviane Rodrigues Menini

Bruno Sabadini Bernardo

Cyntia Carreiro Boechat

Henrique Faria Coelho

Jaqueline Vilela Custódio

João Vitor Cruzoletto

Laurent Rivet Rassi

Lucas de Matos Sardinha Pinto

Taizi Honorato

SYNERGIA CONSULTORIA URBANA E SOCIAL

Alessandra Benevides

Caique Theodoro

Ezau Moreira

Karin Matzkin

Lúcia Frigério Paulo

Maria Albuquerque

Mario Braga

Natália Albuquerque

Priscilla Malafaia

Sheyla Zabin

Vinicius Corrêa

EXPEDIENTE

©Synergia Consultoria Urbana e Social, 2017

PESQUISA QUALITATIVA (1ª Edição)

DIREÇÃO DE ARTE E COORDENAÇÃO EDITORIAL

Alexandre Pessôa

EDIÇÃO DE TEXTOS

Synergia Consultoria Urbana e Social, Fundação Renova

PROJETO GRÁFICO E INFOGRÁFICOS

Alexandre Pessôa

FOTOS

Synergia Consultoria Urbana e Social

ILUSTRAÇÕES

Depositphotos

MAPAS

Natália Albuquerque



SUMÁRIO

*Nº da página de acordo
com a contagem deste PDF*

INTRODUÇÃO

4

MUNICÍPIO DE SERRA

NOVA ALMEIDA • MANGUINHOS • JACARAÍPE

12

MUNICÍPIO DE ARACRUZ

SANTA CRUZ

46

MUNICÍPIO DE SÃO MATEUS

*GAMELEIRA • FERRUGEM • NATIVO • SÃO MIGUEL • SITIO PONTA
CAMPO GRANDE • BARRA NOVA NORTE • BARRA NORTE SUL*

59

CONSIDERAÇÕES FINAIS

137

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

139

ANEXOS

140

INTRODUÇÃO

Este relatório reúne os resultados da pesquisa socioespacial desenvolvida para mapear e qualificar as percepções de impactos socioambientais advindos do rompimento da barragem de Fundão, da Samarco, ocorridos nas comunidades costeiras dos municípios de Serra, Aracruz e São Mateus, todos no Espírito Santo.

Em resposta à Deliberação nº 58 do Comitê Interfederativo, a Fundação Renova considerou necessária a produção de informações capazes de orientar o processo de cadastramento de moradores em localidades fora da Área de Abrangência Socioeconômica do Termo de Transação de Ajustamento de Conduta (TTAC).

A Deliberação nº 58 do Comitê Interfederativo foi elaborada tendo como Nota Técnica nº 3/2017/Vitória-ES/TAMAR/DIBIO/ICMBio do Centro Tamar/ICMBio, que identifica a área atingida pela pluma de rejeitos, e a manifestação da Defensoria Pública (DPU) contida na INFORMAÇÃO nº59 – DPU MG/GABDRDH MG. A Deliberação nº 58 do Comitê Interfederativo incluiu 23 comunidades (Box), cujos moradores se tornaram, portanto, potenciais público alvo do Programa de Levantamento e de Cadastro dos Impactados.

São Mateus: Urussuquara, Campo Grande, Barra Nova Sul, Barra Nova Norte, Nativo, Fazenda Ponta, São Miguel, Gameleira, Ferrugem. Linhares: Pontal do Ipiranga, Barra Seca, Regência, Povoação, Degredo. Aracruz: Portal de Santa Cruz, Itaparica, Santa Cruz, Mar Azul, Vila do Riacho, Rio Preto a Barra do Sahy, Barra do Riacho. Serra: Nova Almeida.

A realização da pesquisa qualitativa, paralelamente ao cadastramento dos impactados, foi motivada pelo fato de ser um método que tem caráter exploratório, que estimula o entrevistado a pensar e a se expressar livremente sobre um problema específico visto que a realidade e o sujeito são elementos indissociáveis e permite observar os traços subjetivos e particularidades, auxiliando na identificação dos grupos de interesse e nas tomadas de decisão para possíveis reparações.

Os percursos até a conclusão do estudo, o recorte das áreas estudadas, os métodos empregados, o processo de mobilização e participação popular são apresentados no tópico seguir.

OS PERCURSOS ATÉ A CONCLUSÃO DO ESTUDO

Para cumprir com o objetivo de mapear e qualificar as percepções de impactos provenientes do rompimento da barragem de Fundão, da Samarco, na região costeira do Espírito Santo, foram traçados diferentes roteiros metodológicos cujos percursos se materializam de forma participativa com os sujeitos que fizeram parte dos estudos.

Imediatamente após a proposição da realização deste estudo nas instâncias de Governança da Fundação Renova (Box), iniciou-se a coleta e análise de dados secundários (Anexo X) provenientes de distintas fontes de informações, entre elas: livros, artigos, teses, dissertações, publicações em jornais, revistas e notícias veiculadas em distintas fontes difusoras.

A Fundação Renova é constituída por um Conselho de Curadores, Diretoria Executiva, Conselho Fiscal e Conselho Consultivo. Conta ainda com um Comitê Interfederativo – CIF, instância externa e independente, responsável por acompanhar, monitorar e fiscalizar os projetos que serão executados, constituído por representantes do Ministério do Meio Ambiente, do Governo Federal, do Estado de Minas Gerais, do Estado do Espírito Santo e municípios destes dois Estados afetados pelo rompimento da Barragem, do Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Doce e da Defensoria Pública da União. Finalmente, a Fundação conta também com um Painel de Especialistas e Auditorias Externas, que garantem a qualidade da execução dos projetos e programas.

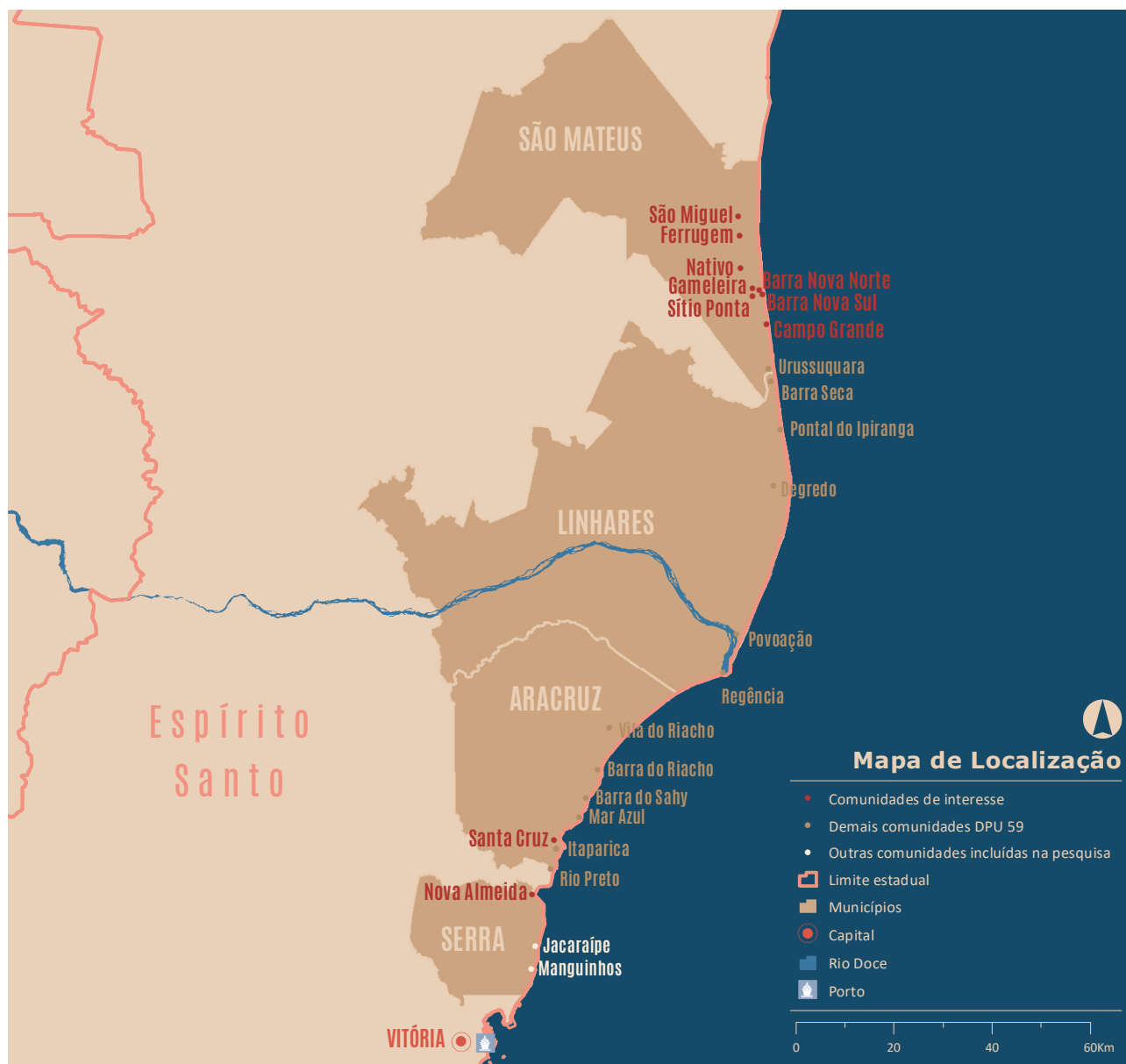
Com as informações preliminarmente coletadas também foram produzidos mapas que permitiram identificar a conformação do uso e ocupação do solo na região, hidrografia, cobertura vegetal, batimetria, unidades de conservação e especialmente a localização das comunidades e demais adensamentos humanos ao longo da costa capixaba.

Das 23 comunidades incluídas na Deliberação CIF nº 58, 14 já estão contidas na primeira fase de cadastramento e 9 ainda estão em processo de cadastro. Essas comunidades encontram-se listadas na tabela abaixo e serão o foco deste estudo.

Comunidades estudadas:

MUNICÍPIO	COMUNIDADE
Serra	<i>Nova Almeida</i>
	<i>Campo Grande</i>
	<i>Nativo</i>
	<i>Ferrugem</i>
São Mateus	<i>São Miguel</i>
	<i>Gameleira</i>
	<i>Barra Nova Norte</i>
	<i>Barra Nova Sul</i>
	<i>Sítio Ponta</i>
Aracruz	<i>Santa Cruz</i>

No município de Serra foram consideradas também as comunidades de Jacaraípe e Manguinhos, em função da proximidade com Nova Almeida e do uso compartilhado de áreas de pesca. Além destas comunidades, outras localidades foram identificadas na costa destes municípios e são citadas ao longo do relatório, dadas as relações socioespaciais existentes.



PASSO A PASSO DA COLETA DE DADOS

O levantamento de dados primários foi dividido em duas etapas. A primeira, denominada de pesquisa de campo 1, ocorrida no período de 17 a 22 de julho do corrente ano, teve como objetivo reconhecer e caracterizar o território, as 10 comunidades de interesse para o estudo e outras que por ventura estivessem próximas e apresentassem características semelhantes e não tivessem sido listadas.

Além do reconhecimento da área de estudo, a primeira ida a campo teve a finalidade de articular e identificar os indivíduos do setor pesqueiro - especialistas tradicionais e lideranças legítimas e legais da pesca (considerando a NT 3/2017/Vitória-ES/TAMAR/DIBIO/ICMBio) e outros atores-chaves vinculados aos temas meio ambiente, turismo, saneamento e lideranças locais, de cada comunidade visitada, a fim de gerar uma lista de contatos. Nesse primeiro momento foram visitados os pontos de apoio à pesca, os locais de pesca, além de serem realizadas visitas as lideranças, buscando uma aproximação inicial ao escopo da pesquisa.

Importante ressaltar que nesse primeiro momento a equipe conseguiu alcançar quase 200 pessoas das comunidades capixabas estudadas, sendo a maior parcela do setor pesqueiro das comunidades de São Miguel e Campo Grande, município de São Mateus.

Nessa primeira ida a campo também foi possível, junto com as lideranças locais das comunidades abordadas, discutir a agenda para a realização das oficinas, respeitando a organização social existente, a localização e horários sugeridos pela maioria e buscando criar um espaço favorável para o diálogo e participação.

Previamente a realização da segunda etapa da pesquisa (oficinas de diagnóstico participativas), entre os dias 2 e 5 de agosto, a equipe da consultoria mobilizou lideranças das dez comunidades envolvidas no estudo. Foram contatadas 16 lideranças de São Mateus e 14 das comunidades pertencentes a Serra e Aracruz. Nesses encontros para mobilização, foram reiterados os objetivos das oficinas de diagnóstico, solicitado o apoio na comunicação sobre a agenda e entregues convites para que estas lideranças pudessem distribuir e convocar a comunidade para as reuniões (ANEXO I).

A segunda etapa, denominada de pesquisa de campo 2, teve como objetivo a realização de oficinas de diagnóstico e a coleta de informações a partir de relatos e depoimentos da população que se declara impactada. Nas oficinas foram propostas diferentes técnicas de pesquisa qualitativa (Linha do Tempo, Árvore de Problemas, Mapa Falado) que permitiram um conhecimento aprofundado das várias opiniões e percepções existentes sobre os impactos socioeconômicos e ambientais decorrentes do rompimento da barragem do Fundão e seus efeitos sobre as múltiplas realidades em cada comunidade estudada.

Foram realizadas seis oficinas de diagnóstico participativo envolvendo as 12 comunidades abordadas somando um contingente de 602 pessoas (Tabela 01). Em três delas foram aplicadas integralmente as metodologias de DRP (Nova Almeida, Nativo e Portal de Santa Cruz, realizada em 12/08).

As outras três oficinas adotaram dinâmica diferente, pois os representantes destas comunidades preferiram não realizar as metodologias participativas sugeridas.

Tabela 01: Participação das pessoas durante a realização das seis oficinas de diagnóstico participativo nos municípios de Serra, Aracruz e São Mateus.

OFICINA	OUTRAS COMUNIDADES PARTICIPANTES	Nº DE PARTICIPANTES	DATA
Nova Almeida	<i>Jacaraípe, Manguinhos e Bicanga</i>	55	07/08/2017
Nativo	<i>Gameleira e Ferrugem</i>	54	08/08/2017
Campo Grande	<i>Sítio Ponta, São Miguel, Urussuquara, Barra Nova Sul e Nativo</i>	257	10/09/2017
Barra Nova Norte	<i>Gameleira, Ferrugem, Nativo, Ranchinho, Pedra D'água, Barra Nova Sul, Guriri</i>	111	11/08/2017
Barra Nova Sul	–	47	11/08/2017
Santa Cruz	<i>Itaparica, Barra do Riacho, Vitória, São Francisco, Barra do Sahy, Nova Almeida, Praia Formosa</i>	78	12/08/2017

As oficinas referidas foram realizadas em: Campo Grande, envolvendo também as comunidades de Urussuquara, São Miguel e Sítio Ponta, realizada em 10/08; Barra Nova Sul, realizada em 11/08 e Barra Nova Norte, realizada também em 11/08.

O motivo da mudança de abordagem foi desencadeado pela mobilização preexistente dos movimentos sociais presentes no município de São Mateus (Movimento dos Pescadores, MAB, lideranças locais) e a presença da Defensoria Pública durante a oficina de Campo Grande (10/08) que solicitou a leitura da deliberação nº 93 do CIF de 4 de agosto de 2017. Mesmo após ter sido explicado, por parte da equipe da Synergia, que a realização dessas oficinas permitiria aprofundar o conhecimento dos impactos na comunidade, e que se tratava de ação concomitante ao processo de cadastro e reparação aos impactados, os presentes preferiram não realizar as atividades propostas. Essa deliberação consta de ATA da Defensoria Pública do Estado do Espírito Santo (Anexo VI). A justificativa para este encaminhamento foi a de que, tanto as comunidades quanto a defensoria pública entendiam que o procedimento correto deveria ser a Fundação Renova já proceder a um cadastramento e definição de ações de reparação; que os impactos já estariam evidenciados nestas comunidades e que a realização do estudo teria caráter prolatório, adiando ainda mais a concretização da reparação por parte da Fundação.

Respeitando o protagonismo das comunidades em sua mobilização frente aos ocorridos desde 2015, a equipe da Synergia conduziu a oficina de forma a abrir um espaço de expressão das populações e instituições presentes. Com isso, apesar da não aplicação das metodologias propostas, foi possível compreender os contextos locais e identificar os impactos nestas comunidades. Os resultados destas reuniões também estão sintetizados nas seções do relatório destinadas a estas comunidades.

Os resultados construídos nesses percursos oferecem subsídios para a atuação da Fundação Renova neste território, apresentando aspectos marcantes das realidades destas comunidades, as transformações recentes tais quais vivenciadas e descritas pelos moradores e os desafios e oportunidades observados.

Durante a realização das oficinas participativas também foram registrados em vídeo depoimentos voluntários referentes às alterações percebidas na região e no cotidiano dos participantes (Anexo IV).

Os principais conjuntos temáticos abordados no estudo são a pesca, o turismo e alterações ambientais, principalmente associados a qualidade da água, identificados de acordo com os impactos descritos nas oficinas e entrevistas realizadas. A forma de apresentação dos resultados busca garantir a fidedignidade dos relatos captados durante o estudo, apresentando assim as próprias narrativas dos moradores. Embora a descrição seja dos pesquisadores, um contar do que outros contaram, busca-se o resumo das colocações mais recorrentes, do que ecoa como tendência, se repetindo em discursos individuais e ajudando a entender os desafios do território.

Aproximação Inicial ao Território

O município de Serra tem uma população estimada de 502.618 habitantes e densidade demográfica de 741,85 hab/km². Sua unidade territorial está contida no bioma mata atlântica e chega a 547,637 km². O produto interno bruto é aquecido pelas atividades de serviços e indústrias, podendo ser citado o Terminal de Produtos Siderúrgicos (TPS) instalado na região desde 1980. O município de Aracruz tem uma população estimada de 98.393 habitantes e densidade demográfica de 57,47 hab/km². Sua unidade territorial está contida no bioma mata atlântica e chega a 1.423,874 km². O produto interno bruto é aquecido principalmente pelas atividades industriais, podendo ser citadas a Fibria – Aracruz Celulose instalada na região desde a década de 60 e Portocel, Terminal Aquaviário Barra do Riacho,

Estaleiro Jurong Aracruz, Nutripetro instalados a partir do ano 2000. O município de São Mateus tem uma população estimada de 128.449 habitantes e densidade demográfica de 46,62 hab/km². Sua unidade territorial está contida no bioma mata atlântica e chega a 2.338,733 km². O produto interno bruto é aquecido principalmente pelas atividades de serviços, contudo tem expressividade na agropecuária e indústria, com destaque para o Terminal Norte Capixaba (Transpetro) instalado em 2006 na região (IBGE, 2017)¹.

Próximos ao município de Linhares, onde fica a foz do Rio Doce, as comunidades estudadas em Serra, Aracruz e São Mateus guardam diferenças relativas aos ambientes explorados, tipos de pesca e impactos relatados. As comunidades pesqueiras de Serra se encontram mais agregadas a núcleos urbanos adensados, enquanto que as de Aracruz e São Mateus possuem menor densidade populacional e infraestrutura, principalmente às de São Mateus, que são predominantemente rurais, com maior distanciamento das áreas urbanas.

Em Serra, nas comunidades de Nova Almeida, Jacaraípe e Manguinhos, predomina a pesca de mar, embarcada. Os principais impactos relatados são a perda de áreas de pesca prioritárias, atualmente interditadas, e a diminuição da incidência do pescado. Em São Mateus, embora também exista a pesca de mar, predomina nas comunidades estudadas a exploração de recursos de manguezais e estuários nos cursos dos Rios Cricaré e Mariricu, com a pesca no Rio e exploração de Sururu, caranguejo, siri, entre outros. Ali os principais impactos relatados referem-se à diminuição da oferta de pescado, dificuldades de comercialização após repercussão do evento e diminuição do turismo. A comunidade de Santa Cruz, em Aracruz, fica no meio termo entre as comunidades dos outros dois municípios, sendo identificados impactos no setor pesqueiro, no turismo e comércio.

Em São Mateus observa-se o caráter mais tradicional das comunidades, onde a pesca desempenha papel chave na organização do modo de vida das famílias e das relações comunitárias. Em Serra, por ser mais urbanizado, embora se repitam os mesmos desafios de reprodução coletiva do modo de vida comunitário, a convivência urbana com outras cadeias econômicas viabiliza mais alternativas de sobrevivência do que para as comunidades de São Mateus, onde se observam maiores dificuldades de acesso a oportunidades de trabalho e renda pelas comunidades. Neste sentido, os impactos são considerados para além das suas dimensões materiais, buscando permear, sobretudo, as condições de reprodução coletiva destas comunidades.

Importante reforçar na avaliação destes impactos que a territorialidade da pesca tem suas especificidades, para além das fronteiras administrativas e de organização espacial das comunidades no continente, cujos contornos serão detalhados ao longo do relatório para cada uma das comunidades estudadas.

Abaixo segue tabela síntese contendo as comunidades estudadas, número de participantes por setor produtivo, adesão às oficinas participativas e os macros impactos citados. Vale ressaltar que os macros impactos citados pelas comunidades, principalmente no município de São Mateus, são similares devido as comunidades ficarem muito próximas e por compartilharem a mesma realidade socioambiental.

¹ IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Estimativas da população residente com data de referência 1º de julho de 2017.

Tabela 02: Apresentação dos setores produtivos e macro impactos relatados pelas comunidades estudadas nos municípios de Serra, Aracruz e São Mateus.

Município	Comunidade	Participantes por setor produtivo	Adesão às oficinas participativas	Macro impactos relatados
Serra	Nova Almeida	Pesca - 21	Sim	A – DIMINUIÇÃO DA CAPTURA DE ESPÉCIES PRIORITÁRIAS DE PESCADO B – MUDANÇAS DE ÁREAS E ARTES DE PESCA C – DIMINUIÇÃO DA DEMANDA PELO PESCADO LOCAL D - DIMINUIÇÃO DA RENDA ORIUNDA DA PESCA E – IMPACTOS NA CADEIA PRODUTIVA DA PESCA F – DESESTÍMULO A CONTINUIDADE DA PESCA G – INSEGURANÇA QUANTO A POSSIBILIDADE DE CONTAMINAÇÃO DO PESCADO H – RELATOS DE EVIDÊNCIAS MATERIAIS DE CONTAMINAÇÃO
Serra	Manguinhos	Pesca - 9	Sim	A – DIMINUIÇÃO NA CAPTURA DE ESPÉCIES PRIORITÁRIAS DE PESCADO B – MUDANÇA DE ÁREAS DE PESCA C – DIMINUIÇÃO DA DEMANDA PELO PESCADO LOCAL D - DIMINUIÇÃO DO FLUXO DE TURISTAS E – DIMINUIÇÃO DA RENDA ORIUNDA DA PESCA
Serra	Jacaraípe	Pesca - 24	Sim	A – DIMINUIÇÃO NA CAPTURA DE ESPÉCIES PRIORITÁRIAS DE PESCADO B – MUDANÇAS DE ÁREAS E ARTES DE PESCA C – DIMINUIÇÃO DA DEMANDA PELO PESCADO LOCAL D - DIMINUIÇÃO DA RENDA ORIUNDA DA PESCA E – DESESTÍMULO A CONTINUIDADE DA PESCA F – RELATOS DE EVIDÊNCIAS MATERIAIS DE CONTAMINAÇÃO.
Aracruz	Santa Cruz	Pesca – 31 Comércio e Serviço – 12 Servidor Público – 2 Outros – 11 Comissão de Justiça e Paz (CJP) Fórum Capixaba em Defesa do Rio Doce	Sim	A - DIMINUIÇÃO DO FLUXO DE TURISTAS B – RELATOS DE DANOS PSICOLÓGICOS EM PESSOAS DA COMUNIDADE C - RELATOS DE EVIDÊNCIAS MATERIAIS DE CONTAMINAÇÃO D – RUPTURA DA ESTRUTURA SOCIAL COMUNITÁRIA E - INSEGURANÇA QUANTO A POSSIBILIDADE DE CONTAMINAÇÃO DO PESCADO F – DIMINUIÇÃO DA DEMANDA PELO PESCADO LOCAL
São Mateus	Gameleira	Pesca – 6 Agricultura - 2	Sim	A – DIMINUIÇÃO NA CAPTURA DE ESPÉCIES PRIORITÁRIAS DE PESCADO B – DIMINUIÇÃO DA DEMANDA PELO PESCADO DA COMUNIDADE C – AFETAÇÃO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA D - DIMINUIÇÃO DA RENDA ORIUNDA DA PESCA E – RUPTURA DA ESTRUTURA SOCIAL COMUNITÁRIA F – AFETAÇÃO DA SEGURANÇA ALIMENTAR DA COMUNIDADE G – INSEGURANÇA QUANTO A POSSIBILIDADE DE CONTAMINAÇÃO H – RELATOS DE EVIDÊNCIAS MATERIAIS DE CONTAMINAÇÃO
São Mateus	Nativo	Pesca – 18 Agricultura – 2 Servidor público - 2	Sim	A – DIMINUIÇÃO NA CAPTURA DE ESPÉCIES PRIORITÁRIAS DE PESCADO B – DIMINUIÇÃO DA DEMANDA PELO PESCADO DA COMUNIDADE C – AFETAÇÃO DA AGRICULTURA E DA PECUÁRIA D - DIMINUIÇÃO DA RENDA ORIUNDA DA PESCA E – RUPTURA DA ESTRUTURA SOCIAL COMUNITÁRIA F – AFETAÇÃO DA SEGURANÇA ALIMENTAR DA COMUNIDADE G – INSEGURANÇA QUANTO A POSSIBILIDADE DE CONTAMINAÇÃO H – RELATOS DE EVIDÊNCIAS MATERIAIS DE CONTAMINAÇÃO
São Mateus	Ferrugem	Pesca – 7 Agricultura – 6 Pecuária - 1 Comércio e Serviço - 1	Sim	A – DIMINUIÇÃO NA CAPTURA DE ESPÉCIES PRIORITÁRIAS DE PESCADO B – DIMINUIÇÃO DA DEMANDA PELO PESCADO DA COMUNIDADE C – AFETAÇÃO DA AGRICULTURA E DA PECUÁRIA D - DIMINUIÇÃO DA RENDA ORIUNDA DA PESCA E – RUPTURA DA ESTRUTURA SOCIAL COMUNITÁRIA F – AFETAÇÃO DA SEGURANÇA ALIMENTAR DA COMUNIDADE G – INSEGURANÇA QUANTO A POSSIBILIDADE DE CONTAMINAÇÃO H – RELATOS DE EVIDÊNCIAS MATERIAIS DE CONTAMINAÇÃO
São Mateus	São Miguel	Pesca – 39 Agricultura - 2 Pecuária – 1 Outros - 1	Não	A – DIMINUIÇÃO NA CAPTURA DE ESPÉCIES PRIORITÁRIAS DE PESCADO B – DIMINUIÇÃO DA DEMANDA PELO PESCADO DA COMUNIDADE C – DESAFIOS À CONTINUIDADE DA AGRICULTURA E PECUÁRIA D - DIMINUIÇÃO DA RENDA ORIUNDA DA PESCA E – IMPACTOS EM COMÉRCIOS E SERVIÇOS F – RUPTURA DA ESTRUTURA SOCIAL COMUNITÁRIA G – INSEGURANÇA QUANTO A POSSIBILIDADE DE CONTAMINAÇÃO H – AFETAÇÃO DA SEGURANÇA ALIMENTAR DA COMUNIDADE I – RELATOS DE EVIDÊNCIAS MATERIAIS DE CONTAMINAÇÃO
São Mateus	Sítio Ponta	Pesca - 24	Não	A - DIMINUIÇÃO NA CAPTURA DE ESPÉCIES PRIORITÁRIAS DE PESCADO B - DIMINUIÇÃO DA DEMANDA PELO PESCADO LOCAL C - DIMINUIÇÃO DA RENDA ORIUNDA DA PESCA D – RUPTURA DA ESTRUTURA SOCIAL COMUNITÁRIA E - INSEGURANÇA QUANTO A POSSIBILIDADE DE CONTAMINAÇÃO F – AFETAÇÃO DA SEGURANÇA ALIMENTAR DA COMUNIDADE G - RELATOS DE EVIDÊNCIAS MATERIAIS DE CONTAMINAÇÃO
São Mateus	Campo Grande	Pesca – 92 Agricultura – 1 Comércio e Serviço – 5 Outros – 7 Defensoria Pública do Estado do Espírito Santo CRAS Pedra D'água – Distrito de Barra Nova, São Mateus Deputada Federal Eliana Datalto	Não	A – DIMINUIÇÃO NA CAPTURA DE ESPÉCIES PRIORITÁRIAS DE PESCADO B – DIMINUIÇÃO NA DEMANDA PELO PESCADO DA COMUNIDADE C - DIMINUIÇÃO DA RENDA ORIUNDA DA PESCA D – RUPTURA DA ESTRUTURA SOCIAL COMUNITÁRIA E – IMPACTOS EM OUTRAS ATIVIDADES PRODUTIVAS F – RELATOS DE EVIDÊNCIAS MATERIAIS DE CONTAMINAÇÃO G – INSEGURANÇA NO CONSUMO DO PESCADO E DA ÁGUA H – QUEDA DA SEGURANÇA ALIMENTAR DA COMUNIDADE
São Mateus	Barra Nova Sul	Pesca - 54	Não	A - DIMINUIÇÃO NA CAPTURA DE ESPÉCIES PRIORITÁRIAS DE PESCADO B - INSEGURANÇA QUANTO A POSSIBILIDADE DE CONTAMINAÇÃO DO PESCADO C - INTERFERÊNCIA NAS RELAÇÕES SOCIAIS D - DIMINUIÇÃO DO FLUXO DE TURISTAS E - MUDANÇAS DE ÁREAS E ARTES DE PESCA F – INTENSIFICAÇÃO DA FISCALIZAÇÃO POR PARTE DOS ÓRGÃOS AMBIENTAIS
São Mateus	Barra Nova Norte	Pesca - 110	Não	A - DIMINUIÇÃO NA CAPTURA DE ESPÉCIES PRIORITÁRIAS DE PESCADO B - RELATOS DE EVIDÊNCIAS MATERIAIS DE CONTAMINAÇÃO C - DIMINUIÇÃO DA RENDA ORIUNDA DA PESCA D - INSEGURANÇA QUANTO A POSSIBILIDADE DE CONTAMINAÇÃO DO PESCADO E - DIMINUIÇÃO DA DEMANDA PELO PESCADO LOCAL F - INTERFERÊNCIA NAS RELAÇÕES SOCIAIS G - DIMINUIÇÃO DO FLUXO DE TURISTAS H - INTENSIFICAÇÃO DA FISCALIZAÇÃO POR PARTE DOS ÓRGÃOS AMBIENTAIS

A apresentação das informações coletadas em campo, estão postas nesse relatório em forma de fichário onde cada aba representa uma comunidade. Como as comunidades estudadas estão distribuídas em três municípios distintos (Serra, Aracruz e São Mateus) optou-se por fazer, antes da apresentação individualizada das comunidades, uma breve contextualização geográfica, econômica e social dos municípios, a partir dos setores censitários correspondentes apenas as comunidades de interesse do estudo.

Como não foi possível aplicar as metodologias de DRP em todas as comunidades de interesse (explicado no item "Os Percursos até a Conclusão do Estudo") a disposição das informações entre as comunidades será diferenciada. No caso em que as comunidades aderiram o DRP são encontradas informações referentes à:

- > História da Comunidade
- > Caracterização da pesca
- > Impactos Relatados
- > Mapa Falado
- > Árvore de Problema
- > Linha do Tempo.

Vale ressaltar que no caso dos mapas falados, dependendo da abrangência das áreas prioritárias de pesca identificadas por comunidade, haverá a apresentação de dois mapas.

No caso em que as comunidades não aderiram ao DRP são encontradas informações referentes à:

- > Aspectos da comunidade
- > Caracterização da pesca e outras atividades econômicas
- > Impactos relatados
- > Mapa das áreas de pesca e impactos



Município de **Serra**

Comunidades

- Nova Almeida
- Manguinhos
- Jacaraípe

MUNICÍPIO DE SERRA

O município de Serra se insere no contínuo urbano da Grande Vitória, estando apenas 27 km da capital, com alto grau de urbanização. A ocupação do território remonta aos territórios indígenas e aos aldeamentos de Jesuítas no início do século XVII. A região se desenvolveu no século XIX com a produção e comércio de açúcar e café, que veio a decair no século seguinte. A partir da década de 70, com o desenvolvimento de indústrias e do porto de Tubarão, o município passa a ter um crescimento populacional acentuado. Desde então a ocupação desordenada tem trazido alguns desafios à gestão pública local, especialmente no campo da segurança pública.

A estimativa populacional em 2010 das comunidades de Nova Almeida, Jacaraípe, Manguinhos e Bicanga é de 53.418 pessoas. Sendo que a maioria das pessoas desse conjunto não chegam a ganhar um salário mínimo. O índice de analfabetismo (15,1%) é elevado nessas comunidades, sendo maior do que a média nacional (IBGE, 2010). Contudo a maioria tem acesso a água encanada, energia elétrica e coleta de lixo, embora ainda seja precário o sistema de saneamento básico, sendo acessada por apenas 50% das pessoas. A relação de gênero é próxima, contudo existe predominância do gênero feminino. Importante ressaltar que 0,5% desse universo se declara indígena.

SERRA

COMUNIDADE	POPULAÇÃO	RENDA	ACESSO ÁGUA	ESGOTO	COLETA DE LIXO	ALFABETIZADOS	ENERGIA ELÉTRICA	INDÍGENAS	GENERO
BICANGA	1564	990,8	98,4	50,0	99,4	1389,0	99,8	0,5	102,6
JACARAÍPE	35115	862,8	98,5	62,3	98,3	751,1	99,9	0,4	97,4
MANGUINHOS	1254	2327,7	99,4	53,1	99,8	387,0	100,0	0,2	98,5
NOVA ALMEIDA	15485	637,1	97,6	27,8	97,2	579,8	99,7	0,7	98,2
Total	53418	856,1	98,2	50,0	98,0	45349,0	99,8	0,5	97,8

Renda - Rendimento nominal médio mensal

Água - Percentual de domicílios com abastecimento de água da rede geral

Esgoto - Percentual de domicílios com esgotamento sanitário via rede geral

Coleta de Lixo - Percentual de domicílios com lixo coletado

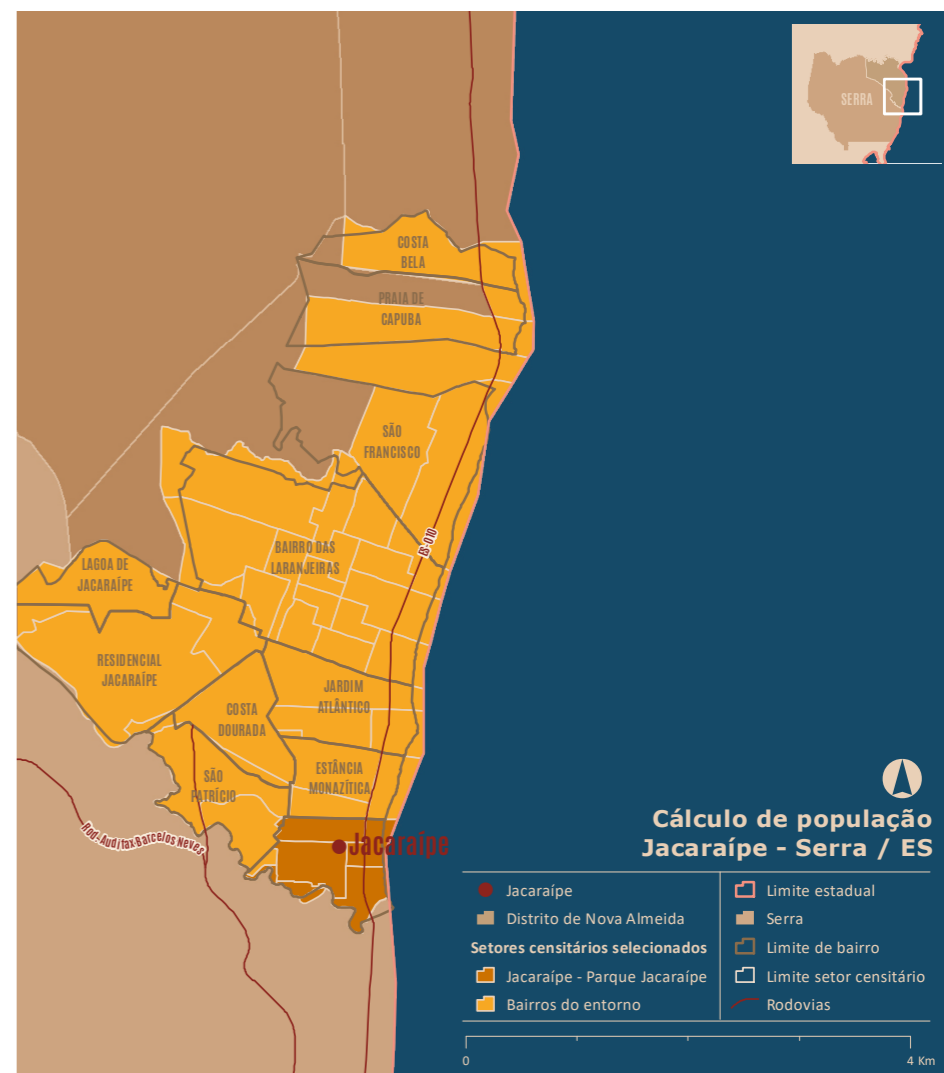
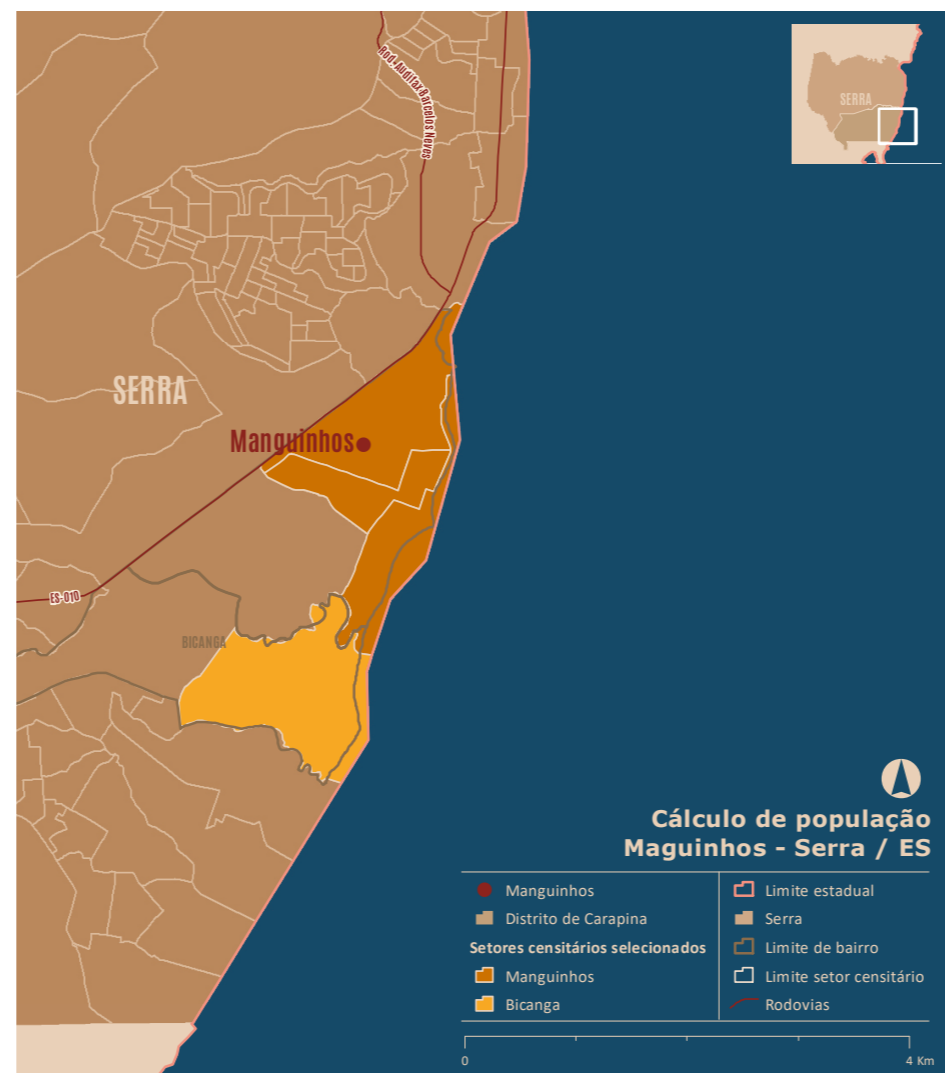
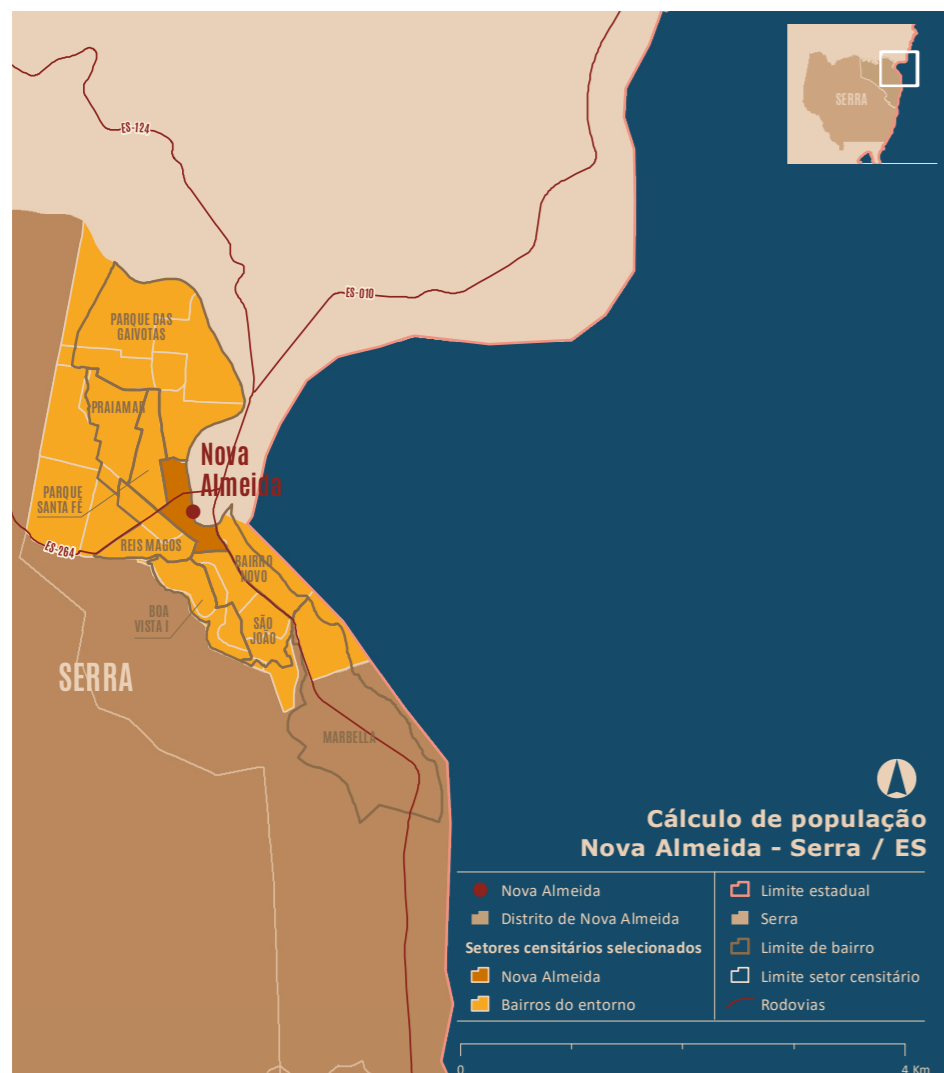
Alfabetizados - Pessoas alfabetizadas com 5 ou mais anos de idade

Energia Elétrica - Percentual de domicílios com energia elétrica

Indígenas - Percentual de pessoas indígenas

Gênero - Número de homens para cada 100 mulheres.

Fonte: IBGE, Censo 2010. População



Critérios utilizados no cálculo de população: seleção dos setores censitários (IBGE, 2010) contidos no distrito de Nova Almeida (IBGE, 2010), considerando a delimitação de bairros (Prefeitura de Serra - Lei Municipal nº 4.514/2016) e a contiguidade urbana dos mesmos.

Critérios utilizados no cálculo de população: seleção dos setores censitários (IBGE, 2010) contidos no distrito de Carapina (IBGE, 2010), considerando a delimitação de bairros (Prefeitura de Serra - Lei Municipal nº 4.514/2016) e a contiguidade urbana dos mesmos.

Critérios utilizados no cálculo de população: seleção dos setores censitários (IBGE, 2010) contidos no distrito de Nova Almeida (IBGE, 2010), considerando a delimitação de bairros (Prefeitura de Serra - Lei Municipal nº 4.514/2016) e a contiguidade urbana dos mesmos.

Nova Almeida

Serra



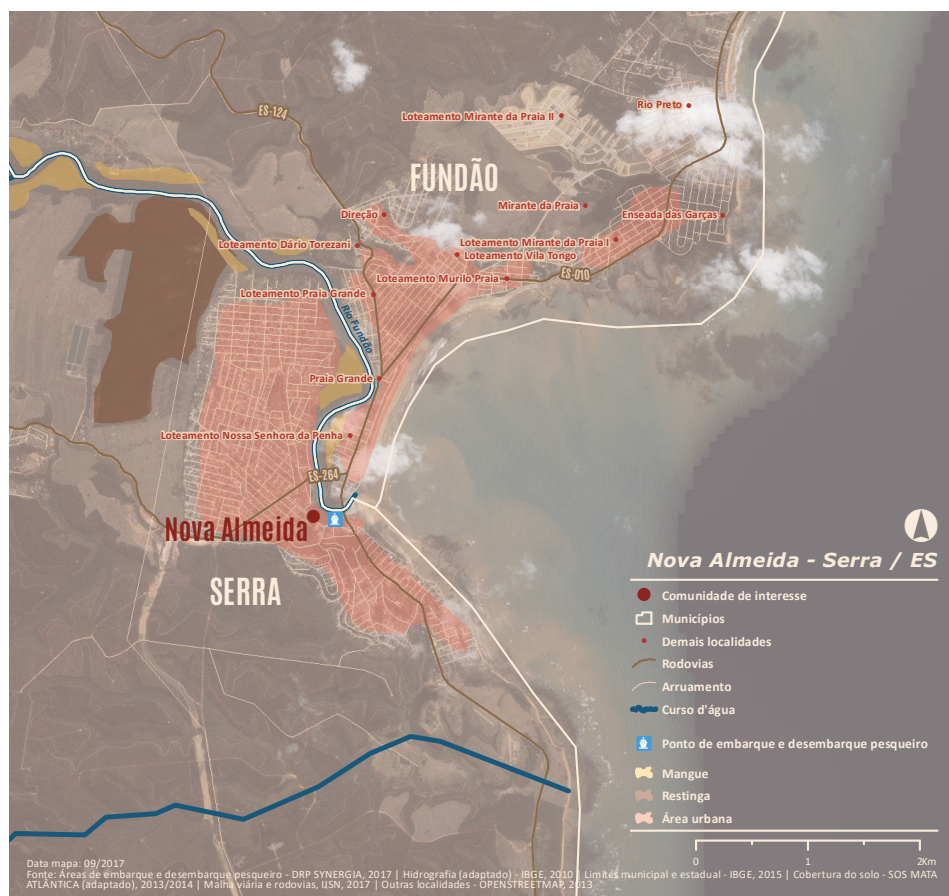
- História da Comunidade
- Caracterização da Pesca
- Impactos Relatados
- Mapa Falado
- Árvore de Problema
- Linha do Tempo

HISTÓRIA DA COMUNIDADE

Distrito do município de Serra, Nova Almeida fica cerca de 35,8 km distante de Vitória (via ES-010). O desenvolvimento recente de Nova Almeida tem como marcas, ao mesmo tempo, a beleza cênica de suas praias e os desafios na área de segurança pública com que vem lidando o município de Serra em anos recentes, principalmente após a greve da polícia militar ocorrida em fevereiro desse ano, com indicadores preocupantes.

Nova Almeida possui um histórico de ocupação a partir da chegada do europeu, que remonta ao século XVI, com a chegada de padres portugueses em aldeamentos tupiniquins. Desde 1938 sendo distrito de Serra, Nova Almeida tem hoje cerca de 91 km quadrados de área e população de cerca de 15.485 pessoas. Assim como em Manguinhos e Jacaraípe, um marco no crescimento urbano da localidade foi o asfaltamento da rodovia ES-010 nos anos 80, e a construção da ponte sobre o Rio (Gazeta Online, 2017).

De acordo com o observado ao longo das entrevistas e oficinas, o desenvolvimento urbano recente é percebido de forma ambígua pelos pescadores de Nova Almeida: por um lado são valorizadas as estruturas urbanas como vias de acesso, (ver mapa abaixo) escolas, hospitais e áreas de lazer, por outro são indicadas questões importantes para a comunidade como o assoreamento da barra do Rio após a construção da ponte, Construção da barragem da Cesan (Companhia Espírito Santense de Saneamento) que capta a água do rio Reis Magos (Cesan Notícias, 2017) podendo contribuir ainda mais com o assoreamento do rio e a presença de um emissário de rejeitos da Aracruz Celulose a cerca de 5 km mar adentro.



CARACTERIZAÇÃO DA PESCA

A estrutura de apoio à pesca da comunidade de pescadores de Nova Almeida localiza-se próxima à ponte pela qual a rodovia ES-010 cruza o Rio Reis Magos, na área central do distrito de Nova Almeida. Ao lado da ponte localiza-se uma área ampla, denominada praça do pescador, onde os barcos aportam, à beira do rio, em uma larga curva que o mesmo faz. Próximo a este pequeno porto localizam-se duas áreas de venda de pescado, uma estrutura coberta de alvenaria com diversos boxes (Foto 1) e algumas barracas de lona com isopores nas proximidades (Foto 2). Segundo um dos entrevistados, existem duas áreas de venda em função de problemas pretéritos na gestão coletiva do box de venda. Pouco acima do rio existe também uma fábrica de gelo (Foto 3), voltada a abastecer as embarcações.

Os pescadores entrevistados contam que a pesca na região vem de longa data e que era realizada no passado com canoas a remo e vela e utilizando rede de arrasto a margem da praia no verão e a linha de mão no inverno (ver mapa falado). A pesca se configurava como a maior fonte de renda e de manutenção das relações sociais da comunidade, se mantendo assim até hoje entre as famílias de pescadores, segundo eles. Nas estimativas discutidas na oficina, indicou-se a existência de cerca de 200 famílias de pescadores em Nova Almeida.

Nesta discussão sobre a quantidade de pescadores, foi relatado que a maioria possui RGP, embora muitos não exerçam a atividade; enquanto isso, muitos pescadores que dependem da pesca como principal fonte de renda, não possuem o registro de pesca. Diversos pescadores relataram também dificuldades burocráticas em conseguir tirar e renovar o RGP.

Nova Almeida possui uma associação de pescadores denominada Associação dos Pescadores Profissionais e Amadores de Nova Almeida e em Jacaraípe há a Associação dos Pescadores do Rio Jacaraípe. A Associação de Jacaraípe, segundo relatos dos pescadores, seria mais atuante regionalmente do que a de Nova Almeida.

Foi estimado pelos entrevistados uma frota em Nova Almeida de 20 a 30 embarcações pesqueiras, próprias para artes de pesca artesanais, quase todas de porte médio, de 6 a 8 metros de comprimento (Foto 4). As áreas de pesca utilizadas antes do even-

Foto 1



Foto 2



Foto 3



Foto 4



Foto 5 - camarão



to eram em frente a Nova Almeida, frente ao SESC em Santa Cruz e se estendia da Barra do Riacho até a Barra Seca (ver mapa falado).

As principais artes de pesca desenvolvidas pelos pescadores são o balão para camarão, a linha de mão para pargo e outras espécies, e a “pescaria de beirada”, conforme relatado, em que a embarcação segue sentido norte deixando de 20 a 30 pequenas redes, recolhendo-as na volta (Anexo VIII).

As principais espécies capturadas eram: pescada, pescadinha, corvina, peroá, bagres, baiacu, camarão, pargo, realito, xixarro, roncador, carapeba, peixe-galo, goibira, sardinha, tainha, maria de araujo, cação, pau de canoa ou olho de cão, robalo, anchova, palombeta, dourado, badejo, espada, garoupa, papa-terra, dentão, mulato, cherne, namorado, saioba, sarda, sirioba, arraia, batata, ariocó, pargo sargo ou gatão, sargo (Anexo IX).

Se utilizando de uma diversidade de locais, artes de pesca e espécies alvo ao longo do ano, o conjunto destas estratégias de pesca garantia uma oferta regular de rendimento aos pescadores em todas as estações.

Foto 6 - mistura



Foto 7 - pargos



Foto 8 - baiacus



IMPACTOS RELATADOS

A – DIMINUIÇÃO DA CAPTURA DE ESPÉCIES PRIORITÁRIAS DE PESCADO

Segundo os pescadores de Nova Almeida, diminuiu de forma expressiva a quantidade e diversidade de espécies capturadas. As áreas prioritárias de pesca de toda a frota da comunidade seriam ao Norte, onde hoje consta a interdição de pesca. Esta era área de captura de espécies importantes como camarão, pescadinha e peroá. Afirmam que a pescadinha migrava de Regência sentido sul entre setembro e novembro, mas que não tem aparecido mais¹.

Das espécies capturadas pela comunidade, as que ainda estariam aparecendo, embora em menor frequência, seriam baiacú, camarão, realito, maria de aráujo, badejo e garoupa. As outras espécies citadas não estariam mais sendo capturadas, ou o estariam em quantidades poucos significativas. Os pescadores afirmam que antes dos efeitos do rompimento da barragem de fundão sobre a região cada embarcação capturava de 100 a 150 kg de camarão por pescaria, e que agora cada embarcação pega entre 8 e 10 kg. No box de venda de peixes foi indicado que cada barco costumava voltar com 50 a 60 kg de pescadinha e que agora teria praticamente acabado. Este impacto seria decorrente, portanto, da diminuição da oferta de pescado nas áreas de pesca que passaram a ser utilizadas após a interdição da pesca na região da foz do Rio Doce.

Os pescadores de Nova Almeida citam outras causas para a diminuição da oferta de pescado em anos recentes: a atuação das grandes traineiras vindas do sul do país² e a dispersão de poluentes da Aracruz celulose. Relatam que com estes fatores a oferta de pescado vinha decrescendo, em ritmo lento, mas ainda mantendo a abundância da pesca e a resiliência das espécies na área costeira mais ao norte, onde consta agora a interdição.

B – MUDANÇAS DE ÁREAS E ARTES DE PESCA

Conforme indicado no mapa falado das áreas de pesca da comunidade de Nova Almeida, a faixa de mar ao norte, localizada até 20 milhas da costa, sobretudo entre 7 e 15 milhas, era uma das áreas prioritárias, dada a diversidade e quantidade de pescado na foz do Rio Doce. Com a criação da área de interdição de pesca, a comunidade teria perdido o acesso à sua área prioritária de pesca. Atualmente, segundo relataram, estão pescando mais na região em frente a Nova Almeida, utilizando principalmente linha de mão (Anexo VIII) para pescaria de pargo, baiacú e peroá. Um dos pescadores entrevistados afirmou que mesmo estas espécies, que antes eram encontradas em fartura na faixa de 8 a 10 milhas da costa, agora só estão sendo encontradas na faixa de 18 a 20 milhas.

Como a maioria das embarcações de Nova Almeida não possui as dimensões que lhes poderiam conferir autonomia e autorização (Normam 01, 2005 e Instrução Normativa MPA/MMA nº 10, de 10 de Junho de 2011) para navegar além da faixa de 20 milhas, muitos estariam ou se arriscando, avançando a faixa de 20 milhas, ou pescando de forma clandestina na área interdita. Segundo os pescadores, aqueles que possuem embarcações de pequeno porte e não pararam de pescar é porque não possuem outra estratégia viável de trabalho além desta.

"PESCADINHA E CAMARÃO SUMIU. AGORA TEM PARGO, CORVINA..."

¹ Este movimento migratório, citado também como relevante noutras comunidades estudadas, fora anteriormente descrito no estudo de PINHEIRO, H.T.* & JOYEUX, J.-C. Pescarias multi-específicas na região da foz do rio doce, es, brasil: características, problemas e opções para um futuro sustentável. Braz. J. Aquat. Sci. Technol., 11(2):15-23, de 2007.

² Documento do CEPESUL - CENTRO DE PESQUISA E GESTÃO DE RECURSOS PESQUEIROS DO LITORAL SUDESTE E SUL - de 2009 cita que "Os pescadores acusam a atuação crescente e desigual da pesca industrial com redes de cerco (traineiras) atuando sobre os cardumes presentes na costa. Para os pescadores artesanais, há uma disputa desigual pelo pescado, evidenciando uma espécie de privatização do recurso."

"COM A PROIBIÇÃO DA SAMARCO, AGORA ESTAMOS INDO PESCAR À 20 MILHAS DA COSTA."

"ALÉM DOS PREJUÍZOS NA PESCA, PREJUDICOU MUITO AS VENDAS, UNS 70%. JÁ TÔ A 3 DIAS COM O PEIXE NA BANCA E AINDA NÃO VENDI TUDO."

"FALTA DINHEIRO PARA MANUTENÇÃO DAS EMBARCAÇÕES E MOTORES."

"ATUALMENTE ESTAMOS COM UMA DIMINUIÇÃO NA CONFECÇÃO DE MATERIAIS DE PESCA"

"JÁ VENDI MEU BARCO, E OUTROS TÃO TENTANDO VENDER TAMBÉM."

C – DIMINUIÇÃO DA DEMANDA PELO PESCADO LOCAL

No box de comercialização do pescado em Nova Almeida os pescadores afirmaram que a maior queda na demanda pelo pescado se deveu à desconfiança frente a possibilidade de contaminação que ocorreu nos meses seguintes ao rompimento. Afirmam que este receio por parte da população vem diminuindo, mas que ainda respondem muitas perguntas sobre o assunto nas bancas de comercialização.

D - DIMINUIÇÃO DA RENDA ORIUNDA DA PESCA

A queda significativa na produtividade da pesca teve, segundo os pescadores, impacto direto nas receitas oriundas da pesca entre suas famílias. A maioria das embarcações se encontra parada, e muitos pescadores estão tentando vender os barcos. Um dos entrevistados vendera um de seus 3 barcos dias antes para um comprador de Guarapari.

Este contexto, aliado a atual crise econômica, estaria colaborando para uma situação de crescente desemprego e diminuição de qualidade de vida entre a população de pescadores.

E – IMPACTOS NA CADEIA PRODUTIVA DA PESCA

Os pescadores entrevistados relataram impactos na cadeia produtiva da pesca, considerando lojas de petrechos de pesca, prestadores de serviços de manutenção como mecânicos e soldadores. Considerando também aqueles que não são pescadores, mas se ocupam da comercialização e beneficiamento do pescado, setor onde as mulheres desempenham um papel importante e onde ganham sua renda direta. Nos boxes de comercialização do pescado fora indicado que a média de venda anteriormente era de 100 kg por dia, e que hoje estaria entorno de 30 kg por dia.

F – DESESTÍMULO A CONTINUIDADE DA PESCA

A atual proibição de pesca na Foz do Rio Doce, aliada as repercussões advindas da publicação da portaria do MMA nº 445 de 17 de dezembro de 2014 e da implantação das unidades de conservação marinha na região (APA Costa das Algas e Refugio de Vida Silvestre criadas em 2010 pelo Decreto de 17 de junho) contribue, de acordo com os pescadores entrevistados, para um contexto geral de desânimo frente as perspectivas locais da atividade pesqueira, o que fica claro no movimento de muitos proprietários buscando vender seus barcos.

G – INSEGURANÇA QUANTO A POSSIBILIDADE DE CONTAMINAÇÃO DO PESCADO

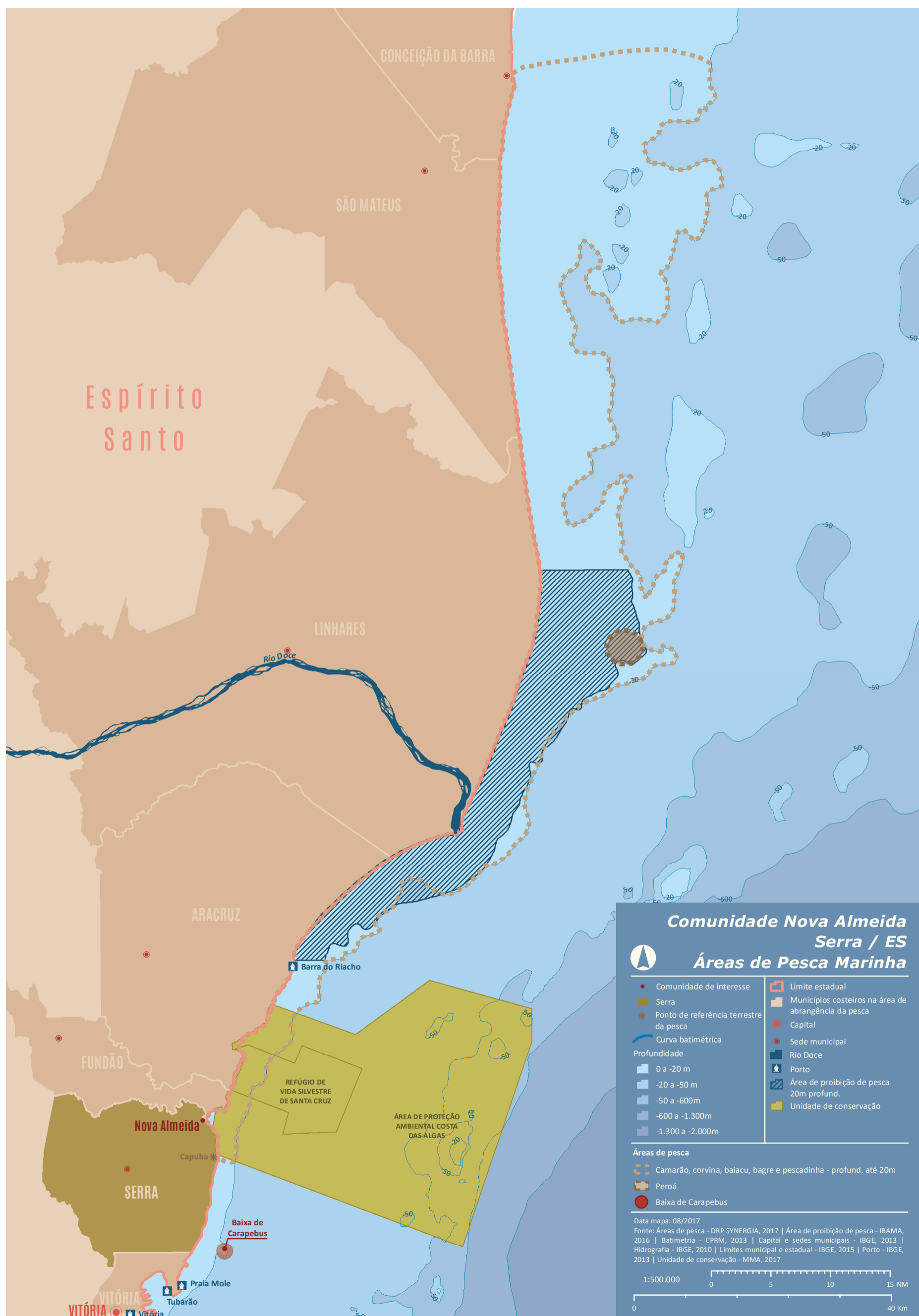
As pessoas entrevistadas relataram insegurança por pescar, comercializar e ingerir o pescado sem ter acesso a informações confiáveis sobre a contaminação ou não do pescado. Neste sentido os pescadores questionam reiteradamente a definição de uma linha imaginária de proibição, uma vez que as espécies migram e há alta interferência dos fatores meteorológicos e oceanográficos no processo de dispersão dos rejeitos de minério, principalmente as correntes de maré que, geralmente, com a aproximação à costa se intensificam. Em estuários parcialmente misturados as correntes de maré são pelo menos dez vezes superiores às correntes com outra origem (Garrison, 2010; Nota Técnica nº 3/2017/ Vitória ES/TAMAR/DIBIO/ICMBio VitóriaES). Neste sentido os pescadores questionam os critérios científicos da definição da área de proibição de pesca e afirmam não existirem estudos que possam caracterizar o que existe de fato em termos de contaminação, o que seria importante e urgente.

H – RELATOS DE EVIDÊNCIAS MATERIAIS DE CONTAMINAÇÃO

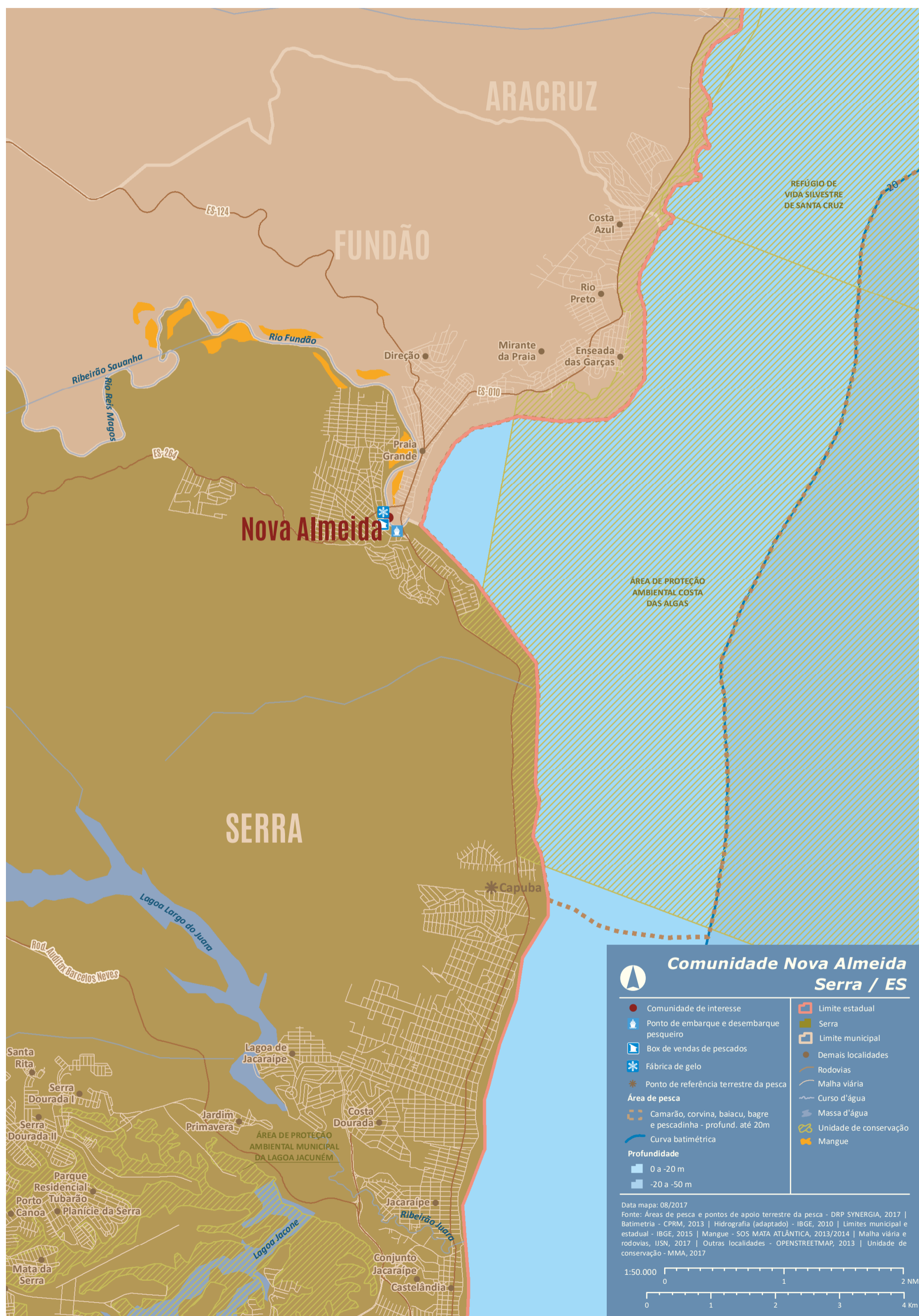
Os pescadores relataram que a partir de julho de 2016 começaram a avistar uma coloração mais marrom da água em dias de mar agitado e vento sul. Alguns pescadores relataram que após estes eventos surgiram peroás mortos na praia, e que as tariobas, um molusco do tipo bivalve que fica enterrado nas praias, começaram a ficar expostas na superfície da areia, tendo sido consumidas por pescadores. Foram relatados também petrechos de pesca saindo do fundo do mar com coloração amarelada e marrom, como redes, cordas, linhas e iscas.

"SEMPRE TEVE TARIOBA (MOLUSCO), MAS POUCO, ELA FICAVA ENTERRADA NA AREIA, TINHA QUE CAVAR PRA PEGAR. E QUE AGORA TEM MUITAS APARECENDO EM CIMA DA AREIA. E TÁ APARECIDO MUITO PEROÁ MORTO NA PRAIA."

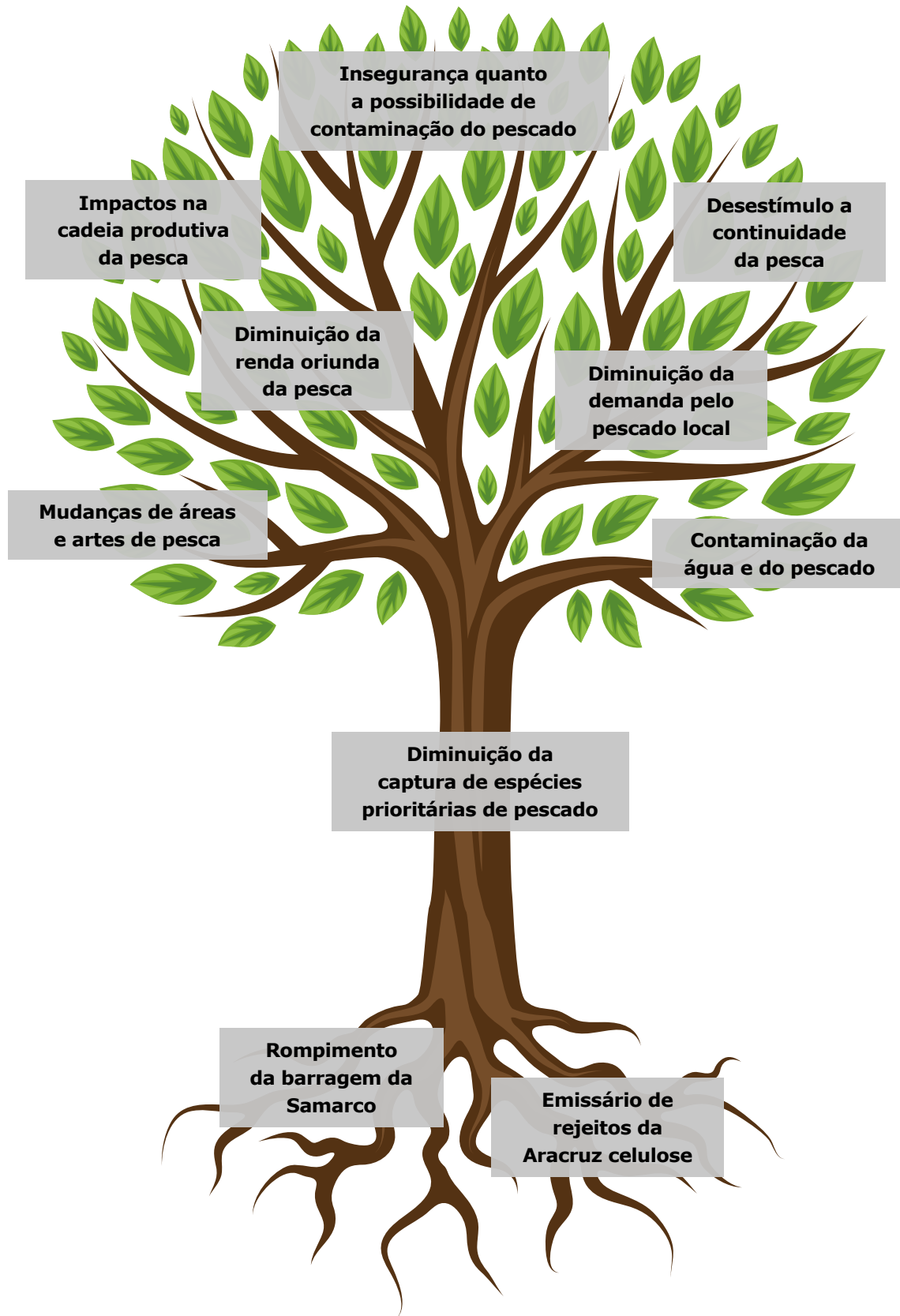
MAPA FALADO



MAPA FALADO



ÁRVORE DE PROBLEMA



LINHA DO TEMPO



A pescaria era produtiva e tinha uma diversidade de áreas de pesca e espécies capturadas ao longo do ano. As espécies eram: **pescada**, **pescadinha**, **corvina**, peroá, **bagres**, baiacu, camarão, pargo, realito, xixarro, **roncador**, **carapeba**, **peixe-galo**, **goibira**, **sardinha**, tainha, maria de araujo, **cação**, pau de canoa ou olho de cão, **robalo**, anchova, palombeta, dourado, badejo, **espada**, garoupa, **papa-terra**, **dentão**, mulato, **cherne**, **namorado**, saioba, sarda, sirioba, arraia, batata, **ariocó**, **pargo sargo ou gatão**, sargo. A comercialização era feita de forma direta (consumidor final), tendo muita saída através dos turistas. A atividade da pesca gerava emprego para muitas pessoas vinculadas a confecção de redes em geral, espinheis, material de pesca de mão, tarrafas, construção e manutenção de embarcações.

** Destaque vermelho: espécies que sumiram*



Diminuiu de forma expressiva a quantidade e diversidade das espécies capturadas e áreas de pesca. As espécies são: pargo, xixarro, peroá, **baiacu**, **camarão**, **realito**, tainha, **maria de araujo**, olho de cão, anchova, **palombeta**, **dourado**, saioba, sirioba, arraia, batata, sargo, **badejo**, **garoupa**. A comercialização diminuiu expressivamente depois da divulgação do acidente da Samarco e os turistas ficaram com receio de consumir o pescado. Atualmente predomina uma diminuição da confecção de materiais de pesca e falta de dinheiro para manutenção das embarcações e motores. A área proibida após a ruptura da barragem associada as já existentes unidades de conservação estimulam os pescadores em seu extremo a pensarem em vender suas embarcações.

** Destaque lilás: espécies que ainda ocorrem, entretanto em menor quantidade.*



Festa de São Benedito e puxada de mastro no dia 20 de janeiro com passeios de embarcações no rio Reis Magos



Já percebiam resíduos da Aracruz Celulose no mar.



Não tem mais o passeio dos barcos devido ao assoreamento do rio Reis Magos, sendo a festa terrestre comemorada apenas.



Além dos resíduos da Aracruz tem agora os rejeitos de minério da Samarco. Percebem que quando o vento vem de norte para o sul as águas ficam amarelas.



ECONOMIA: produtos da pesca, agricultura e pecuária, turismo, artesanato.



MEIO AMBIENTE: solo, água, vegetação.



CULTURA / RELIGIÃO: festas, datas comemorativas.



O marco temporal estipulado pelos participantes foi o rompimento da barragem da Samarco em 2015.

Serra

Jacaraípe

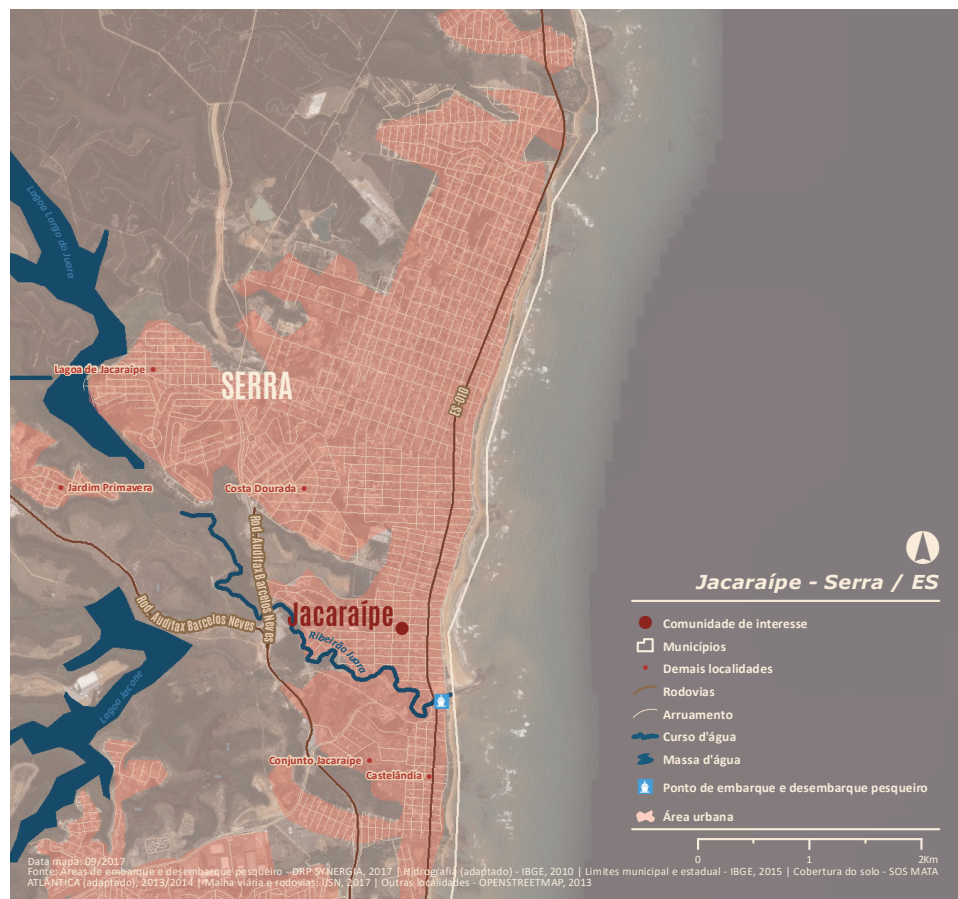


- História da Comunidade
- Caracterização da Pesca
- Impactos Relatados
- Mapa Falado
- Árvore de Problema
- Linha do Tempo

HISTÓRIA DA COMUNIDADE

O Bairro de Jacaraípe, distrito de Nova Almeida, município de Serra, era uma localidade isolada e habitada apenas por pescadores até os anos 60. Nesta década a velha ponte de madeira que ligava os lados norte e sul da barra do Rio Juara foi substituída por uma grande ponte de concreto. Nos anos 80, com a pavimentação da ES-010, a região se integrou a expansão da mancha metropolitana de Serra e da Grande Vitória. De acordo com os pescadores participantes da oficina o nome da comunidade remete a uma jaqueira que existia no marco central da comunidade, que teria se originado com algumas poucas famílias de pescadores. Outras fontes apontam que o nome venha da língua tupiniquim, significando “caminho do homem branco”. Referenciais culturais importantes no calendário festivo local seriam a festa de São Pedro e de Nossa Senhora dos Navegantes.

Considerando a dimensão e a escala de Jacaraípe no contexto urbano de Serra, com cerca de 3.539 pessoas, denomina-se aqui comunidade de Jacaraípe a comunidade de pescadores da localidade (ver mapa abaixo).



CARACTERIZAÇÃO DA PESCA

Existe em Jacaraípe a ASPEJ - Associação dos Pescadores de Jacaraípe, presidida pelo Sr. Manoel Bueno dos Santos, conhecido localmente como Nego da Pesca. A estrutura de apoio à pesca em Jacaraípe localiza-se próxima a ponte da rodovia ES-010 que une os lados sul e norte da Barra do Ribeirão Juara. Nesta barra existe um quebra mar que facilita a entrada das embarcações no estuário, e as mesmas aportam em pequeno porto na beira do Rio às margens da rodovia (Foto 1). Nesta mesma área localizam-se dois pontos de venda de pescado: um box estruturado gerido pelos pescadores (Foto 2), e do outro lado da rodovia a peixaria municipal, com alguns boxes de venda de pescado (Foto 3) e a fábrica de gelo voltada a abastecer as embarcações.

A maioria das embarcações da frota de pesca artesanal em Jacaraípe possui entre 6 e 8 metros de comprimento, com convés, e autonomia média de até 3 dias no mar. Existem também embarcações maiores com autonomia de até 20 dias. As embarcações maiores levam 4 tripulantes e as menores em geral 3 tripulantes (Foto 4).

As principais artes de pesca utilizadas são o espinhel (dourado, baiacu, cação), com cerca de 200 metros de comprimento, a linha de mão marítima e as redes de arrasto (balão) (Anexo VIII). Por meio destas artes as principais espécies capturadas são pescadas, pescadinha, baiacu (de junho a setembro), peroá, corvina, guaivira, camarão, sargo, arioco, dentuço, pampo, pargo, olho de vidro, biquara, badejo e corvina (Anexo IX). Em relação a pescadinha foi indicada, assim como em Nova Almeida e Manguinhos, a correlação da pesca com o movimento migratório da espécie no verão, no sentido de norte para sul.

As principais áreas de pesca indicadas pelos pescadores foram mais ao norte do estado do Espírito Santo, de Jacaraípe até conceição da Barra, em viagens que duravam em média 4 ou 5 horas. A maioria dos pescadores relatou que as principais áreas se localizavam entre 15 e 30 metros de profundidade, embora alguns tenham relatado pescar a mais de 35 metros (ver mapa falado).

Foto 1



Foto 2 - baiacus



Foto 3



Foto 4



Foto 5 - biquaras (a esquerda) e pargos (a direita)



Foto 6 - baicus (a esquerda) e olho de vidro (a direita)



Segundo os relatos cada pescador pegava em torno de 30 a 40 kg de peixe por dia. Além do que já era produzido pela frota de Jacaraípe, muito pescado de Regência era absorvido pelo mercado de Jacaraípe, principalmente o camarão, robalo e dorminhoco, que tinham mais qualidade. Esse pescado vinha tanto trazido por atravessadores para ser vendido em Jacaraípe quando dos próprios pescadores de Jacaraípe que iam pescar na região. Segundo relato dos entrevistados, cada dono de barco em operação gera em média 4 empregos. Além das mulheres que possuem importância na cadeia produtiva da pesca, desempenhando beneficiamento e comercialização do pescado.

IMPACTOS RELATADOS

A – DIMINUIÇÃO NA CAPTURA DE ESPÉCIES PRIORITÁRIAS DE PESCADO

Segundo os pescadores a área de pesca mais produtiva para a comunidade está interdita com a proibição de pesca na foz do Rio Doce. Seria essa área o local de captura de diversas espécies entre elas, camarão e pescadinha, com alto valor comercial. Os pescadores citam que esta área de proibição tem efeito sinérgico com outras limitações impostas à comunidade, como as restrições relacionadas às Unidades de Conservação pré-existentes na região (APA Costa das Algas e Refúgio da Vida Silvestre) e a portaria do MMA nº 445 de 2014, também citadas pelos pescadores de Nova Almeida.

Como a maioria dos pescadores possui barcos de até 8 metros de comprimento, não podem pescar na região para além da área de proibição, visto serem embarcações proibidas de avançar até essa distância da costa (Normam 01, 2005 e Instrução Normativa MPA/MMA nº 10, de 10 de Junho de 2011). Além desta limitação territorial, alguns estoques pesqueiros importantes estariam diminuindo, como pargo, peroá e sio-ba. Um dos pescadores relatou pegar antes cerca de 600 kg de peroá em um dia, e que hoje não pega 20 kg. A diminuição na captura de peroá, mesmo fora da área de proibição, foi reiterada por diversos pescadores de Jacaraípe.

B – MUDANÇAS DE ÁREAS E ARTES DE PESCA

Impedidos de utilizar sua área prioritária de pesca, parte das embarcações tem se dedicado a pescaria de linha de mão, pegando por exemplo espécies como corvina, pescada, peroá e baiacú. As embarcações maiores estão por sua vez procurando acessar áreas de pesca mais distantes, gerando maiores gastos para pescar, com o aumento dos custos do combustível, alimentação e outros recursos com essas viagens mais longas.

Importante registrar a truculência da fiscalização do IBAMA relatada pelos pescadores, dizendo que nem mesmo circular pela área proibida ou nas imediações dela lhes é permitido, sendo relatados casos de multa indevidas de algumas embarcações.

C – DIMINUIÇÃO DA DEMANDA PELO PESCADO LOCAL

Foi relatado que houve uma diminuição na procura pelo pescado na região. O ponto de venda de pescado gerido pelos comerciantes de pesca e pescadores teve diminuição na demanda, especialmente de atravessadores vindos de fora, enquanto na peixaria municipal foi relatada diminuição no volume de vendas com o fim do fluxo de peixes de Regência para Jacaraípe.

"PESCADINHA DAVA MUITO EM REGÊNCIA E DESCIA, AGORA ACABOU TUDO."

"QUANDO A LAMA COMEÇOU A APARECER FOI ATÉ ABAFADO NO BOX PARA EVITAR A QUEDA DA VENDA". "A GENTE NÃO DIVULGA MUITO PARA NÃO ATRAPALHAR AS VENDAS"

D - DIMINUIÇÃO DA RENDA ORIUNDA DA PESCA

Segundo os pescadores de Jacaraípe, somando o fato da proibição de áreas de pesca que eram importantes; à limitação das pequenas embarcações em acessar outras áreas mais distantes; ao aumento de gasto para acessar áreas de pesca mais distantes e à diminuição da demanda pelo pescado local, configura-se um contexto de diminuição significativa da renda das famílias de pescadores. Agrega-se a este contexto o aumento dos gastos com a manutenção da frota e petrechos de pesca parados, que passam a se deteriorar mais rapidamente.

E – DESESTÍMULO A CONTINUIDADE DA PESCA

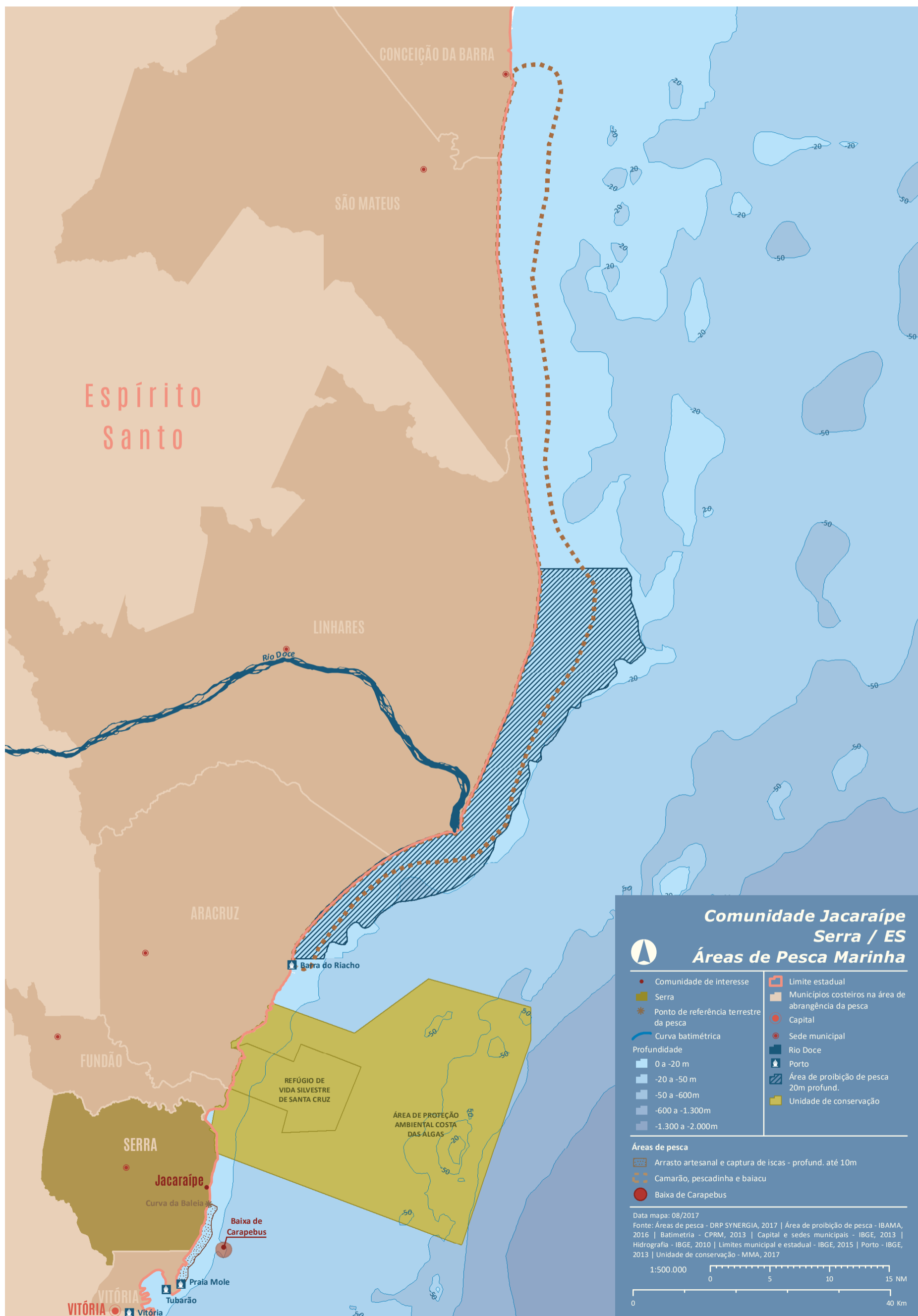
Considerando a totalidade dos impactos relatados o quadro observado em Jacaraípe foi de desânimo com a continuidade das atividades da pesca. Muitos relatam estar com barcos parados, ou tentando vender, outros relatam dívidas com prestações assumidas na compra de embarcações, outros ainda falam das dificuldades em acessar outros empregos para aqueles que só conhecem a pesca. Esta situação se verifica especialmente naqueles pescadores com embarcações menores, até 8 metros.

F – RELATOS DE EVIDÊNCIAS MATERIAIS DE CONTAMINAÇÃO

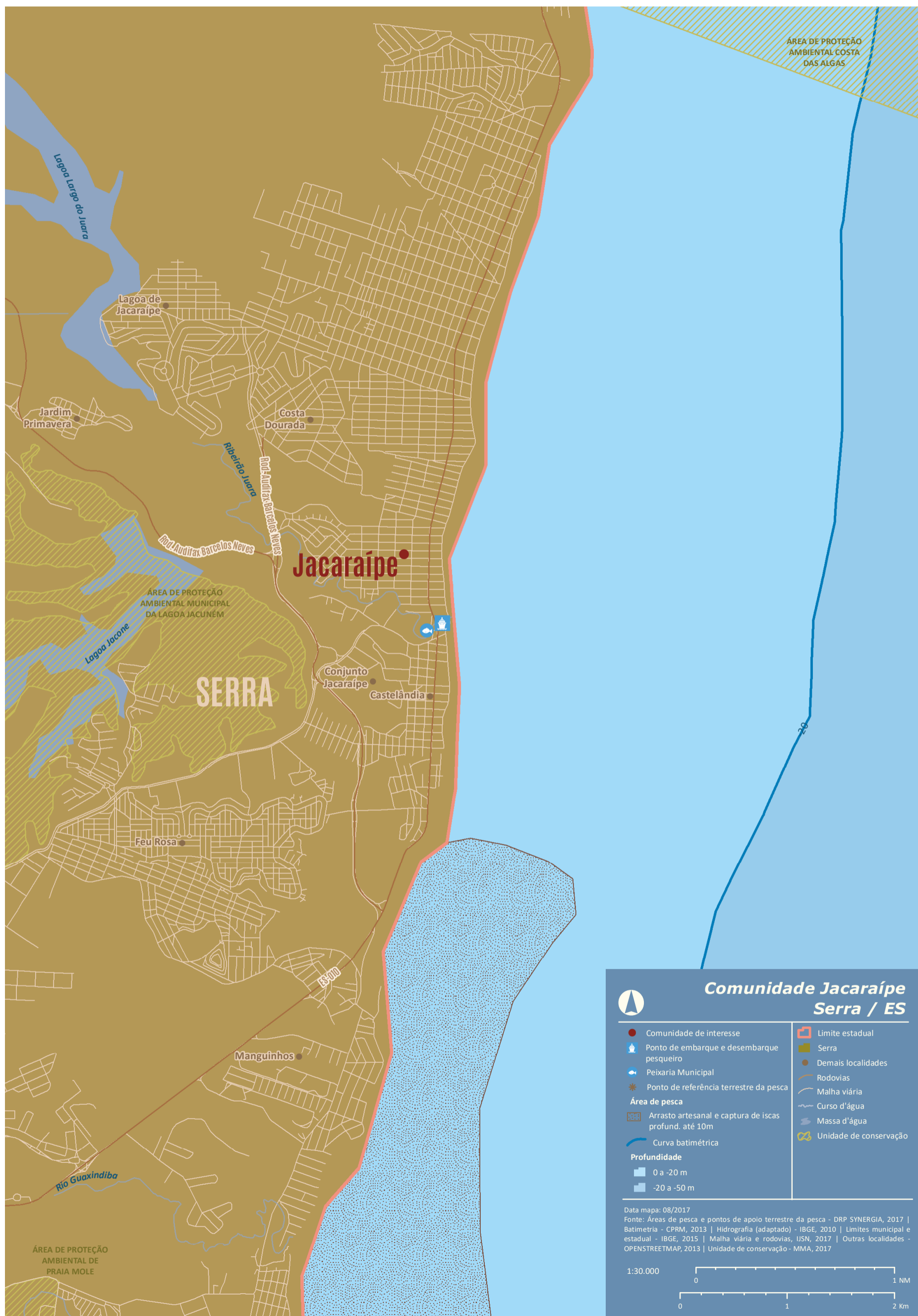
Os pescadores de Jacaraípe relataram que após a chegada dos efeitos do evento na região, nos dias de mar agitado com vento sul, vêm comumente verificando que seus equipamentos de pesca - iscas, arrastos e redes de pesca - saem do mar com coloração marrom. Foram diversos os relatos de pescadores de Jacaraípe que teriam retirado seus petrechos de pesca do mar com indícios de contaminação pela lama (com coloração amarelada) que associam oriunda do rompimento da barragem de fundão.

**"AS ISCAS ESTÃO
VINDO CHEIA DE LAMA,
TODA BABADA."**

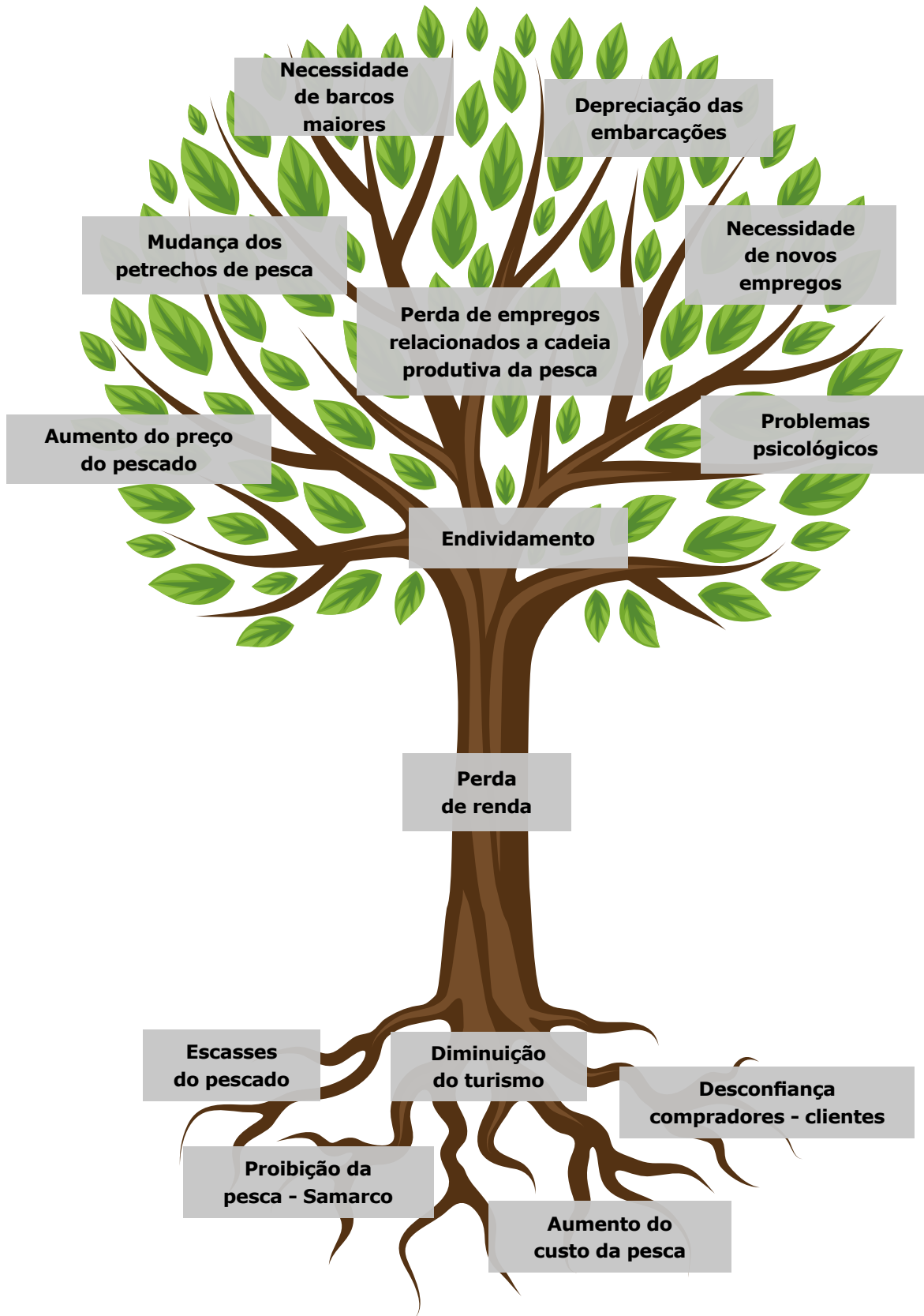
MAPA FALADO



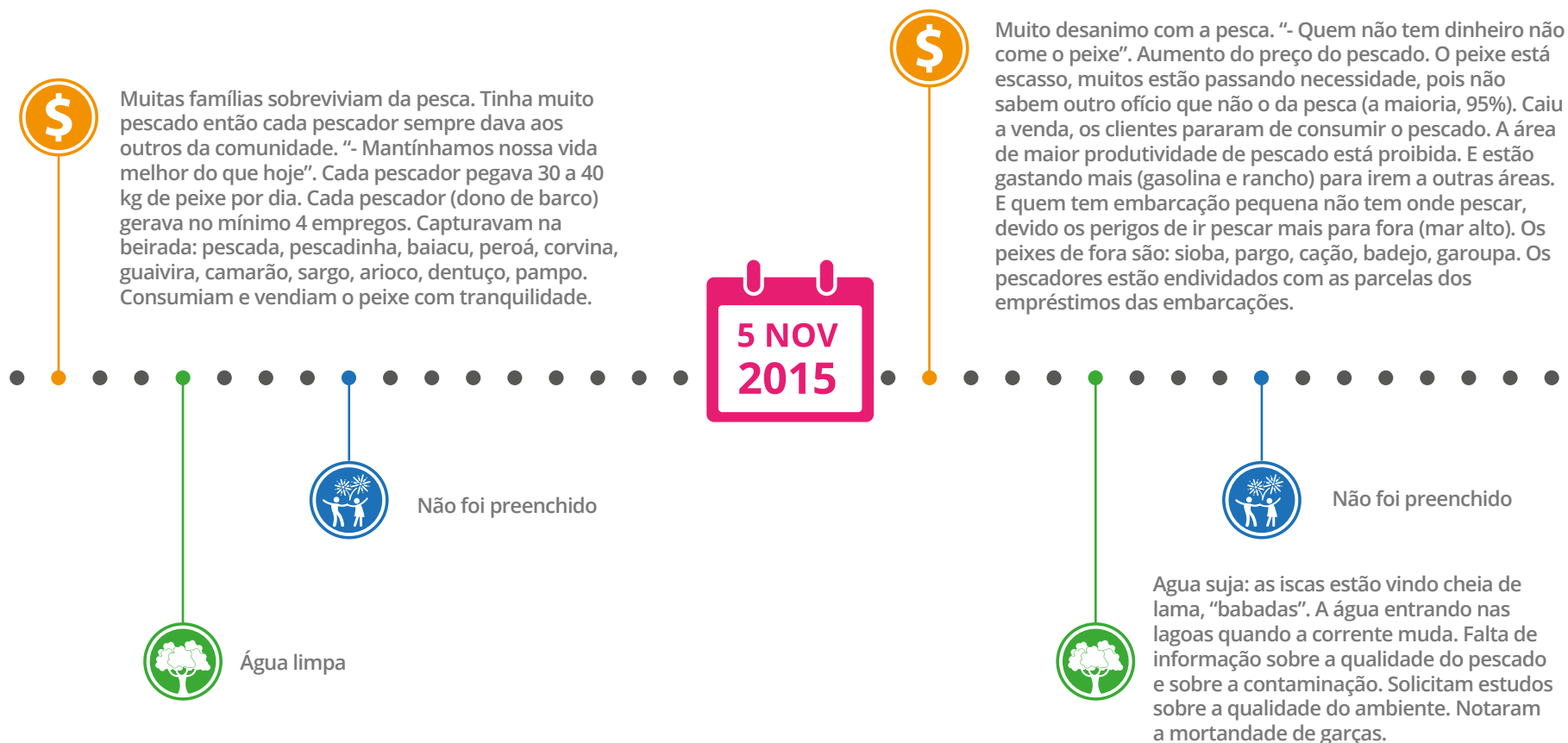
MAPA FALADO



ÁRVORE DE PROBLEMA



LINHA DO TEMPO



ECONOMIA: produtos da pesca, agricultura e pecuária, turismo, artesanato.



MEIO AMBIENTE: solo, água, vegetação.



CULTURA / RELIGIÃO: festas, datas comemorativas.



O marco temporal estipulado pelos participantes foi o rompimento da barragem da Samarco em 2015.

Serra

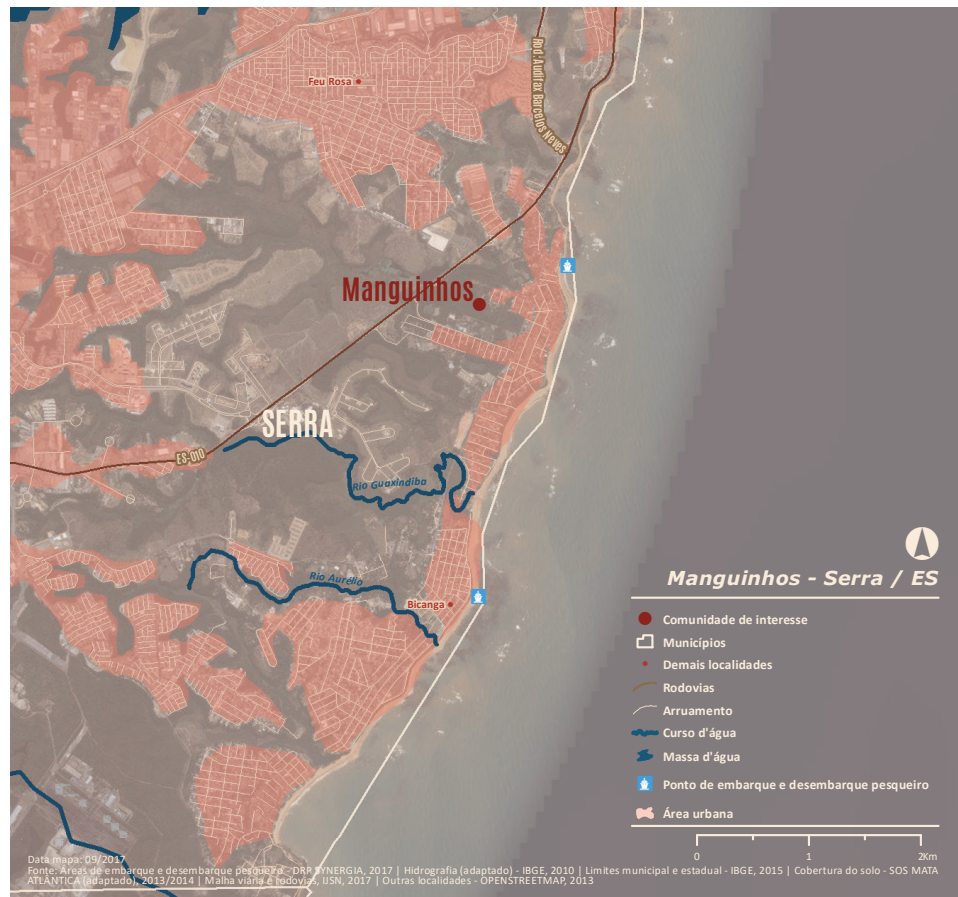
Manguinhos



- História da Comunidade
- Caracterização da Pesca
- Impactos Relatados
- Mapa Falado
- Árvore de Problema
- Linha do Tempo

HISTÓRIA DA COMUNIDADE

Manguinhos localizada no distrito de Carapina no município de Serra, está localizada a cerca de 20 km ao norte de Vitória (via Av. Fernando Ferrari e ES-010). De acordo com moradores, a comunidade foi fundada pelos tataravôs dos atuais moradores: as Família Santos, a Família Aguiar e Família de D. Erondina, que não se recordaram o sobrenome. O nome da localidade viria da presença de um mangue existente ali no passado. Os registros da ocupação da área remontam ao início do século XIX, quando o naturalista francês August Saint Hilaire cita após viagem à região a ocupação da ponta dos fachos, hoje uma das praias de Manguinhos. Pesquisa de 1957 descreve Manguinhos como pequena vila de pescadores, com abertura recente de estrada de chão até Vitória. Nesta época estimava-se em 600 pessoas a população local, a maioria parentes, e o arrasto de praia era uma das principais artes de pesca praticadas (Portal Oficial do Balneário de Manguinhos).



Atualmente está integrada à mancha metropolitana de Vitória, com uma população de cerca de 1.257 pessoas, possui diversas casas de veraneio, utilizadas principalmente por proprietários de Vitória e veranistas de outros estados como Minas Gerais e São Paulo. A via principal do bairro conduz à praça à beira da praia onde fica o rancho de pesca, e onde ocorre o desembarque e venda do pescado local, para clientes de Serra, Jacaraípe e Vitória, especialmente aos finais de semana (ver mapa a cima).



A inclusão da comunidade de Manguinhos no escopo do trabalho se deu após a identificação, no primeiro campo da pesquisa, da integração destes pescadores à comunidade de pescadores de Nova Almeida, em termos de áreas de pesca, logísticas e estruturas comerciais compartilhadas. Foram os próprios pescadores e comerciantes de pescado de Nova Almeida que indicaram a necessidade de inclusão de Manguinhos para uma correta representatividade da comunidade pesqueira local.

Na comunidade existe a Associação de Pescadores de Manguinhos. O presidente não fora entrevistado por estar doente, mas um dos pescadores entrevistados é o atual candidato à sucessão. A colônia Z-11 também foi citada como referência da comunidade, mas de forma mais distante. Segundo os entrevistados a Associação possui 47 associados, mas pouco mais de 20 pescadores profissionais, que de fato vivem da pesca. Os outros seriam pescadores que possuem também outros empregos além da pesca.

As principais atividades econômicas locais são a pesca e a cadeia de comércios e serviços atrelada ao turismo de veraneio que domina a paisagem da localidade.

CARACTERIZAÇÃO DA PESCA

O núcleo pesqueiro da comunidade de Manguinhos realiza uma pesca tipicamente artesanal, contendo oito embarcações direcionadas ao arrasto de Camarão e outras embarcações menores, cerca de 17, usadas tanto para se deslocar até a frota camaroeira quanto para pescar de linha, com jig (isca artificial) ou linha de mão (uso do Camarão como isca) (Foto 1) (Anexo VIII). As embarcações de arrasto, possuem de 6 a 8 metros, com casario e em geral levam três tripulantes. As embarcações menores têm uma dinâmica de pesca de "bate volta", manhã e tarde, possuindo dois tripulantes.

Os pescadores de Manguinhos afirmam que sua principal área de pesca era até 7 milhas da costa, entre Manguinhos e Regência, inserida na área de proibição de pesca (ver mapa falado). Nesta área, as espécies capturadas mais citadas foram a pescada, pescadinha, camarão VG, badejo, pargo, lagosta, polvo, baiacu, sarda, cavala, camarão 7 barbas, camarão branco, anchova, xixarro, catoá, coró, búzio, xaréu, corvina, sioba, realito, papa-terra e peroá (Anexo IX). A pescadinha e o camarão, são as espécies de maior valor agregado, sendo que a primeira era pescada na época de sua migração próxima a costa no sentido norte-sul. Os pescadores entrevistados estimaram que cada embarcação, em média, pegava cerca de 150 kg de camarão por dia, e que em pescarias de cerca de 6 horas podiam pegar até 70 kg de pescadinha. Atualmente, afirmam capturar anchova (Foto 2), xaréu, baiacú e xixarro, que seriam, ao contrário da pescadinha, peixes vindos de alto mar, e não do norte pela costa. Anchova e xixarro seriam, porém, espécies com incidência na região apenas no inverno. O baiacu é um peixe muito procurado e relativamente caro na localidade, sendo o custo do seu quilograma em média de R\$20,00 na ocasião da pesquisa.

Outras áreas de pesca citadas foram a Baixa de Carapebus, parcel localizado ao sul da comunidade, e a pesca de lagostas e polvos nas áreas de coral em frente à praia de Manguinhos (ver mapa falado). Afirmam também que mesmo os barcos maiores, que saiam da região para pescar além de 20 milhas da costa, faziam o percurso beirando a costa até Regência, de onde seria mais próximo e facilmente acessível a zona de quebra da plataforma continental, denominada pelos pescadores de "barranco".

Foto 1



Foto 2 - anchova



Atualmente a localidade de Manguinhos é ocupada em sua maior parte por um conjunto de residências de veraneio de médio e alto padrão. Estas casas seriam utilizadas tanto para usufruto de proprietários de Vitória quanto para locação a turistas de outras regiões, e este fluxo seria a força motriz principal da cadeia econômica de comércios e serviços voltados aos veranistas. A comercialização da pesca teria seu ponto alto aos finais de semana e verão, atendendo as famílias de turistas.

IMPACTOS RELATADOS

"HOUE UM GRANDE IMPACTO DA LAMA SOBRE A PESCA, DIMINUINDO MUITO A CAPTURA DE PESCADINHA, CAMARÃO E PESCADA AMARELA."

¹ E conforme PINHEIRO, H.T.* & JOYEUX, J.-C. *Pescarias multi-específicas na região da foz do rio doce, es, brasil: características, problemas e opções para um futuro sustentável. Braz. J. Aquat. Sci. Technol., 11(2):15-23, 2007*

A – DIMINUIÇÃO NA CAPTURA DE ESPÉCIES PRIORITÁRIAS DE PESCADO

Segundo os pescadores participantes das oficinas e entrevistados, houve impacto da chegada da lama oriunda do rompimento da Barragem de Fundão sobre a pesca, diminuindo a captura de pescadinha, camarão e pescada amarela. A pescadinha migraria segundo os pescadores¹ de norte para sul nas correntes de água mais quentes para desovar, próximo a região da foz do Rio Doce, e este movimento migratório fazia parte do calendário ecológico da pesca artesanal de Manguinhos, como citado também pelos pescadores de Nova Almeida.

Os impactos relatados seriam tanto na diminuição do estoque destas espécies quanto na impossibilidade de capturá-las em suas áreas preferenciais de incidência, onde atualmente a pesca foi proibida. Afirmam que a partir dos anos de 2015/2016 estas espécies não têm aparecido, ou ocorrem em menor intensidade, especialmente a pescadinha.

A produtividade da pesca por embarcação, anterior a 2015 foi estimada em cerca de 150 kg de camarão por dia, e até 70 kg de pescadinha em um período de 6 horas de pesca.

Os pescadores reconhecem a sinergia de impactos na pesca decorrentes de diferentes origens. Citam a presença da Petrobrás, da poluição de esgotos nos rios e da lama oriunda de Fundão como causas distintas. Foi ressaltado o impacto também das traineiras do Sul na pesca local. Segundo os entrevistados as traineiras exploram muito os estoques pesqueiros na região, pescando a 15 milhas da costa e contribuindo para a diminuição de peixes como olho de boi, pescada amarela e cavala. Na visão dos pescadores, a pesca vinha diminuindo em anos anteriores, mas mantendo certo padrão de abundância, e teria tido uma queda mais acentuada após o evento e seus efeitos na região.

B – MUDANÇA DE ÁREAS DE PESCA

Com a proibição da área de pesca ao norte, a até 7 milhas da costa entre Manguinhos e Regência, os pescadores de Manguinhos estariam passando a utilizar com maior frequência a Baixa de Carapebus como área de pesca. Nesta área as embarcações utilizadas são as de pequeno porte, com motor de popa, e dinâmica de ida e volta em algumas horas, utilizando linha de mão. As principais espécies capturadas são a corvina, xaréu e xixarro. Os pescadores relatam que a Baixa de Carapebus é um lugar arriscado para pesca, pois trata-se de um parcel com profundidade de 10 metros em meio a uma área de maior profundidade, de maneira que se formam grandes ondas no local. Foram descritos diversos naufrágios no passado, um deles ocorrido com um dos pescadores entrevistados.

Os barcos de arrasto de camarão vêm operando nas áreas próximas à praia de Manguinhos, onde afirmam pegar menores quantidades. Para o camarão, as principais áreas eram os "buracos", pequenas áreas de maior profundidade em meio aos corais costeiros, entre Manguinhos e Regência, onde os camarões se agrupariam e onde seria possível aplicar as artes de pesca.

"AGORA COM O ABANDONO DAS ÁREAS DE PESCA AO NORTE, A ÁREA PRINCIPAL TEM SIDO A HÁ DUAS MILHAS, NA BAIXA DE CARAPEBUS, UM PARCEL BEM PERIGOSO PARA NAVEGAÇÃO, ONDE MAIS DE 30 BARCOS DE VITÓRIA E OUTROS DE OUTROS LUGARES JÁ NAUFRAGARAM."

C – DIMINUIÇÃO DA DEMANDA PELO PESCADO LOCAL

Fora relatado pelos pescadores de Manguinhos que após o rompimento da barragem, com a grande exposição midiática de seus efeitos, houve uma crescente desconfiança por parte do público comprador quanto à qualidade do pescado local. Tanto os clientes locais quanto compradores de Vitória teriam diminuído o fluxo de encomendas e compras nos meses seguintes. A queda no fluxo de turistas para a localidade também estaria segundo os pescadores impactando negativamente a demanda pelo pescado

D - DIMINUIÇÃO DO FLUXO DE TURISTAS

Fora relatado um impacto significativo no fluxo de turistas em Manguinhos no verão seguinte ao evento. Segundo os moradores a repercussão do rompimento da barragem de Fundão na mídia inibiu o fluxo de turistas no verão de 2015/2016. No verão seguinte o movimento seria maior, mais ainda abaixo da média dos anos anteriores. Segundo um dos entrevistados que trabalha como caseiro, esta diminuição impacta indiretamente a oferta de trabalhos como jardineiros, caseiros, faxineiros e empregados domésticos. Ainda segundo os entrevistados, estes impactos sobre o turismo teriam sinergia com a crise econômica e com a greve de policiais militares ocorridas no estado do Espírito Santo em fevereiro de 2017.

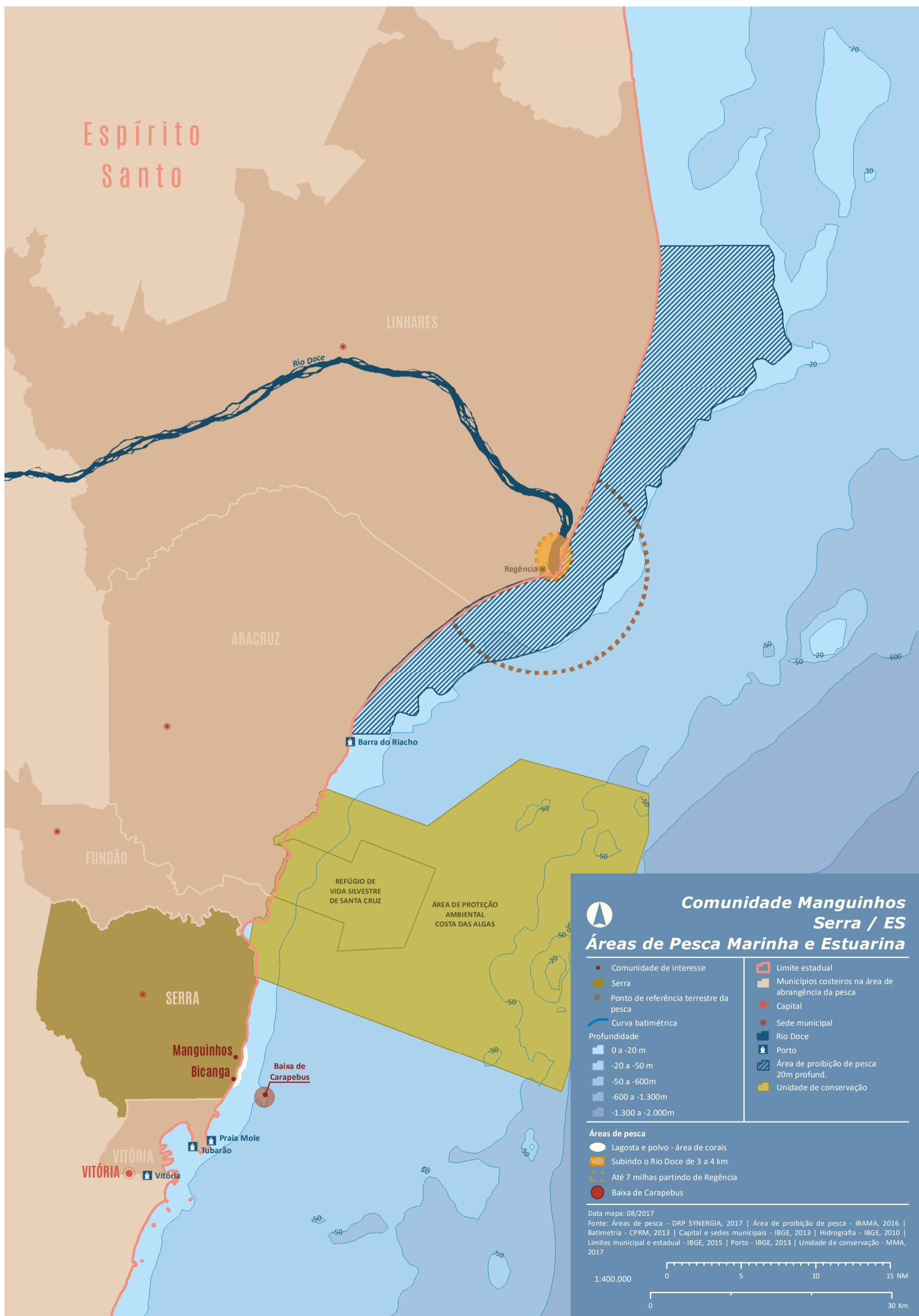
E – DIMINUIÇÃO DA RENDA ORIUNDA DA PESCA

Segundo os pescadores, as espécies mais impactadas seriam as que possuíam maior valor comercial – em especial pescadinha e camarão. Além disso, a queda no fluxo de turistas e a desconfiança quanto o pescado local levaram a uma queda no volume de vendas. Considerando estas causas, os pescadores relatam uma diminuição significativa na renda oriunda da pesca. Segundo uma das lideranças entrevistadas, candidato à sucessão da presidência na associação de pescadores local, esta diminuição seria menos impactante para aqueles pescadores que possuem outros empregos, mas muito significativa para as famílias que dependiam exclusivamente da captura e comércio do pescado.

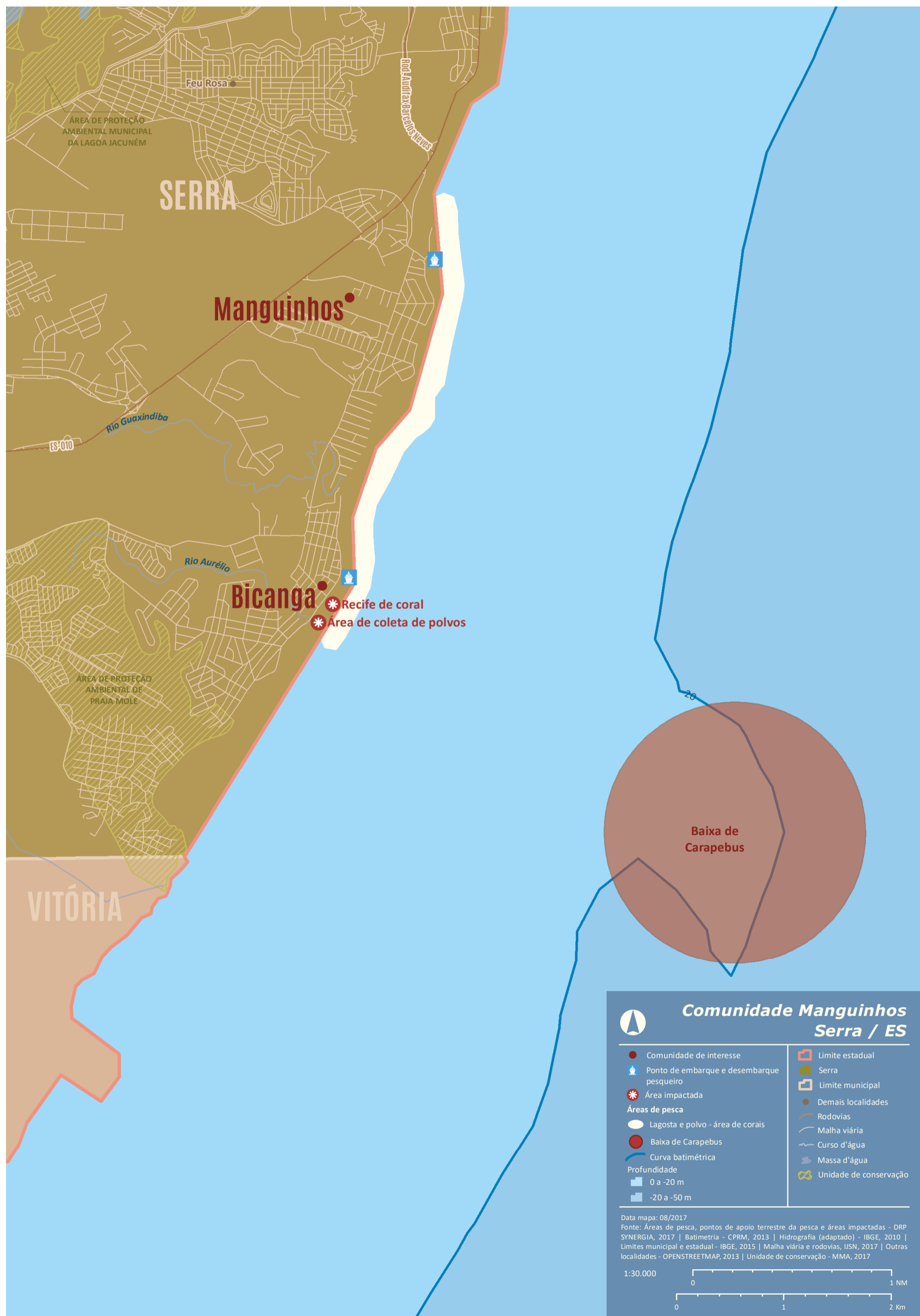
"LOGO DEPOIS DO DESASTRE OS COMPRADORES FICARAM PREOCUPADOS EM SABER SE O PESCADO ERA DA ÁREA AFETADA E DIMINUÍRAM AS ENCOMENDAS."

"HOVE UM FORTE IMPACTO NO FLUXO DE TURISTAS EM MANGUINHOS. NO VERÃO 2015/2016 FICOU TOTALMENTE VAZIO E 2016/2017 FOI BEM FRACO TAMBÉM. ALÉM DA LAMA A GREVE DOS POLICIAIS AJUDOU A ESPANTAR AINDA MAIS OS TURISTAS."

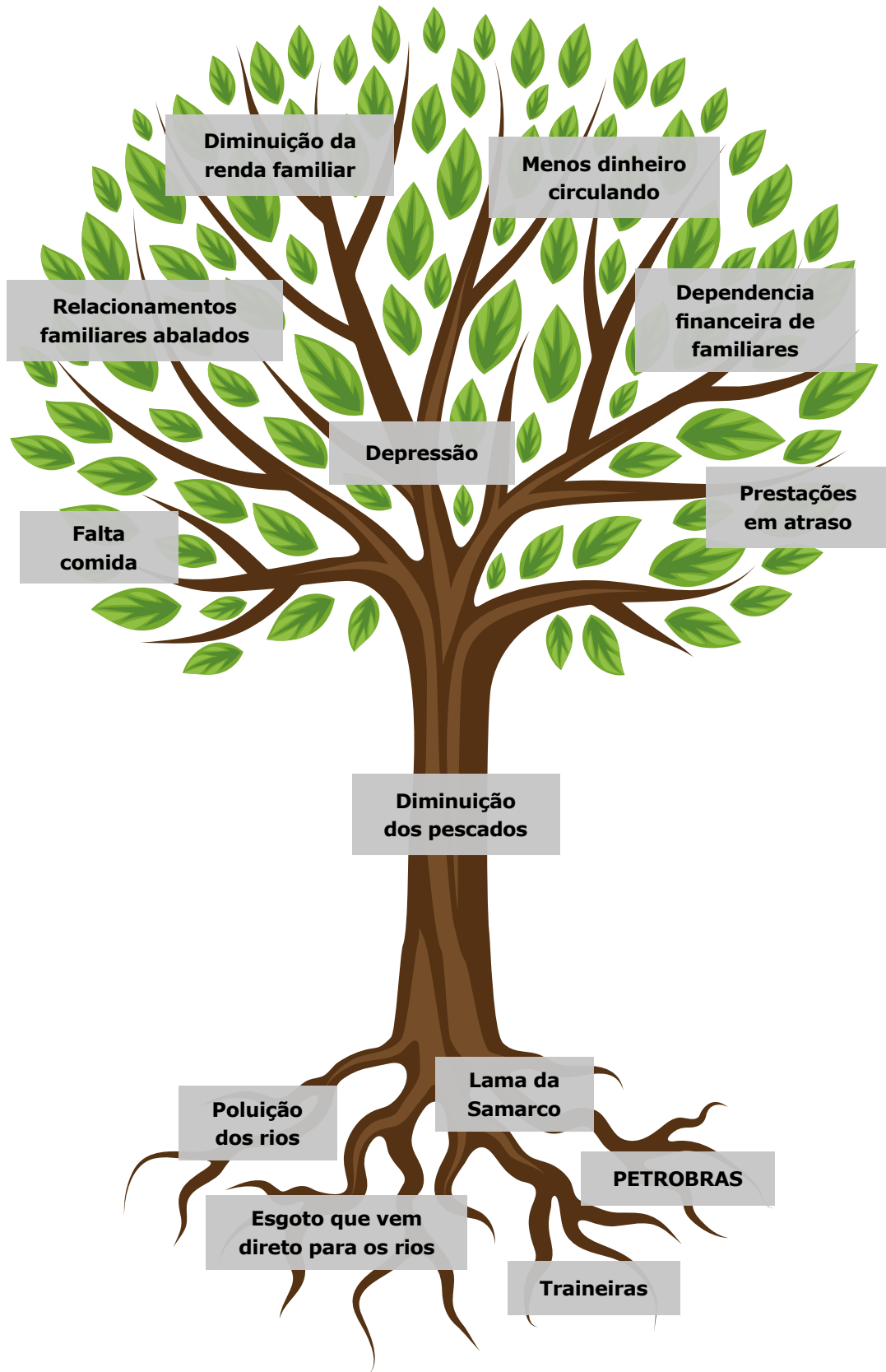
MAPA FALADO



MAPA FALADO



ÁRVORE DE PROBLEMA



LINHA DO TEMPO



ECONOMIA: produtos da pesca, agricultura e pecuária, turismo, artesanato.



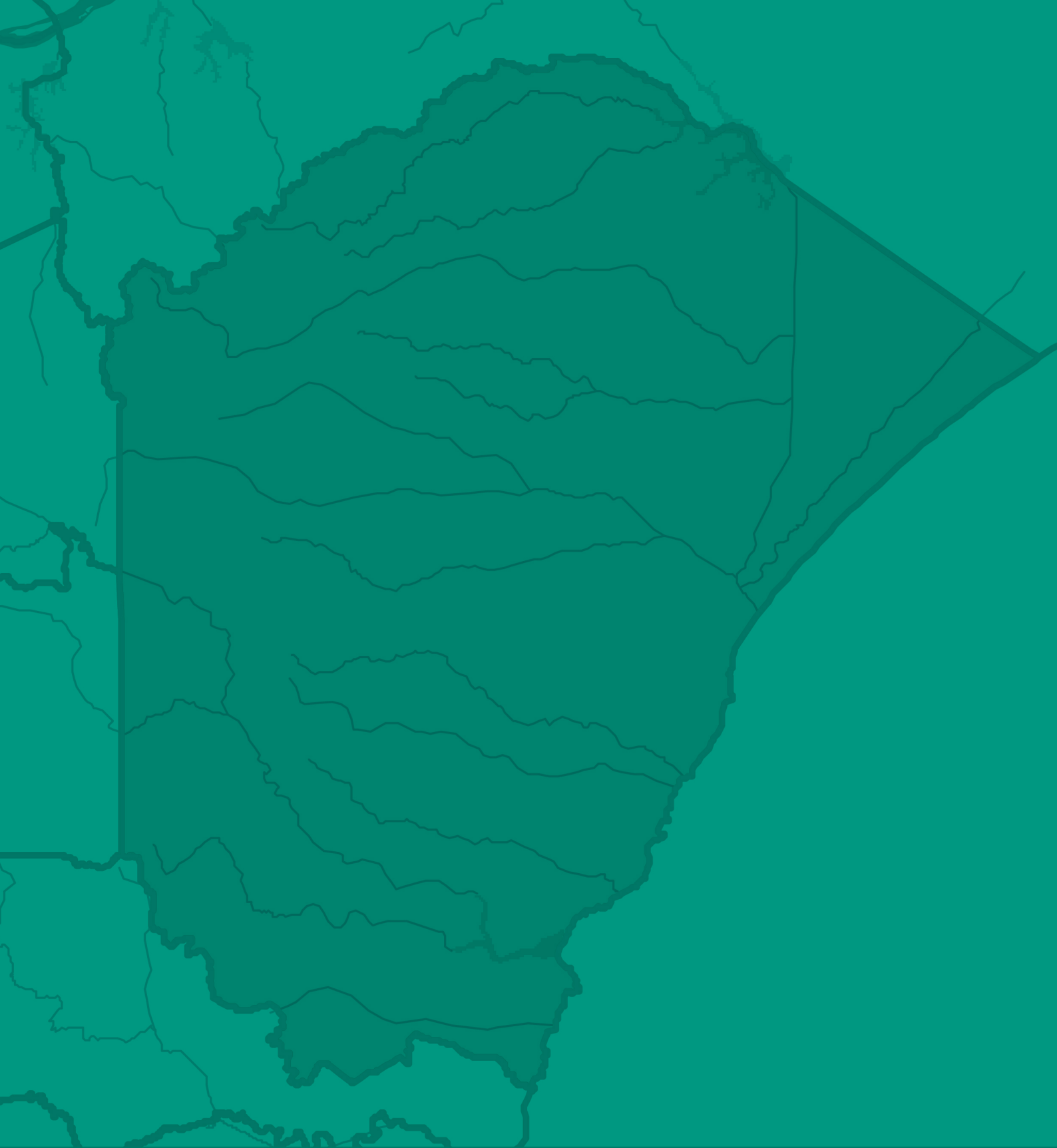
MEIO AMBIENTE: solo, água, vegetação.



CULTURA / RELIGIÃO: festas, datas comemorativas.



O marco temporal estipulado pelos participantes foi o rompimento da barragem da Samarco em 2015.



Município de
Aracruz

Comunidade

• Santa Cruz

MUNICÍPIO DE ARACRUZ

O município de Aracruz dista apenas 78,9 km da capital Vitória via BR 101. A ocupação do território remonta aos povos caçadores, pescadores ou coletores desde o período pré-histórico, sendo os sambaquis¹ encontrados ao longo do rio Piraquê-Açú. Os territórios indígenas ocupados a partir do ano 500 começaram a ser extintos pelos colonizadores no século XVII, tendo sido encontradas no Distrito de Santa Cruz duas urnas funerárias dos índios da Tradição Aratu. A região começou a receber desde a década de 40 uma série de empreendimentos, primeiro a Companhia de Ferro e Aço de Vitória (COFAVI) e posteriormente a Aracruz Florestal e Celulose. Desde então a ocupação desordenada tem trazido alguns desafios à gestão pública local, especialmente no campo da segurança pública (PMA, 2017).

A título de nota, ressalta-se que Portal de Santa Cruz é uma nomenclatura popular utilizada pelos moradores dos bairros da comunidade de Santa Cruz, não tendo representatividade geográfica e política no município, visto que as bases de dados oficiais (IBGE, 2010) não reconhecem essa nomenclatura. A estimativa populacional dos bairros² inseridos na comunidade de Santa Cruz é de 10.619 pessoas. Sendo que a maioria chega a ganhar um pouco mais do que um salário mínimo. O índice de analfabetismo (12,1%) é elevado nessas comunidades, sendo maior do que a média nacional (IBGE, 2010). Contudo a maioria tem acesso a água encanada, energia elétrica e coleta de lixo, embora ainda seja precário o sistema de saneamento básico, sendo acessada por apenas 48,4% das pessoas. A relação de gênero é próxima, contudo existe predominância do gênero feminino. Importante ressaltar que 1,5% desse universo se declara indígena.

ARACRUZ - SANTA CRUZ

BAIRROS	POPULAÇÃO	RENDA	ACESSO ÁGUA	ESGOTO	COLETA DE LIXO	ALFABETIZADOS	ENERGIA ELÉTRICA	INDÍGENAS	GENERO
BARRA DO SAHY	1609	826,5	99,7	68,2	100,0	347,8	100,0	2,7	95,4
COQUEIRAL	4196	1459,8	100,0	84,9	99,8	553,3	100,0	0,8	97,5
MAR AZUL	736	818,0	98,5	54,8	99,7	329,0	100,0	1,0	97,0
PONTAL DO PIRAQUEACU	81	736,6	100,0	8,7	100,0	67,0	100,0	9,9	92,9
PRAIA DOS PADRES	167	978,1	100,0	1,7	100,0	158,0	100,0	0,0	101,2
PRAIA FORMOSA	1181	509,6	54,2	0,0	94,7	322,3	99,5	0,6	100,7
PUTIRI	45	2512,9	94,1	0,0	100,0	39,0	100,0	0,0	104,5
SANTA CRUZ	1679	835,7	98,8	72,6	99,1	473,3	98,1	1,3	103,5
SAO FRANCISCO	210	533,8	100,0	3,4	100,0	178,0	100,0	0,5	90,9
SAUE	715	582,5	99,0	0,5	99,5	581,0	100,0	2,1	100,8
Total	10619	1022,5	93,2	48,4	99,1	9332,0	99,8	1,5	97,9

Renda - Rendimento nominal médio mensal

Água - Percentual de domicílios com abastecimento de água da rede geral

Esgoto - Percentual de domicílios com esgotamento sanitário via rede geral

Coleta de Lixo - Percentual de domicílios com lixo coletado

Alfabetizados - Pessoas alfabetizadas com 5 ou mais anos de idade

Energia Elétrica - Percentual de domicílios com energia elétrica

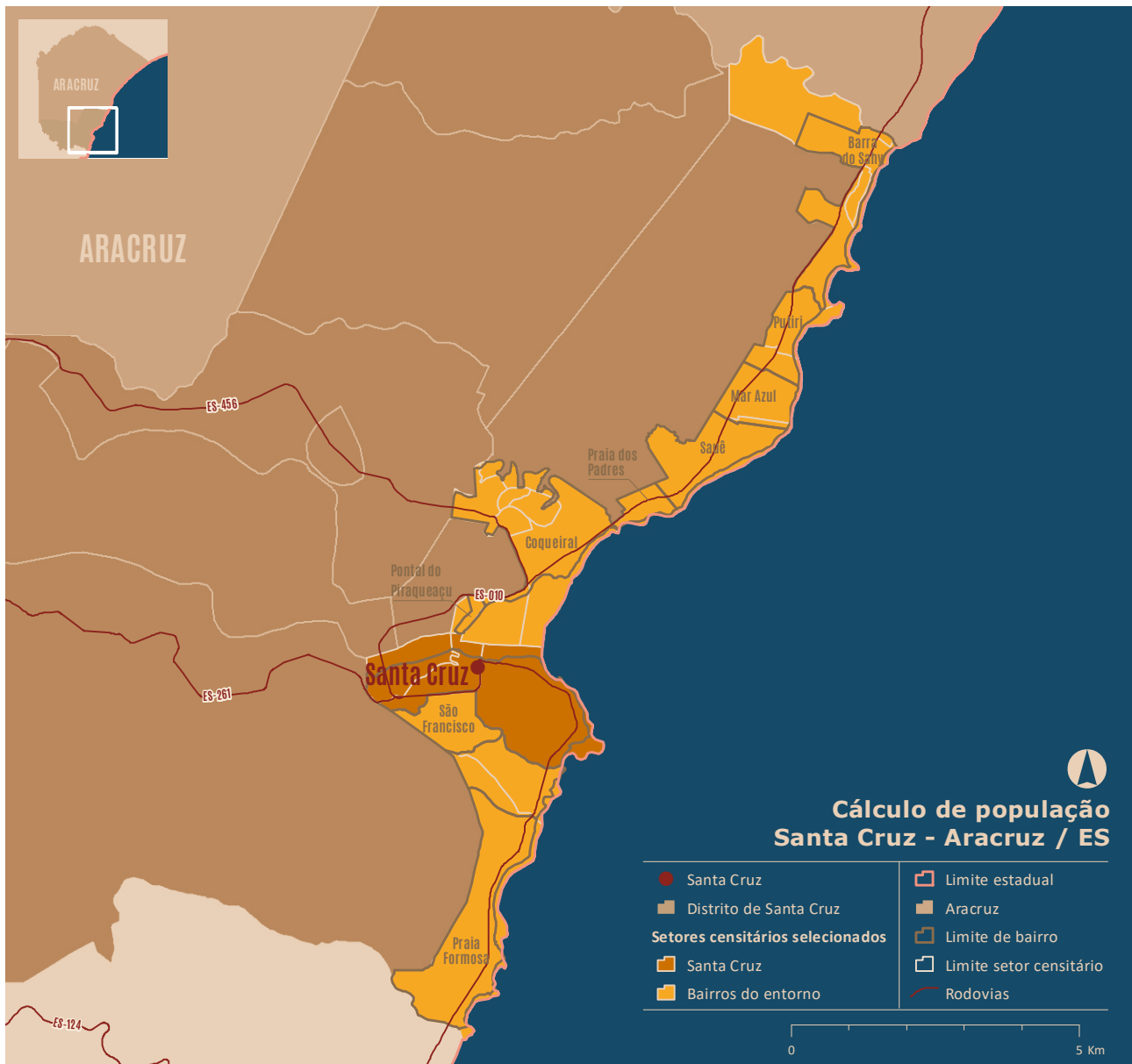
Indígenas - Percentual de pessoas indígenas

Gênero - Número de homens para cada 100 mulheres.

Fonte: IBGE, Censo 2010. População

¹ Amontoados de conchas de ostras e outros mariscos

² Barra do Sahy, Coqueiral, Mar Azul, Pontal do Piraqueacu, Praia dos Padres, Praia Formosa, Putiri, Santa Cruz, Sao Francisco, Saue.



Critérios utilizados no cálculo de população: seleção dos setores censitários (IBGE, 2010) contidos no distrito de Santa Cruz (IBGE, 2010), considerando a delimitação de bairros (Governo do Estado do ES - Instituto Jones dos Santos Neves (disponível em: <http://www.ijsn.es.gov.br/mapas/> acesso em 08/2017)) e a contiguidade urbana dos mesmos.

Aracruz

● **Santa Cruz**



Foto: Antonio Cosme

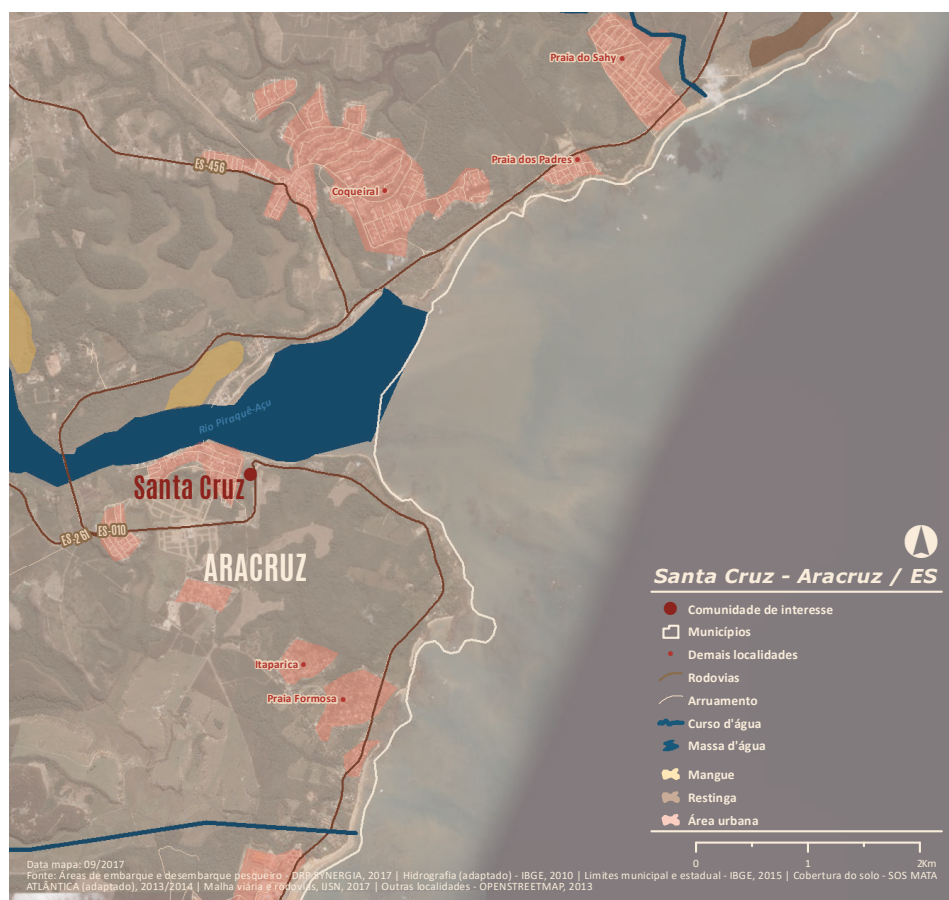
- História da Comunidade
- Caracterização da Pesca e outras Atividades Econômicas
- Impactos Relatados
- Mapa Falado
- Árvore de Problema
- Linha do Tempo

HISTÓRIA DA COMUNIDADE

A comunidade de Santa Cruz, segundo os relatos dos participantes da oficina, em sua maioria residentes do bairro de Itaparica, existe a mais ou menos 40 anos. Relataram que antes a comunidade ocupava apenas a atual rua principal e que a mata predominava nos arredores. A locomoção era a pé ou a cavalo e para chegar em Coqueiral (outro bairro da comunidade) era preciso atravessar em balsa. Citam como referências mais antigas da comunidade o Sr. Antenor, D. Maria Celestrina, Ana Lopes, Arnor, Sr. Manoel Margosa e Maria Santiago. A pesca seria a base da economia e da organização social da comunidade. Realizavam a pesca de “cerqueiro de pedra” capturando os peixes com as mãos e outras pescarias com rede e anzol, utilizando canoas a remo.

Segundo os moradores do bairro de Itaparica, esse nome, é de origem indígena se relaciona com o “cerqueiro de pedra”, que segundo eles foi construído pelos próprios índios a muito tempo atrás.

De acordo com o observado ao longo das entrevistas e oficina, o desenvolvimento urbano recente é percebido de forma ambígua pelos pescadores de Santa Cruz, particularmente (ver mapa abaixo) do bairro de Itaparica: por um lado são valorizadas as estruturas urbanas como escola EMEF – Itaparica, disponibilidade de ônibus público, igrejas, campo de futebol e academia pública, por outro são mencionadas questões importantes para a comunidade como aumento da violência (drogas e roubo), desemprego, saúde pública precária, ausência de áreas de lazer e tratamento de esgoto.





As manifestações culturais nessa comunidade se expressam através das festas de Banda de congo e festas da igreja. O turismo sempre foi marcante no desenvolvimento local, com grande fluxo de turistas de Vitória, Minas Gerais, de outros estados e também do exterior, sobretudo nas épocas de verão e carnaval. A praia era o principal ponto de lazer da comunidade, onde alegavam avistar, com uma certa frequência, botos perto da costa. Na região do SESC, por exemplo, existia um turismo latente, que sustentava muitos vendedores ambulantes (de pastel, peixe frito, artesanato, etc.) da região. O Museu Casa-Cadeia, é um outro atrativo turístico da região.

CARACTERIZAÇÃO DA PESCA E OUTRAS ATIVIDADES ECONÔMICAS

Os conhecimentos e práticas de pesca são marcantes na cultura local de Santa Cruz. Havia abundância de pescados na região: pescadinha, pescada, corvina, baiacu¹, peroá, lagosta, polvo, robalo e mariscos (sururu caranguejo). Os mergulhadores relataram pegar frequentemente peixe batata e budiões nos corais próximos (Anexo IX).

As áreas de pesca utilizadas pelos pescadores de Santa Cruz foram diversas, incluindo mangues, áreas costeiras e o mar. As pescarias marinhas se estendem do município de Serra até São Mateus em profundidade que variam de 15 a 60 metros, dependendo da espécie alvo a ser capturada. Sendo citada como uma das áreas prioritárias a "lameira de camarão", onde boa parte dela está inclusa na área de proibição. Os mangues do entorno do Rio Piraquê-Açu foram citados como áreas de captura dos catadores de caranguejos, marisqueiras e pescadores indígenas. As áreas de recifes costeiros são usadas pelos mergulhadores e coletores de ouriço e polvo (ver mapa falado).

Os pescados eram utilizados para consumo e venda, que geralmente era escoado na própria comunidade, sendo indicada a presença frequente de atravessadores em busca do pescado local.

Os participantes da oficina indicaram uma correlação estreita entre o turismo e a pesca como aspectos chave na geração de trabalho e renda em Santa Cruz.

¹ Baiacu é um pescado muito valorizado na região, sendo o seu quilo vendido por R\$15,00.

IMPACTOS RELATADOS

"MUITOS VERANISTAS DAQUI PARARAM DE VIR DEPOIS QUE A CHEGADA DA LAMA"

A - DIMINUIÇÃO DO FLUXO DE TURISTAS

Relatos de que muitos veranistas de Santa Cruz pararam de vir depois que houve a divulgação da mídia sobre a chegada da lama. Diminuindo a circulação do capital de giro na comunidade, tanto para os restaurantes e comércios, como foi o caso dos restaurantes Irajá, Viração e Mocambo, que atualmente estão fazendo promoção, quanto para os pescadores e comerciantes de pesca, que dependiam desse fluxo de pessoas.

"OS MERGULHADORES COMEÇARAM A PERCEBER A ÁGUA TURVA E BICHO MORTO"

B – RELATOS DE DANOS PSICOLÓGICOS EM PESSOAS DA COMUNIDADE

Os participantes da oficina de Santa Cruz relataram que os idosos estão falecendo devido a doenças psicológicas (depressão) associadas à impossibilidade de execução das atividades cotidianas e solicitaram que a Fundação Renova olhe para esses casos na comunidade, principalmente às mulheres nesse contexto.

"DO PESSOAL QUE PEGA CARANGUEJO E SURURU, FALAM QUE OS BICHOS ESTÃO SECOS E MORTOS"

C - RELATOS DE EVIDÊNCIAS MATERIAIS DE CONTAMINAÇÃO

A percepção de contaminação das águas do mar, rio e mangues é latente. Foi explicado pelos presentes na oficina que a contaminação entra pelo rio Piraque-Açú via a barra, sendo notada após subida da maré uma mortandade da fauna: caranguejos, sururus e peixes em geral. Além disso, mergulhadores relatam a presença de água turva, mancha amarela, vista na faixa de 70 a 80 metros de profundidade. Além de relatarem a diminuição dos golfinhos e tartarugas na região.

"É SÓ IR NOS POSTOS DE SAÚDE E VERIFICAR SE OS ÍNDICES NÃO AUMENTARAM?"

Associam também ao rompimento da barragem o aumento de doenças na comunidade, tais como: doenças de pele e câncer.

Outras evidencias de contaminação são percebidas nas falas das pessoas quando relatam que nem para lavar as roupas estão conseguindo, já que a água dos poços está barrenta.

"O QUE GARANTE O SUSTENTO DA COMUNIDADE É A PESCA E O TURISMO!"

D – RUPTURA DA ESTRUTURA SOCIAL COMUNITÁRIA

Foi relatado impacto nas relações sociais e desestruturação da organização produtiva, visto que o ambiente minimamente saudável foi prejudicado/ou possivelmente prejudicado, considerando que os pilares dessa comunidade estavam associados a pesca e o turismo. Além disso, declararam ter perdido sua principal área de lazer que era a praia.

"TEM GENTE QUE ESTÁ INDO PARA A MARÉ COMER O PEIXE QUE TÁ CONTAMINADO"

E - INSEGURANÇA QUANTO A POSSIBILIDADE DE CONTAMINAÇÃO DO PESCADO

As pessoas entrevistadas relataram insegurança em pescar, comercializar e ingerir o pescado sem ter acesso a informações de fontes confiáveis sobre a contaminação ou não do pescado.

F - DIMINUIÇÃO DA DEMANDA PELO PESCADO LOCAL

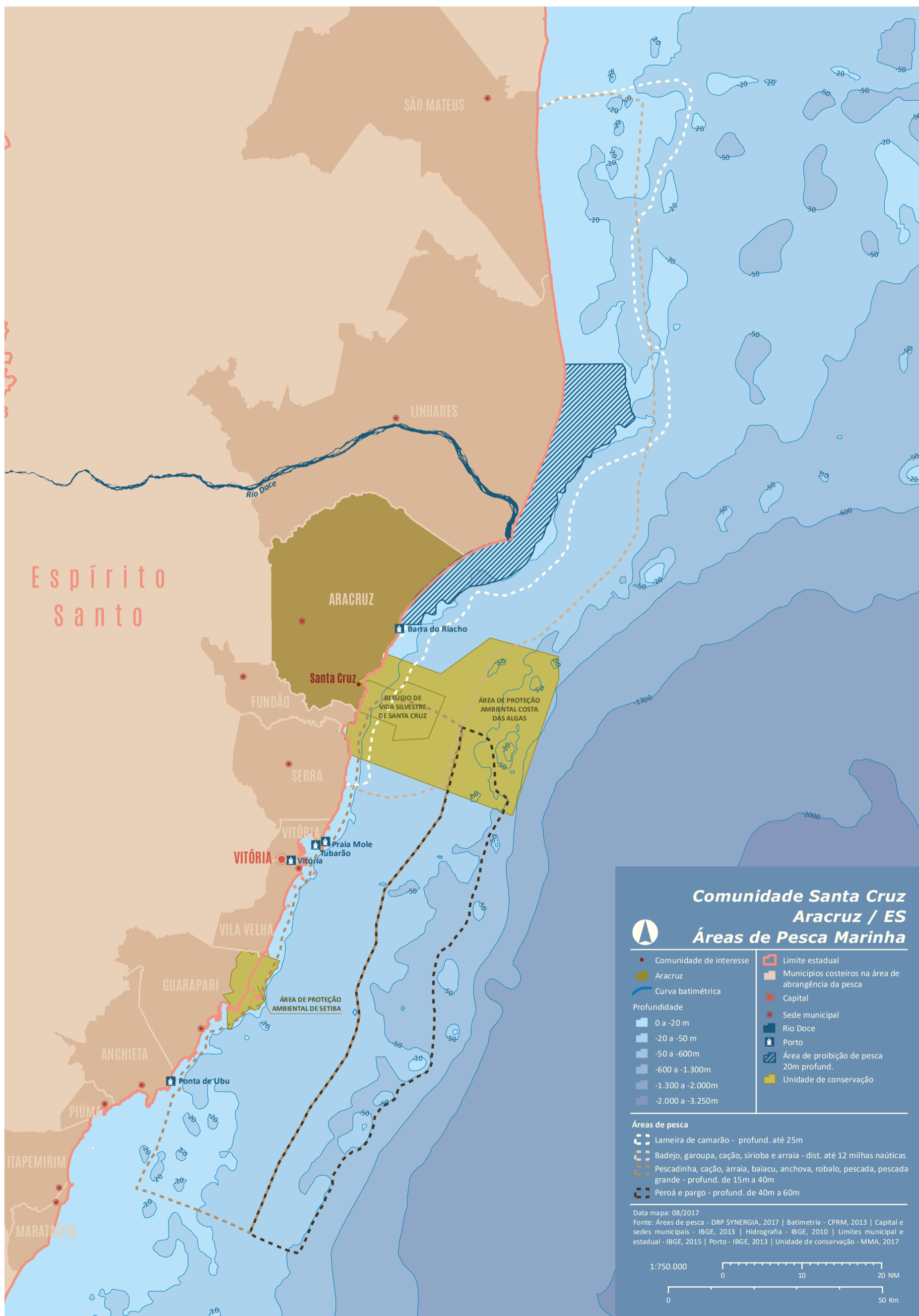
Foi relatado que houve uma diminuição na procura pelo pescado na região. O ponto de venda de pescado gerido pelos comerciantes de pesca e pescadores teve diminuição na demanda, especialmente para os pescadores e os pequenos comerciantes que dependiam da venda do pescado para se sustentar.

G - DIMINUIÇÃO NA CAPTURA DE ESPÉCIES PRIORITÁRIAS DE PESCADO

Os pescadores envolvidos no estudo relataram que percebem uma queda na captura das espécies, tanto na região costeira quanto em áreas de mais de 40 metros de profundidade. Dentre os pescados citados estão o budião, caranguejos e sururus. Vale ressaltar que algumas espécies de budião estão consideradas, na Portaria do MMA nº 445 de 17 de dezembro 2014, como vulneráveis e ou em risco de extinção no território nacional.

"AS PESSOAS QUE TEM MERCADOS EM SANTA CRUZ ESTÃO QUEBRANDO PORQUE MUITO DO SEU SUSTENTO DEPENDIA DA COMPRA E VENDA DO PESCADO."

MAPA FALADO



Comunidade Santa Cruz Aracruz / ES Áreas de Pesca Marinha



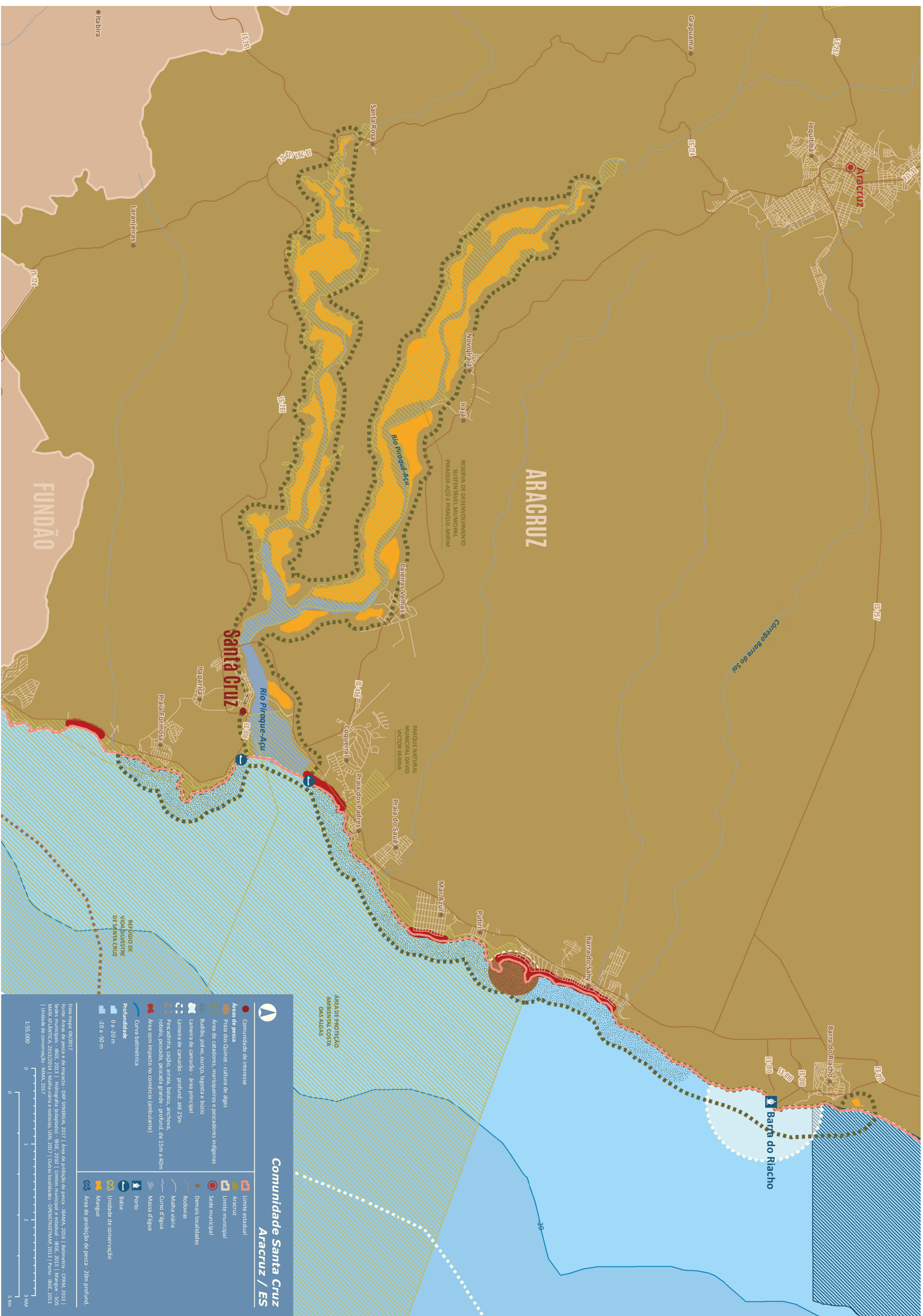
- Comunidade de interesse
- Aracruz
- Curva batimétrica
- Profundidade
- 0 a -20 m
- 20 a -50 m
- 50 a -600m
- 600 a -1.300m
- 1.300 a -2.000m
- 2.000 a -3.250m
- ▭ Limite estadual
- ▭ Municípios costeiros na área de abrangência da pesca
- Capital
- Sede municipal
- ▭ Rio Doce
- ▭ Porto
- ▭ Área de proibição de pesca 20m profund.
- ▭ Unidade de conservação

- Áreas de pesca**
- ▭ Lameira de camarão - profund. até 25m
 - ▭ Badejo, garoupa, cação, sirioaba e arraia - dist. até 12 milhas náuticas
 - ▭ Pescadinha, cação, arraia, baiacu, anchova, robalo, pescada, pescada grande - profund. de 15m a 40m
 - ▭ Peroá e pargo - profund. de 40m a 60m

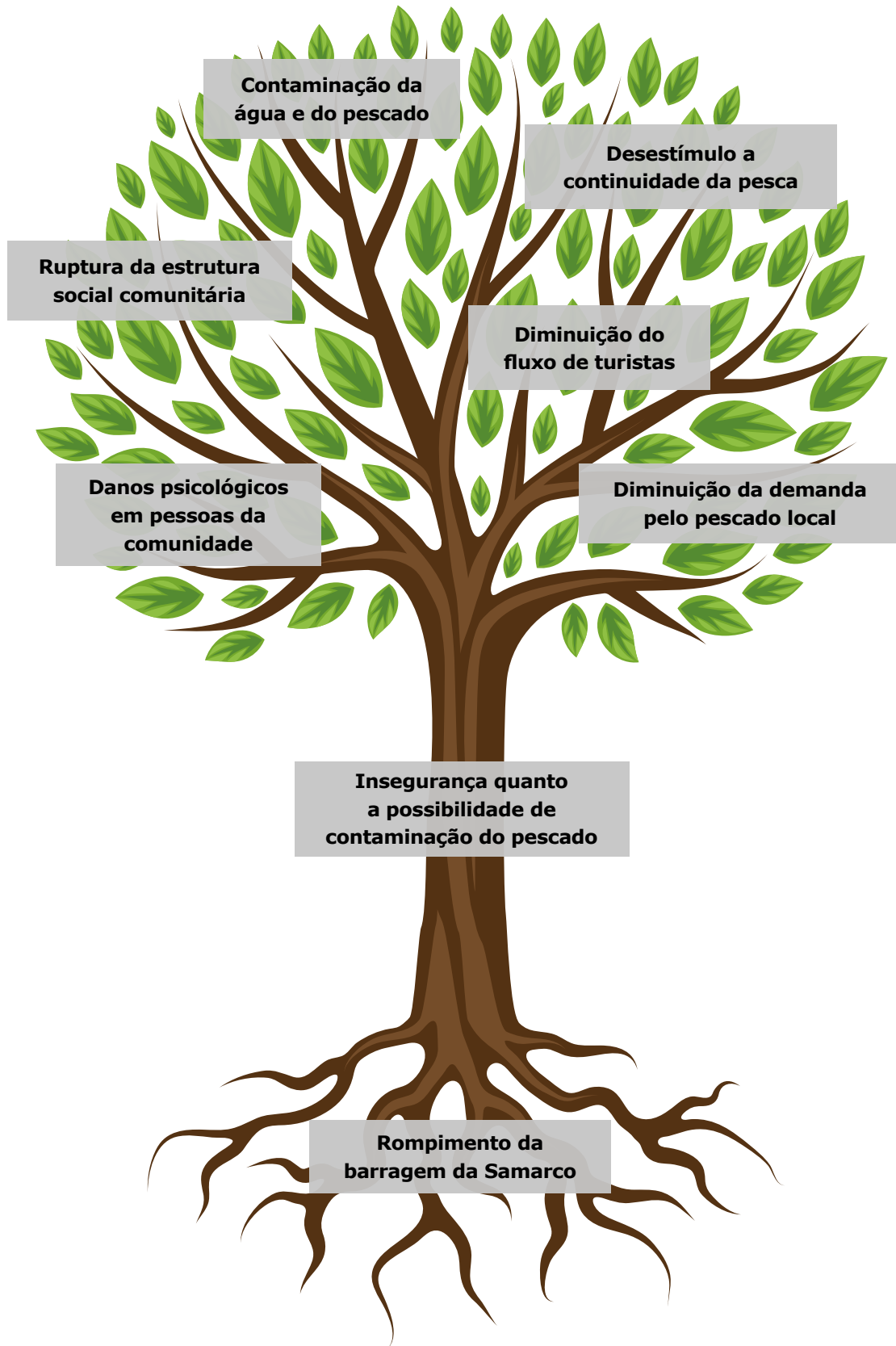
Data mapa: 08/2017
 Fonte: Áreas de pesca - DRP SYNERGIA, 2017 | Batimetria - CPRM, 2013 | Capital e sedes municipais - IBGE, 2013 | Hidrografia - IBGE, 2010 | Limites municipal e estadual - IBGE, 2015 | Porto - IBGE, 2013 | Unidade de conservação - MMA, 2017



MAPA FALADO



ÁRVORE DE PROBLEMA



LINHA DO TEMPO

Tinha muito peixe (pescadinha, pescada, corvina, baiacu, peroá, lagosta, polvo, robalo) e muitos turistas. Tinham mergulhadores que pegavam muito batata, budião. Os pescados eram utilizados para consumo e venda, que geralmente era feita na própria comunidade. O pescado era valorizado pelos atravessadores. No verão chegavam muitos turistas que geravam renda tanto para os pescadores como outros moradores da comunidade, ex: vendedores de picolé na praia. Boa parte da comunidade tirava a renda da pesca. Os pontos de pesca eram perto da costa e ajudavam no sustento. Pegavam muito budião nos corais. A praia era o principal ponto de renda da comunidade. Os pescadores tinham uma vida feliz, sabiam que iam vender o seu peixe e trazer o seu sustento para dentro de casa. Baiacu era vendido a R\$15 o quilo. Tinha muito atravessador "brigando" pelo peixe

A comunidade parou de pescar. Barcos e petrechos estão parados. O pescado não está valorizado no mercado. O turismo acabou: "- Se a gente que mora aqui tem medo (da água, do peixe) e imagina quem vem de fora?" Restaurantes estão fechando. Grande desvalorização dos imóveis, lote que valia 80 mil está valendo 15 a 20 mil. Queda da renda de toda a cadeia ligada ao turismo (jardineiros, faxineiras, etc). Quanto a pescaria, relata que mesmo em áreas de 40 metros de profundidade não estão pegando mais nada. Não tem como passar das áreas de além dos 20 metros visto que as embarcações que possuem são pequenas. Acabaram pontos de pesca perto da costa. O budião sumiu. Relatam que as praias estão vazias nos finais de semana. E já tem 2 verões sem turismo. A queda no preço do pescado afetou a economia do município, ex: o baiacu está de R\$ 6 a 8 reais o quilo, quando tem quem compre. O atravessador é quem está colocando o preço no peixe agora. Mudança brutal na vida dos pescadores pois foram obrigados a mudarem de atividade profissional ocasionando casos depressivos.

5 NOV
2015



A água era limpa. Os poços estavam limpos. O mar era limpo. Boas condições de banho. Viam botos perto da costa.



Banda de congo, festas da igreja
A cultura da pesca, conhecimentos passados de pai para filho.
A praia era o principal ponto de lazer da comunidade



Perderam o lazer na praia.
Filhos de pescadores não estão se direcionando para a pesca.



A água está suja até para lavar roupas. A água dos poços está barrenta. Percebem uma mancha amarela vista até a faixa de 70 a 80 metros de profundidade. Não tem mais golfinho perto da costa. Percepção de aumento da mortandade de peixes e tartarugas.



ECONOMIA: produtos da pesca, agricultura e pecuária, turismo, artesanato.



MEIO AMBIENTE: solo, água, vegetação.



CULTURA / RELIGIÃO: festas, datas comemorativas.



O marco temporal estipulado pelos participantes foi o rompimento da barragem da Samarco em 2015.



Município de
**São
Mateus**

Comunidades

- Gameleira
- Ferrugem
- Nativo
- São Miguel
- Sitio Ponta
- Campo Grande
- Barra Nova Norte
- Barra Norte Sul

MUNICÍPIO DE SÃO MATEUS

As oito comunidades estudadas no município de São Mateus estão inseridas no Distrito de Barra Nova, e possuem uma história de ocupação da região que remonta à ocupação indígena, provavelmente dos Aimorés e Tupini-quins, com formação de vilarejos com a presença de portugueses (segundo relatos da comunidade). Em um passado mais recente, fatos marcantes da ocupação da região foram a abertura da “Barra Nova” do Rio Mariricu, em 1866, buscando facilitar a navegação do continente para o mar; e também a criação de diversos canais de escoamento de água, que se alongam por quilômetros, criados para drenar a água da região pantanosa de Suruacá, que se buscava destinar a pecuária. Segundo relatos da comunidade, estas obras teriam ocorrido durante o período da Ditadura Militar. Estes longos canais são as valas sobre as quais as comunidades fazem diversas referências, citadas ao longo do relatório. Atualmente é uma região com baixa densidade populacional chegando a alcançar apenas 1740 pessoas nessa região.

Um marco considerado pelos moradores ocorrido recentemente foi a pavimentação da estrada do Nativo – Pedra D’água, que dá acesso a esta parte da costa capixaba. Segundo os moradores este asfaltamento foi conquistado após longas negociações com a Transpetro, que utilizava a estrada, que culminaram com a interdição da estrada pela comunidade por 14 dias¹.

Em termos de estrutura chama a atenção o abastecimento de água, na maioria das localidades feito por caminhões pipa da prefeitura, sem os quais as comunidades não têm acesso a água tratada.

A estimativa populacional das comunidades de São Mateus é de 1.740 pessoas (São Miguel, Ferrugem, Nativo, Gameleira, Sítio Ponta, Barra Nova Norte, Barra Nova Sul, Campo Grande E Urussuquara). A maioria das pessoas desse conjunto não chegam a ganhar um salário mínimo. O índice de analfabetismo (23,7%) é elevado nessas comunidades, sendo maior do que a média nacional (IBGE, 2010). A maioria tem acesso à energia elétrica, embora ainda seja precário o sistema de saneamento básico, acesso a água e coleta de lixo. A relação de gênero é próxima, contudo existe predominância do gênero masculino. Importante ressaltar que 0,4% desse universo se declara indígena.

SÃO MATEUS

DISTRITO	POPULAÇÃO	RENDA	ACESSO ÁGUA	ESGOTO	COLETA DE LIXO	ENERGIA ELÉTRICA	ALFABETIZADOS	INDÍGENAS	GENERO
BARRA NOVA	1740	392,5	5,4	0,5	34,9	99,0	1327,0	0,4	109,8

Renda - Rendimento nominal médio mensal

Água - Percentual de domicílios com abastecimento de água da rede geral

Esgoto - Percentual de domicílios com esgotamento sanitário via rede geral

Coleta de Lixo - Percentual de domicílios com lixo coletado

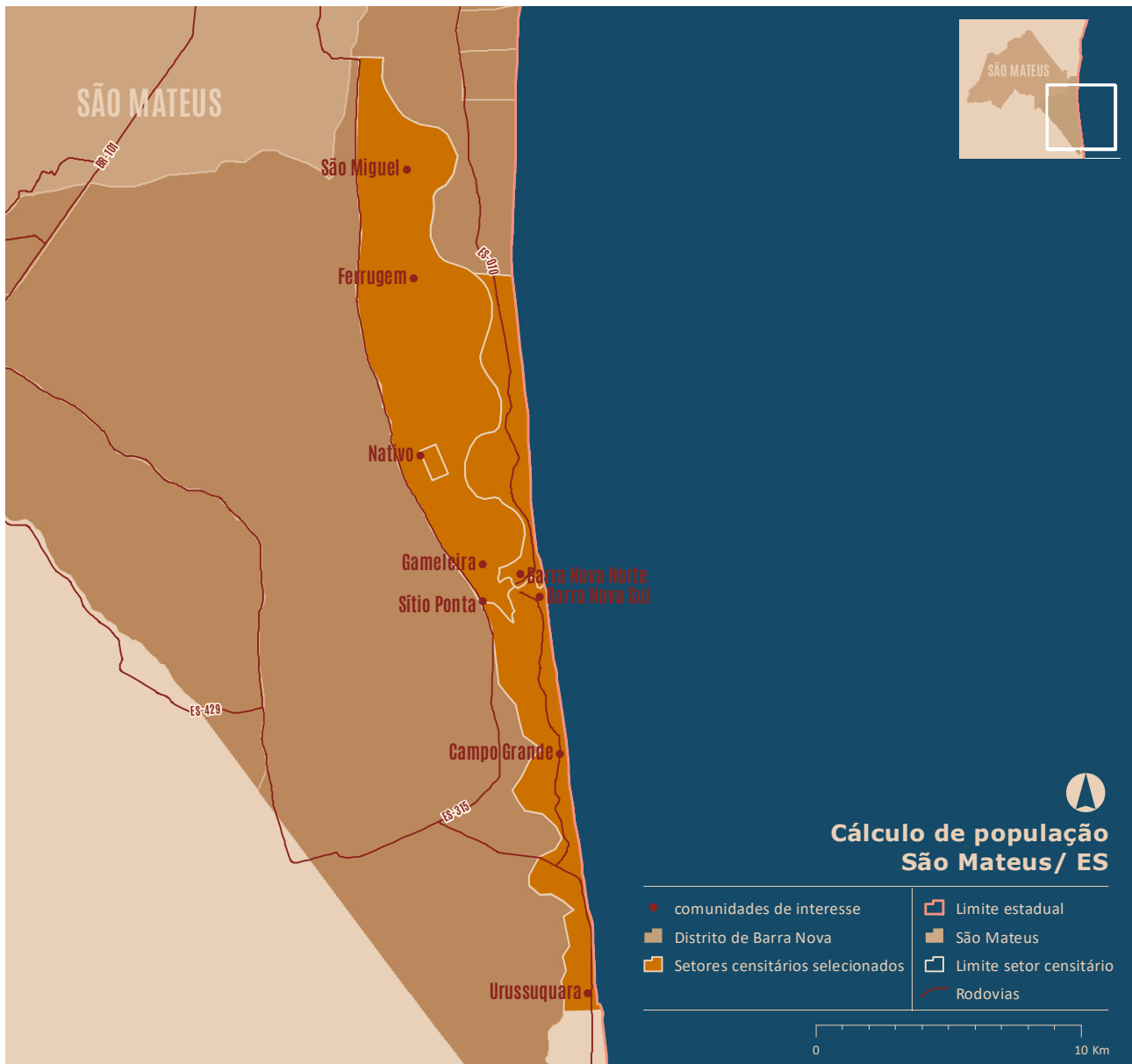
Alfabetizados - Pessoas alfabetizadas com 5 ou mais anos de idade

Energia Elétrica - Percentual de domicílios com energia elétrica

Indígenas - Percentual de pessoas indígenas

Gênero - Número de homens para cada 100 mulheres.

Fonte: IBGE, Censo 2010. População

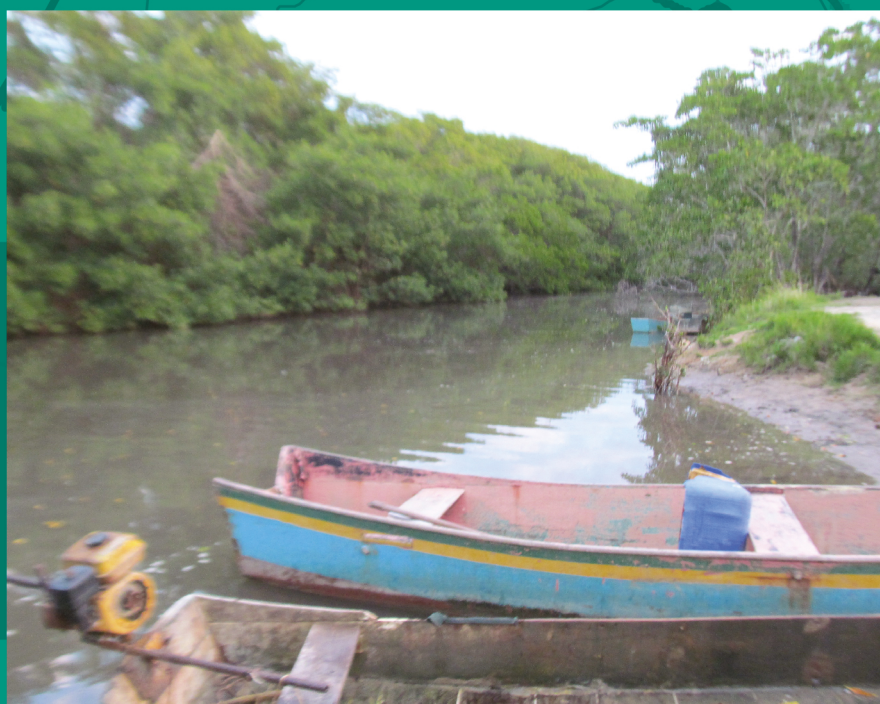


Critérios utilizados no cálculo de população: seleção dos setores censitários (IBGE, 2010) contidos no distrito de Barra Nova (IBGE, 2010), considerando os pontos das comunidades coletados durante a realização do trabalho de campo (SYNERGIA, 2017) e incluindo apenas os setores censitários à leste da Rodovia ES-315.

¹ Digno de nota o fato de que uma das comunidades estudadas bloqueou recentemente esta mesma estrada em protesto contra os impactos do rompimento da Barragem de Fundão, estando a associação local respondendo ação judicial movida pela Transpetro em função do ocorrido.

São Mateus

Gameleira



- História da Comunidade
- Caracterização da Pesca e outras Atividades Econômicas
- Impactos Relatados
- Mapa Falado
- Árvore de Problema
- Linha do Tempo

HISTÓRIA DA COMUNIDADE

A comunidade de Gameleira teria sido fundada a cerca de 40 anos, após a construção da Igreja católica. A comunidade afirma também ter descendência indígena. Sua delimitação atual começa perto do cemitério e termina na ponte de Gameleira. Segundo relato dos moradores durante a oficina o nome da comunidade foi inspirado nas gameleiras existentes antigamente na região, os índios e os emigrantes registraram a comunidade com esse nome. Os moradores estimaram um universo de mais ou menos 150 famílias na comunidade.

O ambiente na comunidade de Gameleira reúne a existência de mangue, mata atlântica e pastagem, sendo segundo moradores muito bom para o cultivo, de forma que muitos têm horta em casa. A Festa de Nossa Senhora Aparecida é muito tradicional na região, trazendo turistas (ver mapa abaixo) e pessoas de outras comunidades. Outras festas importantes comemoradas pela comunidade são a Junina, casamentos, aniversários, jogos de futebol, procissão de barco, e leilões dos produtos produzidos pela comunidade.





Existem em Gameleira duas Associações: a Associação de Moradores, Marisqueiros, Pescadores e Pequenos Produtores Rurais de Gameleira – AMPEG, presidida pelo Sr. Adilson Liro, e a Associação de Apicultores, que recebeu apoio da Transpetro para a consolidação de uma estrutura para criação de abelhas e funciona atualmente. Outra atividade econômica existente é o plantio, beneficiamento simples e comercialização de cocos.

Na comunidade não existem estruturas como escola e posto de saúde, tendo a população local de se utilizar dos equipamentos nas comunidades vizinhas.



CARACTERIZAÇÃO DA PESCA E OUTRAS ATIVIDADES ECONOMICAS

A pesca é a principal atividade econômica para os moradores da comunidade de Gameleira, sendo que alguns entrevistados relataram viver a mais de 20 anos da pesca: "Eu fiz a minha casa a três anos atrás com o dinheiro do caranguejo", afirmou uma das entrevistadas. A diversidade de pescados relatada pelos entrevistados inclui moréa, tilápia, carapeba, robalo, bagre africano, traíra, morobá, baiacu, caçã, cará, dorminhoco, caranguejo, camarão de água doce, ostra, sururu, guaiamum, siri e tainha (Foto 1), sendo o caranguejo o principal recurso (Anexo IX). As principais artes de pesca citadas foram a rede de espera (Foto 2), tarrafa, balão, espinhel e linha de mão (Anexo VIII).

A principal área de pesca da comunidade é no Rio Mariricu e nos mangues da localidade, tendo porém, sido relatada também a pesca marítima por alguns dos moradores (ver mapa falado). A comercialização era de forma direta, praticada de porta em porta na própria comunidade e em outras em São Mateus e Vitória, por intermédio de atravessadores ou da ida de moradores para as feiras locais. Os pescadores afirmaram que a produtividade da pesca, por família de catador, era de cerca de 80 dúzias de caranguejo por semana, comercializados em média a R\$ 10 a dúzia.

Agricultura e Pecuária

Os moradores da comunidade de Gameleira informam que a localidade é boa para o cultivo. Afirmaram cultivar milho, feijão, arroz, aipim, abobora, batata, melancia, quiabo, pimenta do reino, maxixe e aroeira para subsistência e venda em feiras e Ceasa no norte de São Mateus. No caso da aroeira (Foto 3), cultivada em larga escala em fazendas da região, onde geralmente os moradores se empregam por períodos curtos, destina-se à exportação (EUA, Arábia Saudita e Europa).

Entre as criações destacam-se o gado de leite, porco, galinha, pato, ganso, peru, carneiro, cabrito. A venda do leite ocorre em cooperativas próximas e as outras criações são vendidas nas feiras de São Mateus e vizinhos. Criavam também, no passado, peixes em tanque escavados.

Foto 1 - tainha



Foto 2 - rede de emalhe



Foto 3



A comunidade desenvolve também a apicultura, por meio de um projeto implementado com apoio da Transpetro e assistência técnica de uma ONG de Vitória. O projeto se iniciou há cerca de 6 anos, nos mangues de Gameleira, com o objetivo de ajudar na complementação da renda familiar.

Turismo

O turismo de que se beneficia a comunidade de Gameleira não é um turismo que busca exatamente os atrativos da comunidade, mas o turismo para as praias da região. A movimentação na estrada aquece a comercialização de pescados vendido para os turistas.

IMPACTOS RELATADOS

"JÁ FAZ UNS 2 ANOS QUE ESTÁ DIMINUINDO A QUANTIDADE"

"ESTOU COM ENCOMENDA DE SIRI, MAS NÃO PEGO PARA ENTREGAR. E AS ENCOMENDAS CAÍRAM MUITO."

"A AROEIRA ESSE ANO NÃO PRODUZIU."



A – DIMINUIÇÃO NA CAPTURA DE ESPÉCIES PRIORITÁRIAS DE PESCADO

Em oficina realizada dia 08/08, os participantes oriundos da comunidade de Gameleira estimaram em 50% a queda da produção pesqueira, citando a diminuição acentuada tanto de peixes quanto de caranguejos. Em visitas realizadas a algumas famílias na própria comunidade fora relatada também queda significativa na produtividade da pesca. Os pescadores afirmam que o mangue não tem mais capacidade de repor os estoques de caranguejo, e que a captura de peixes também diminuiu muito.

B – DIMINUIÇÃO DA DEMANDA PELO PESCADO DA COMUNIDADE

Em oficina realizada dia 08/08, os participantes oriundos da comunidade de Gameleira estimaram em 70% a queda da procura pela produção pesqueira da comunidade. Citam tanto os peixes quanto os caranguejos, com ênfase nos caranguejos, que seria o principal produto local de comercialização. Afirmam que havia um fluxo intenso de compradores de outras localidades, atravessadores que vinham buscar o pescado na comunidade para revenda e que não estariam mais vindo. Outro fator com influência direta na queda da demanda pelo pescado local teria sido a diminuição significativa do fluxo de turistas de veraneio para as praias da região. Estes turistas garantiam, segundo os moradores, um fluxo intenso de venda do pescado nas portas das casas.

C – AFETAÇÃO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA

Os moradores de Gameleira relacionam diretamente os efeitos da chegada dos rejeitos de minério da Barragem de Fundão no estuário da comunidade com problemas em suas roças e criações de animais. Muitas famílias afirmam que criavam animais em áreas próximas ao mangue, que seriam propícias para porcos, patos e galinhas, em função de sua umidade constante e fartura de alimentos para os animais. Foram citadas também plantações de arroz em áreas alagadiças. Segundo os relatos a contaminação da água teria levado a mortandade de animais – galinhas, patos, e porcos, e ao surgimento de problemas de saúde nestes animais antes inéditos, como feridas na pele e abortos em vacas.

O responsável pela condução do projeto de apicultura na localidade afirmou também que a mortandade de áreas de mangue diminuiu significativamente a produtividade das colmeias, pois teria havido uma diminuição da floração das espécies do mangue, da qual dependem as abelhas para a produção do mel.

D - DIMINUIÇÃO DA RENDA ORIUNDA DA PESCA

De forma similar ao observado em Campo Grande, a comercialização do pescado, especialmente o caranguejo, era a principal forma de geração de renda na comunidade de Gameleira. A ruptura dos elos desta cadeia produtiva estaria contribuindo para o acirramento do quadro de pobreza e vulnerabilidade social já existentes entre as famílias da comunidade.

Não existem cadeias produtivas alternativas na região capazes de gerar renda para a comunidade. As pessoas entrevistadas afirmam que os trabalhos possíveis de acessar são diárias na capina, em pastos e na colheita da aroeira. Com relação ao primeiro afirmam que a crise econômica afetou a atividade e com relação à aroeira dizem que este ano a demanda exterior caiu, por tanto, gerando poucos empregos temporários na colheita.

E – RUPTURA DA ESTRUTURA SOCIAL COMUNITÁRIA

Mais do que uma atividade econômica dentre outras, especialmente entre comunidades com aspectos tradicionais marcantes, a pesca é uma categoria estruturante da vida social. Em torno da atividade pesqueira se tecem redes de relação baseadas na troca de pescados, na transmissão de saberes, na temporalidade do trabalho da pesca, nos ritmos de acesso a recursos monetários e na interação com o meio ambiente. A ruptura na continuidade da atividade pesqueira gera, para além das consequências financeiras sobre a comunidade, a quebra em um modo de vida, e a imposição de novos desafios à reprodução física e cultural tanto de cada família quanto da coletividade.

Foram relatados casos de pessoas desistindo da pesca e vendendo seus petrechos, e também fora indicado que a falta de renda na comunidade vem inviabilizando a realização dos festejos tradicionais. Este conjunto de desafios seria responsável por um cenário de tensão com impactos inclusive psicológicos nos moradores.

F – AFETAÇÃO DA SEGURANÇA ALIMENTAR DA COMUNIDADE

Segundo relatos dos moradores, embora Gameleira seja há tempos uma comunidade pobre, havia fartura para o consumo de alimentação saudável, que estaria sendo descontinuada em função desta nova realidade. Diversas famílias afirmam que a diminuição do pescado e da renda gerada por ele, associada a queda na produtividade agrícola e das criações, estão levando a uma situação de insegurança alimentar.

"NÃO TEM MAIS O PEIXE, A ALTERNATIVA É A DIÁRIA NA CAPINA A R\$ 30 O DIA, QUANDO ACHA. SUSTENTO 13 PESSOAS NA CASA."

**"A DESCONFIANÇA DA
ÁGUA E DO PESCADO
AFUGENTOU OS
TURISTAS."**

**"AUMENTOU OS
CASOS DE DIARREIA
NA POPULAÇÃO,
MINHA ESPOSA É
AGENTE DE SAÚDE DA
COMUNIDADE E ME
FALOU."**

G – INSEGURANÇA QUANTO A POSSIBILIDADE DE CONTAMINAÇÃO

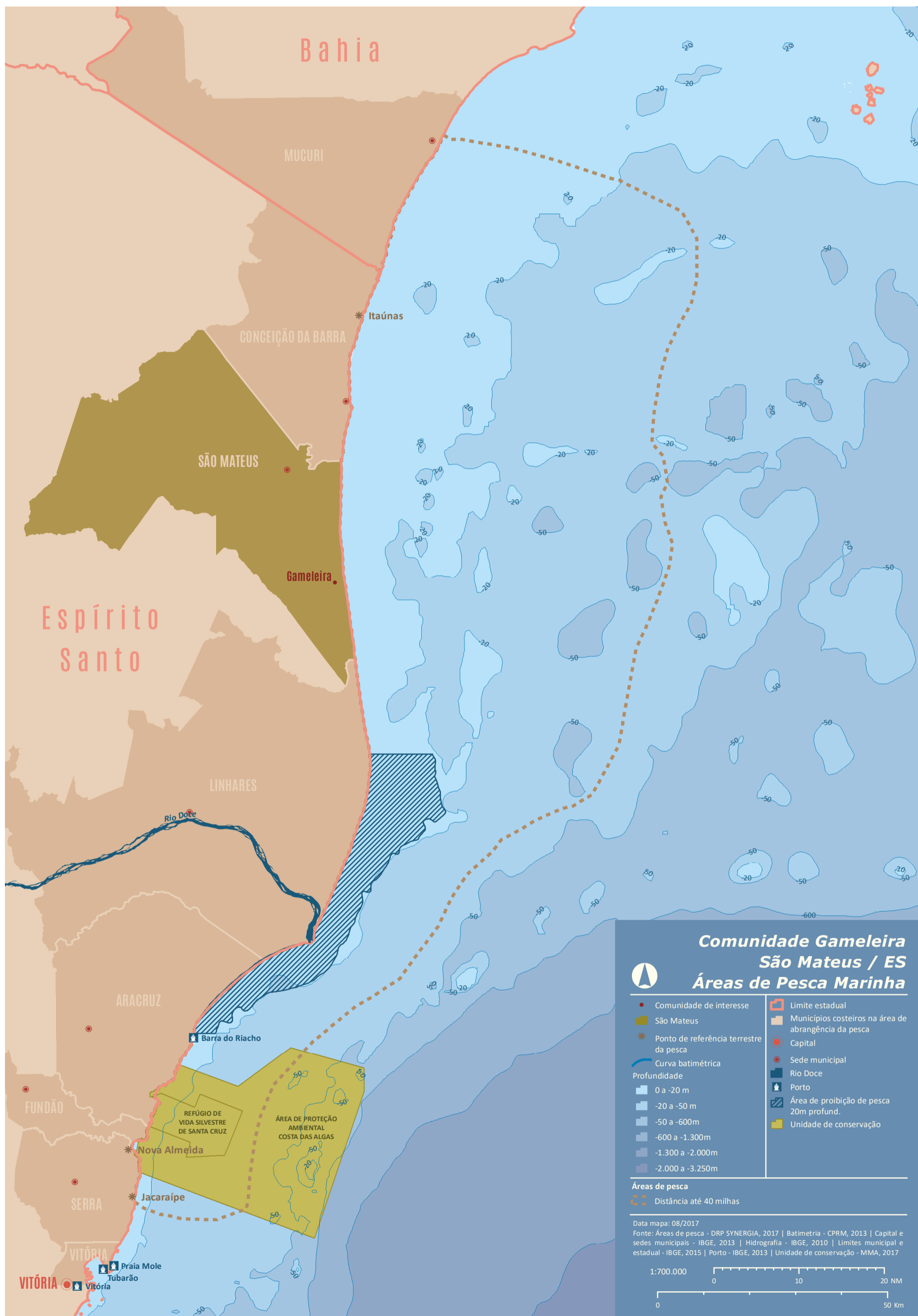
Os moradores afirmam que muitos seguem consumindo o pescado por não ter outra fonte alternativa de alimentação, mas reclamam da falta de informações quanto a possível contaminação da água e dos pescados. Uma das entrevistadas em Gameleira mostrou a equipe feridas em sua perna e na face de sua neta de 3 anos, que segundo ela não teriam sido solucionadas pelos médicos e às quais ela relaciona o fato do uso da água do mangue para banho, ressaltando que sempre a utilizara e nunca havia tido problemas.

H – RELATOS DE EVIDÊNCIAS MATERIAIS DE CONTAMINAÇÃO

Foram relatadas alterações na coloração da água, ora com uma camada mais grossa na superfície, cor de ferrugem, ora com grande transparência que não era comum anteriormente. Fora relatada também mortalidade de siris, caranguejos, peixes e espécies vegetais como pastagens, mangues e taboas¹.

¹ Espécie nativa usada na confecção de artesanatos.

MAPA FALADO



Comunidade Gameleira São Mateus / ES Áreas de Pesca Marinha



- Comunidade de interesse
- São Mateus
- * Ponto de referência terrestre da pesca
- Curva batimétrica
- Profundidade
 - 0 a -20 m
 - 20 a -50 m
 - 50 a -600m
 - 600 a -1.300m
 - 1.300 a -2.000m
 - 2.000 a -3.250m
- Limite estadual
- Municípios costeiros na área de abrangência da pesca
- Capital
- Sede municipal
- Rio Doce
- Porto
- Área de proibição de pesca 20m profund.
- Unidade de conservação

Áreas de pesca
 - - - - - Distância até 40 milhas

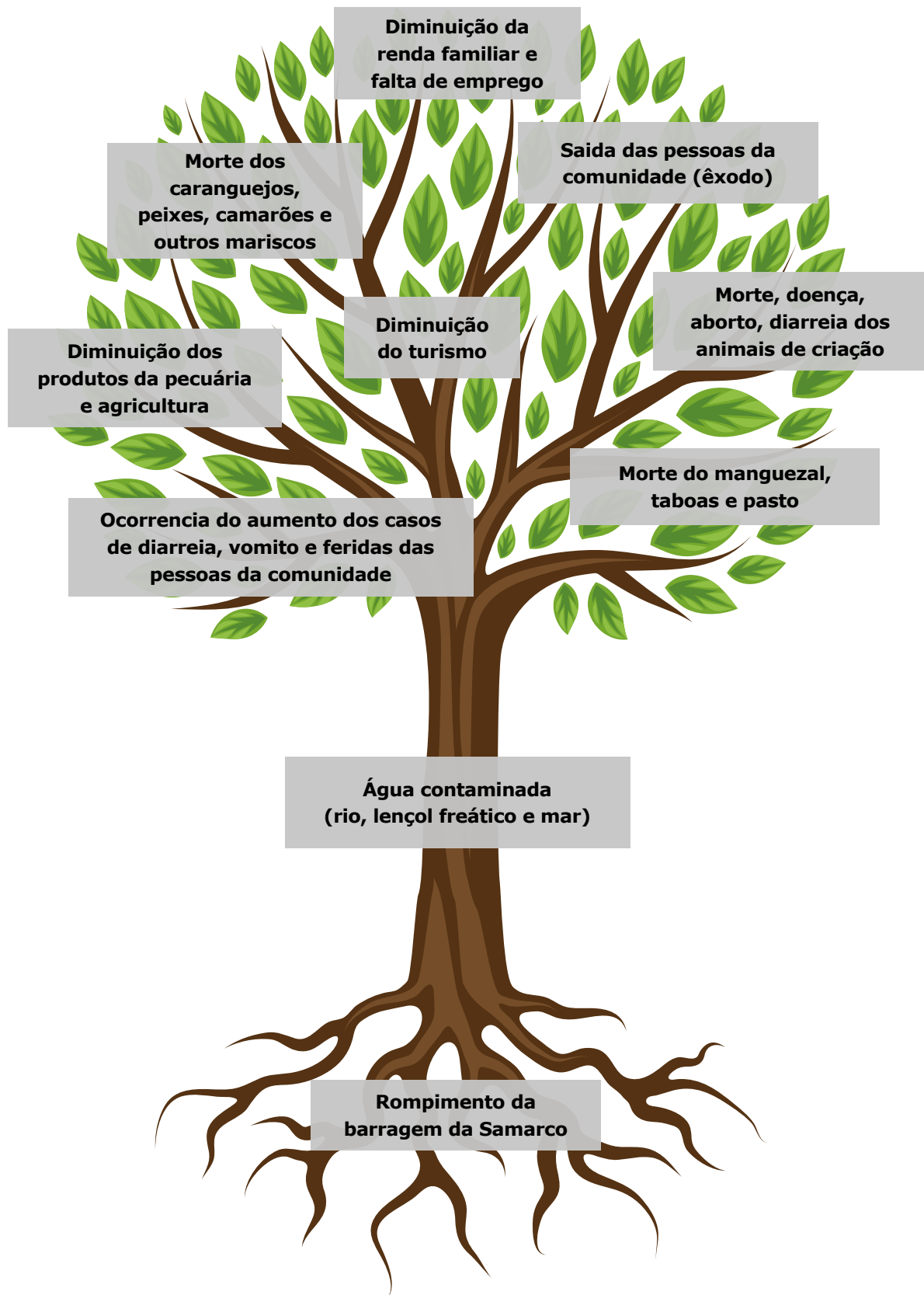
Data mapa: 08/2017
 Fonte: Áreas de pesca - DRP SYNERGIA, 2017 | Batimetria - CPRM, 2013 | Capital e sedes municipais - IBGE, 2013 | Hidrografia - IBGE, 2010 | Limites municipal e estadual - IBGE, 2015 | Porto - IBGE, 2013 | Unidade de conservação - MMA, 2017



MAPA FALADO



ÁRVORE DE PROBLEMA



LINHA DO TEMPO



Pesca: petrechos – rede, tarrafa, balão, espinhel, linha de mão e outros. Pescados: robalo, tainha, carapeba, camarão, pescadinha, sarda, xixarro, xareu, guaibira, roncadador, caranguejo, siri, ostra, sururu, corvina, traíra, baiacu, arraia, cação, caçari, peroá, dorminhoco, paru, dourado e muitos outros. Área de pesca: rio mariricu e no mar de São Mateus. A comercialização era de forma direta, praticada de porta em porta na própria comunidade e em outras de São Mateus e em Vitória. E também através de caminhões bau. Agricultura: a colheita era muito boa. Colhiam milho, feijão, arroz, aipim, abobora, batata, melancia, quiabo, maxixe e aroeira. A venda era feita em feiras e Ceasa norte de São Mateus. No caso da aroeira, era para exportação (EUA, Arábia Saudita e Europa). Tinham também a criação do peixe em tanque escavado. Pecuária: o forte era a produção da vaca leiteira, criação de porco, galinha, pato, ganso, peru, carneiro, cabrito. A venda do leite era feita nas cooperativas e as outras criações eram vendidas nas feiras de São Mateus e vizinhos. Apicultura: foi um projeto implementado por uma ONG de Vitória nos mangues de Gameleira há uns 6 anos atrás. No intuito de ajudar na complementação da renda familiar. Além disso, foi til para evitar acidentes com as abelhas com os marisqueiros. A abelha é a europa e a africana, sendo o mel produzido vendido nas feiras de São Mateus.



Pesca: redução de 50% da produção pesqueira. A comercialização do pescado caiu mais de 70%.

Agricultura: perda de áreas de produção devido a contaminação a água: arroz, peixe.

Pecuária: doença e morte dos animais, ocorrência de aborto nas vacas. Queda na produção do leite.

Apicultura: mortandade de abelhas e diminuição da produção do mel.



As festas eram muito boas, sendo todas tradicionais: Festa de Nossa Senhora Aparecida que traziam muitos turistas e aproximava as pessoas de outras comunidades. Outras festas: Junina, de casamentos, aniversários, jogos de futebol, procissão de barco, leilões dos produtos produzidos pela comunidade.



Solo: muito bom, produzia tudo o que plantava; água: do poço, muito boa, sendo consumida pelas pessoas e animais. Vegetação: existência de cobertura de mangue, mata atlântica, pastagem.



A diminuição da renda fez com que as pessoas não possam mais participar das festas. Assim como a desconfiança da qualidade do pescado afugentou os turistas.



Solo contaminado, terra está estéril. Água dos lençóis freáticos, rio, drenos, estão contaminadas devido ao aumento da incidência de casos de diarreia e feridas nas pessoas. Sendo de preocupação de todos a ocorrência futura de cânceres, visto que já notam câncer nos animais. Percebem um gosto do tipo pedra hume e cheiro de enxofre. O manguezal, pasto (salsa, junco), taboa e outras qualidades de plantas (ex: samambaia, aroeira) estão morrendo.



ECONOMIA: produtos da pesca, agricultura e pecuária, turismo, artesanato.



MEIO AMBIENTE: solo, água, vegetação.



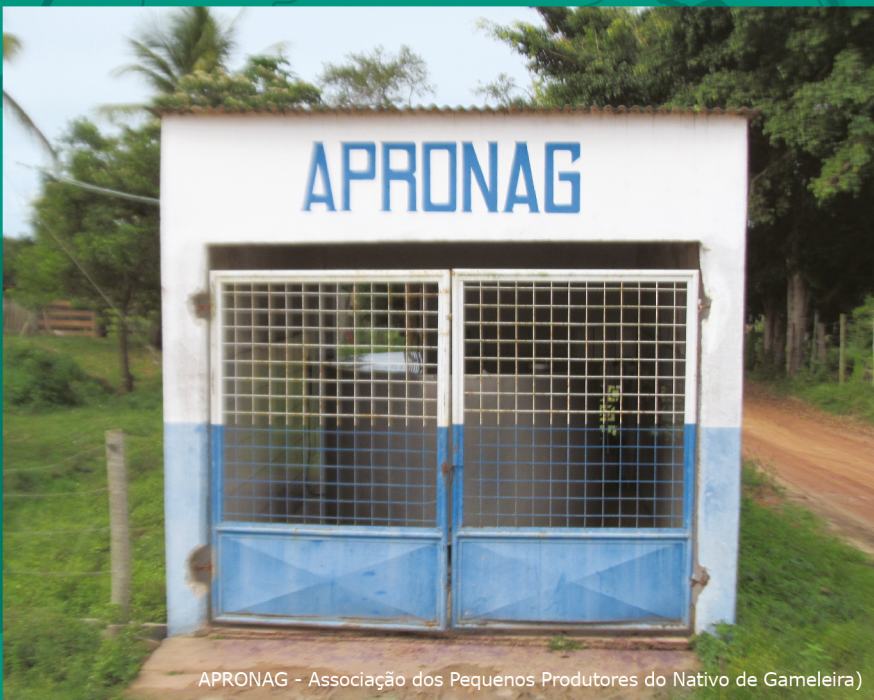
CULTURA / RELIGIÃO: festas, datas comemorativas.



O marco temporal estipulado pelos participantes foi o rompimento da barragem da Samarco em 2015.

São Mateus

Ferrugem



APRONAG - Associação dos Pequenos Produtores do Nativo de Gameleira)

- História da Comunidade
- Caracterização da Pesca e outras Atividades Econômicas
- Impactos Relatados
- Mapa Falado
- Árvore de Problema
- Linha do Tempo

HISTÓRIA DA COMUNIDADE

Os moradores de Ferrugem, participantes da oficina, citaram as famílias que deram origem à ocupação da comunidade, descendentes de indígenas locais: Famílias Aleixo, Araújo, Barros, Constante, Bernardo, Rosário, Pereira e Simião. A comunidade possui uma associação (Associação dos Pequenos Produtores Rurais de Ferrugem), presidida pelo Sr. João. Segundo estimativas dos moradores, cerca de 130 famílias moram na comunidade. As festas tradicionais importantes para a comunidade são a de Bom Jesus (em agosto), festa Junina, Folia de Reis (em Janeiro), cavalgada e leilão dos produtos doados para arrecadação da paróquia (farinha, arroz, feijão, macarrão, carneiro, porco).

Informações sobre a ocupação territorial são apresentadas no mapa abaixo.



CARACTERIZAÇÃO DA PESCA E OUTRAS ATIVIDADES ECONÔMICAS

Como nas outras comunidades analisadas de São Mateus, a pesca em Ferrugem é tipicamente artesanal sendo o caranguejo o produto mais farto e valorizado da pesca local. Além do caranguejo (Foto 1) outras espécies citadas foram morobá, traíra, bagre, bagre africano, tilápia, acará, tucunaré, siri, camarão, cangoá, robalo e carapeba (Anexo IX). As artes de pesca citadas foram puçá, tarrafa e rede de espera, arrastão, choque (estrutura de bambu), jequi, linha de mão (Anexo VIII). As principais áreas de pesca citadas foram o mar, os cursos dos rios Mari-ricu e Cricaré, os manguezais destes rios e as poças que se formavam nas beiras dos Rios após e descida das marés maiores (W).

O produto da pesca era voltado à subsistência e a comercialização para outras pessoas da comunidade, para atravessadores de fora e nas feiras de São Mateus, Jaguaré, Conceição da Barra, Palmito e Palmitinho. Outros vendiam para o caminhão que revendiam em Vitória. Havia também uma empresa que se instalara a 15 anos atrás para criação de camarão e tilápia, mas que interrompeu as atividades.

Agricultura e Pecuária

As principais culturas agrícolas da comunidade são as de várzea, banana, milho, mandioca, feijão, batata doce, lavouras temporárias cultivadas na época do ano com menos enchentes. As principais criações são gado, porco, galinha, pato, ganso e abelhas.

Quando se perguntou aos participantes da oficina sobre alternativas de renda na região, para além da pesca, foram citadas a criação de gado e a agricultura. "...Tem gente plantando um aipim, criando uma galinha, não tem alternativa de renda aqui". Os moradores afirmam que o trabalho remunerado que aparece é a diária para trabalhar em algum sítio ou fazenda próximos, para limpar as áreas, plantar e colher. Uma vez por ano trabalham também no corte da aroeira, sendo os meses de poda, maio e agosto. E usam a taboa (Foto 2) para confecção de artesanato, principalmente esteiras.

Foto 1 - guaiamum



Foto 2



Turismo

O turismo de que se beneficia a comunidade de Ferrugem não é o de turistas em busca dos atrativos da comunidade, mas das praias da região. Esse turismo movimenta a estrada principal de acesso e aquece a comercialização de pescados nas áreas lindeiras.

IMPACTOS RELATADOS

“O CAMARÃO SUMIU DE VEZ, O CARANGUEJO DIMINUIU BASTANTE. PARECE QUE NÃO TÁ DESENVOLVENDO. ANTES PARAVA UM POUCO DE CATAR, DEIXAVA O MANGUE DESCANSAR, ELE REPUNHA. AGORA NÃO.”

“O PESCADO JÁ TÁ ACABANDO. FICOU RUIM DE TRABALHAR COM PESCA. A VENDA DO PESCADO CAIU MUITO, PRATICAMENTE ACABOU.”

A – DIMINUIÇÃO NA CAPTURA DE ESPÉCIES PRIORITÁRIAS DE PESCADO

Os moradores afirmam que o camarão sumiu por completo, e que os caranguejos e peixes tiveram uma grande diminuição. Afirmam que a “lama” foi entrando pela boca da Barra do Rio Mariricu aos poucos, em dias de marés e ventos intensos, e que aos poucos foram diminuindo os pescados da comunidade. Afirmam que os petrechos de pesca ficam sujos no rio e voltam sem nenhum peixe. E também que o “bacedo”, uma espécie de vegetação que fica no fundo do rio oferecendo abrigo aos camarões, teria sumido, contribuindo para o “sumiço” dos camarões. Afirmam também que antes o mangue repunha o estoque de caranguejo quando paravam de catar por algum tempo, mas que agora a reposição não estaria ocorrendo.

Um dos entrevistados afirmou possuir um tanque de criação de tilápias e que todas teriam morrido após contato com a água da maré com rejeitos de “lama”.

B – DIMINUIÇÃO DA DEMANDA PELO PESCADO DA COMUNIDADE

Os moradores afirmam que ninguém compra mais o pescado da região nas feiras em que costumavam vender, e que os atravessadores não vêm mais buscar o pescado na comunidade. Esta diminuição seria causada por fatores como a queda no fluxo de turismo, queda na oferta do pescado e desconfiança do mercado frente o pescado da região após a repercussão do rompimento da barragem de Fundão e seus efeitos.

C – AFETAÇÃO DA AGRICULTURA E DA PECUÁRIA

Os participantes da oficina disseram que os moradores que possuem lotes mais próximos ao rio não conseguem fazer a dessedentação dos animais, pois os poços estariam contaminados (com uma nata vermelha na água) e as valas estariam sujas também. Os que moram mais longe do rio estariam cavando novos poços para abastecer as criações. Afirmam também ter perdido diversas áreas de plantio e pasto na beira do rio, onde a maré com a “lama” teria matado a vegetação (Fotos 3 e 4).

Criadores de porcos afirmam que começaram a surgir feridas nos animais, levando-os a interromper a criação. Um criador de gado afirmou que em outubro de 2016, 20 vacas abortaram em sua fazenda após contato com rejeitos de minério. Outro morador que criava abelhas afirmou que as mesmas abandonaram as caixas e foram embora após a chegada da “lama”.

Foto 3: pasto morto. Foto retirada pela equipe da Synergia no dia 20/07/2017 durante a realização da primeira atividade de campo



Foto 4: taboa morta. Foto retirada pela equipe da Synergia no dia 20/07/2017 durante a realização da primeira atividade de campo



D - DIMINUIÇÃO DA RENDA ORIUNDA DA PESCA

A principal fonte de renda da comunidade de Ferrugem era o comércio do caranguejo, de forma que a economia local teve um grande impacto. As poucas alternativas, como o trabalho em fazendas de gado e de plantação de aroeira, também estariam agora mais escassas do que em anos anteriores. Segundo alguns relatos, o quilograma da aroeira colhida em 2016 valia R\$ 12 para os colhedores e neste ano passou a valer R\$ 5. Os depoimentos indicam que a comunidade está em uma situação de pobreza e vulnerabilidade severa com a perda da renda da pesca.

"O PESSOAL AQUI FAZIA MUITO ARTESANATO DE TABOA, ERA ESTEIRA, CELA PRA CAVALO, E AGORA NÃO TEM MAIS. TINHA O CAPIM, A SALSA DO BREJO, QUE MANTINHA O GADO NA SECA, AGORA MORREU TUDO TAMBÉM."

"TÁ FICANDO MUITO DIFÍCIL POIS A GENTE VIVIA DESSES MARISCOS AI. DE UNS 8 MESES PARA CÁ VEIO ATINGIR ESSA LAMA AQUI O MAR, E O MAR JOGA PRO RIO, E O RIO JOGA PRAS VALAS. A ÁGUA ENTRA NO MANGUE E MORRE MARISCO, CARANGUEJO, O MANGUE, NAS MARGENS A VEGETAÇÃO MORREU TAMBÉM."

"A COMUNIDADE TÁ PARADA, NINGUÉM TEM COMO INVESTIR. O CARA QUE QUER VENDER UM LOTE, NÃO VENDE."

"ANTES TINHA MUITO, ERA ALIMENTO GARANTIDO PARA TODO MUNDO. AGORA CADA PESSOA TÁ SE GARANTINDO DE UM JEITO."

"A LAMA AQUI ENTROU PELA BOCA DA BARRA DO MARIRICU. TEM DUAS BARRAS COM INFLUÊNCIA NA ÁGUA AQUI. ONDE A ÁGUA PASSA DEIXA UM TIPO DE UMA FERRUGEM. TAMO ATÉ COM MEDO DE CONSUMIR ESTE PESCADO AÍ."

E – RUPTURA DA ESTRUTURA SOCIAL COMUNITÁRIA

Mais do que uma atividade econômica dentre outras, especialmente entre comunidades com aspectos tradicionais marcantes, a pesca é uma categoria estruturante da vida social. Em torno da atividade pesqueira se tecem redes de relação baseadas na troca de pescados, na transmissão de saberes, na temporalidade do trabalho da pesca, nos ritmos de acesso a recursos monetários e na interação com o meio ambiente. A ruptura na continuidade da atividade pesqueira gera, para além das consequências financeiras sobre a comunidade, a quebra em um modo de vida, e a imposição de novos desafios à reprodução física e cultural tanto de cada família quanto da coletividade.

F – AFETAÇÃO DA SEGURANÇA ALIMENTAR DA COMUNIDADE

As famílias de Ferrugem atravessam no momento uma situação de grandes desafios para sua segurança alimentar. O pescado local era a principal fonte tanto de alimentação quanto de receitas para aquisição de outros gêneros, levando o atual cenário a uma situação de extrema vulnerabilidade entre algumas famílias.

Agravam este quadro os desafios à reprodução da agricultura e da pecuária, e o relatado sumiço de espécies animais que serviam como alimento, entre elas as capivaras, jacarés e patos selvagens (ererê).

G – INSEGURANÇA QUANTO A POSSIBILIDADE DE CONTAMINAÇÃO

Os moradores de Ferrugem relataram grande receio e desconfiança frente a possibilidade de contaminação da região. Afirmam que as pessoas locais continuam consumindo o pescado por não ter outra alternativa de sobrevivência, mas reclamam muito da total falta de informação sobre a real situação de contaminação ou não dos recursos naturais dos quais dependem em larga escala. Neste sentido foram diversos os relatos de pessoas que teriam passado mal após o consumo deste pescado.

H – RELATOS DE EVIDÊNCIAS MATERIAIS DE CONTAMINAÇÃO

Os moradores relataram a formação de uma camada de sujeira no fundo das caixas d'água residenciais e na superfície dos poços; a mudança da cor da água das valas e canais (Foto 5); mortandade de peixes e do mangue (Foto 6); o material de pesca saindo amarelado da água; o aparecimento de peixes com necroses e feridas incomuns, e odor também alterado; e o sumiço de diversos animais da fauna local.

Foto 5: Área alagada de Ferrugem. Imagem cedida pelos moradores da Ferrugem aos pesquisadores da Synergia no dia 20/07/2017 durante a realização da primeira atividade de campo.



Foto 6: Mangue morto. Imagem cedida pelos moradores de Ferrugem aos pesquisadores da Synergia no dia 20/07/2017 durante a realização da primeira atividade de campo.

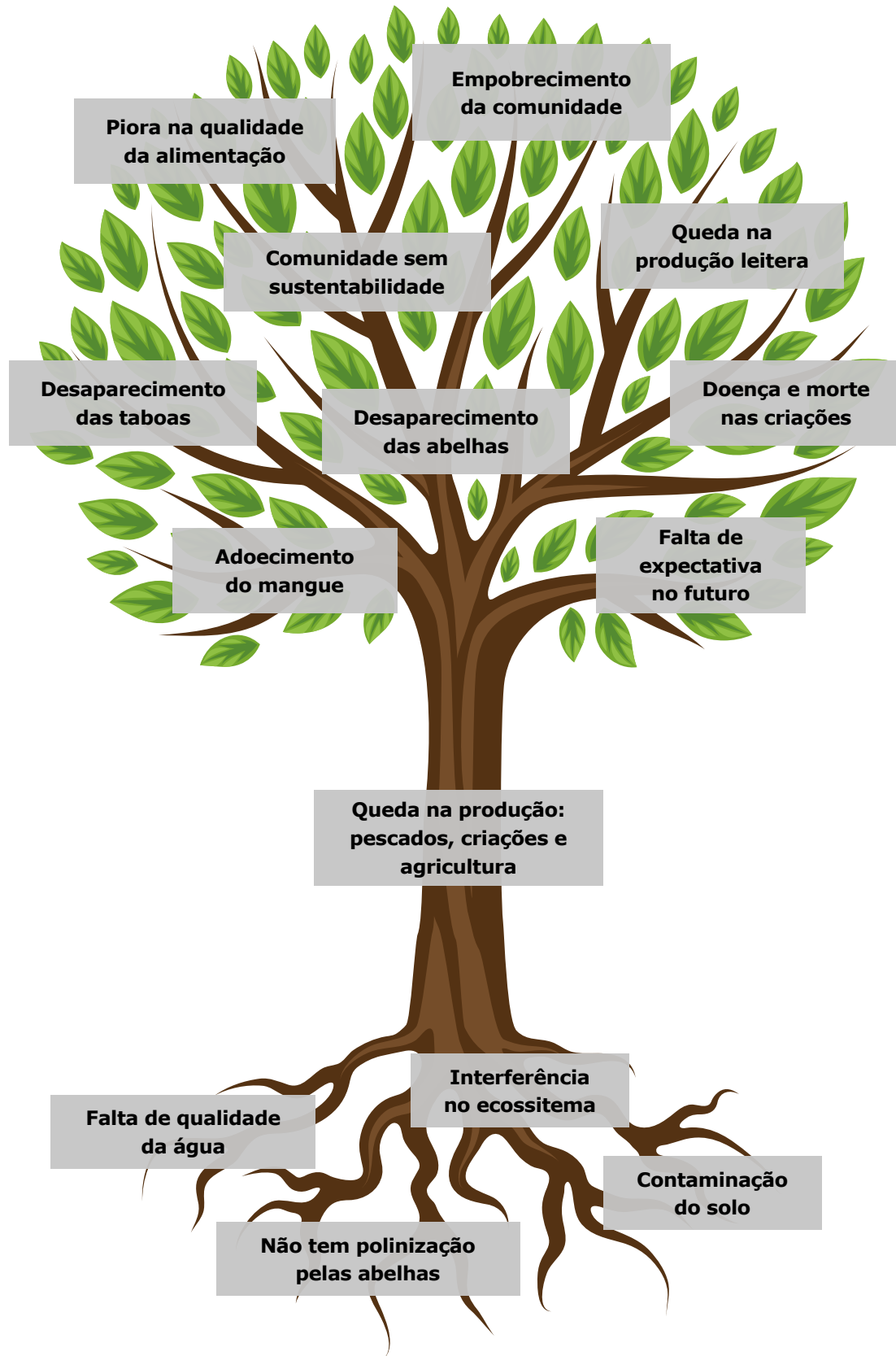


"TA APARECENDO UM TIPO DE UMA NECROSE NOS PEIXES, FERIMENTOS, QUE A GENTE NÃO VIA ANTES. E O PEIXE TÁ MUDANDO A COR POR DENTRO, TÁ MAIS ESBRANQUIÇADO E MENOS VERMELHO."

MAPA FALADO



ÁRVORE DE PROBLEMA



LINHA DO TEMPO



ECONOMIA: produtos da pesca, agricultura e pecuária, turismo, artesanato.



MEIO AMBIENTE: solo, água, vegetação.



CULTURA / RELIGIÃO: festas, datas comemorativas.



O marco temporal estipulado pelos participantes foi o rompimento da barragem da Samarco em 2015.

São Mateus

Nativo



- História da Comunidade
- Caracterização da Pesca e outras Atividades Econômicas
- Impactos Relatados
- Mapa Falado
- Árvore de Problema
- Linha do Tempo

HISTÓRIA DA COMUNIDADE

Os moradores de Nativo participantes da oficina afirmaram que a comunidade foi o primeiro ponto de ocupação da costa de São Mateus. Resgatam de forma positiva a ascendência indígena da comunidade, afirmando que a ocupação se iniciara após um navio português encalhar em região ocupada pelos índios Aimorés. Os portugueses teriam ficado na região e consolidado a ocupação junto aos índios. O próprio nome “nativo” parece remeter a um reconhecimento de outras localidades deste caráter pioneiro e tradicional da ocupação: comunidade do nativo.





Segundo estimativas dos moradores, a comunidade teria cerca de 170 famílias. Possui uma associação – Associação dos Pescadores de Nativo - que congrega também a comunidade de Ferrugem, tendo ao todo cerca de 150 pescadores associados. Embora não tenham uma sede para a associação, utilizam o centro comunitário para realizar reuniões. Sobre a história da comunidade, foram citados como fatos marcantes a enchente de 1979, os impactos da chegada da Petrobrás e a conquista do asfaltamento da estrada, a cerca de 5 anos.

A pesca é a principal atividade econômica da comunidade, especialmente o caranguejo. Existem também a prática da agricultura familiar, com predominância de mandioca, arroz, feijão e milho, e a pecuária. O artesanato tem nas esteiras de tabúa para forrar as celas dos cavalos e nas vassouras de cipó seus principais produtos. O terminal capixaba, da Transpetro, já foi fonte de empregos para a comunidade, mas não é mais. O presidente da associação afirma que cerca de 25 pessoas da comunidade já estiverem empregadas lá ao mesmo tempo, mas que não restou nenhum destes empregos.



CARACTERIZAÇÃO DA PESCA E OUTRAS ATIVIDADES ECONÔMICAS

De acordo com os entrevistados a pesca em Nativo sempre foi muito farta, sendo o caranguejo o produto de maior destaque comercial e principal fonte de renda da comunidade. O presidente da associação afirma que embora fosse uma comunidade com muitas carências havia fartura, sendo comum inclusive a doação de produtos da pesca entre as famílias.

Entre os principais pescados incidentes na região citam tainha, tilápia, robalo, can-goá, moréia, bagre africano (que era “praga”), camarão da malásia, caranguejo, siri, carapeba e judeu (Anexo IX), este última quando a água ficava turva. As artes de pesca eram a rede de espera, tarrafa, linha de mão, e outros petrechos feitos com a vegetação local, como jequiá, samburá e choque, que seriam heranças da cultura Aimoré, feitos de tabúa e cipó (Anexo VIII).

As principais áreas de pesca localizam-se nos cursos e manguezais dos rios Mariricu e Cricaré (como mostra o mapa falado). O pescado, especialmente o caranguejo, era comercializado na própria comunidade, para moradores, para turistas ou para atravessadores que vinham buscar para revenda. Afirmam que havia cerca de 4 atravessadores fixos que iam com frequência à comunidade. Um dos moradores entrevistado relatou que comprava muito caranguejo de seus vizinhos para vender nas feiras de núcleos urbanos próximos, ao preço entre R\$ 20 e R\$ 10 a corda, dependia da oferta e da procura.

Turismo

O turismo de que se beneficia a comunidade de Nativo não é um turismo que busca exatamente os atrativos da comunidade, mas o turismo para as praias da região que gera movimentação na estrada e aquece a comercialização de pescados comprados por estes turistas.

IMPACTOS RELATADOS

"ANTES EU LEVAVA 200 DÚZIAS PARA VENDER, E QUE HOJE NÃO CHEGO A LEVAR 30 DÚZIAS. ANTES TINHA CARANGUEJO GRANDE, AGORA SÓ PEQUENOS. ANTES PEGAVA MUITO ROBALO, MAS QUE "AGORA FICOU FEIO MESMO."

"DEI MINHA REDE PARA A VIZINHA CERCAR AS HORTAS DAS GALINHAS"

"DA ÚLTIMA VEZ QUE FUI VENDER O CARANGUEJO EM LINHARES NÃO CONSEGUI NADA, POIS AS PESSOAS NÃO QUERIAM PESCADO DA NOSSA REGIÃO."

"DE ABRIL PARA CÁ, APÓS O RECONHECIMENTO DA CONTAMINAÇÃO, VEM DIFICULTANDO MUITO A VENDA"

"PRA PIORAR A SITUAÇÃO A COLHEITA DA AROEIRA FOI FRACA ESTE ANO, GERANDO MENOS EMPREGOS DO QUE GERALMENTE GERA."

A – DIMINUIÇÃO NA CAPTURA DE ESPÉCIES PRIORITÁRIAS DE PESCADO

Os moradores entrevistados relatam uma grande diminuição do pescado na região, especialmente o caranguejo, que estaria sumindo dos manguezais, tendo sido encontrados muitos mortos ou com consistência mole, "meio que largando os pedaços". Afirmam que a produtividade da pesca já vinha caindo de forma pouco acentuada, e que a partir de 2015 caiu de uma vez.

Alguns moradores relataram uma produtividade média anterior por pescador era de 30 a 40 dúzias de caranguejo por semana, e que agora esta produção estaria próxima de zero. Um morador entrevistado que compra caranguejo na comunidade para revenda, afirma que antes levava cerca de 300 dúzias a cada vez que ia vender, mas que agora não chega a levar 30.

Os entrevistados afirmam também que findou a fartura de peixes, que antes era possível pescar poucas horas e já estar com o dia ganho, mas que agora muitos estão abandonando a atividade. Afirmam que as espécies não estão mais fazendo a piracema como faziam nos anos anteriores, e que os ovos dos caranguejos não estão eclodindo nem durante o período de defeso, de outubro a dezembro.

Descrevendo a situação de antes e depois, o presidente da associação de Nativo se emocionou e chorou descrevendo o cenário anterior de fartura.

B – DIMINUIÇÃO DA DEMANDA PELO PESCADO DA COMUNIDADE

Segundo os entrevistados, se antes o caranguejo de Nativo era uma referência regional de caranguejos grandes e de qualidade, atualmente as pessoas não compram se souberem que é de Nativo. Os pescadores que vendem em feiras afirmam que os clientes perguntam a origem e não compram o pescado dali, situação frente a qual pescadores ficam divididos, pois se dizem a verdade não vendem, ao mesmo tempo que não acham correto mentir sobre a origem. Os atravessadores que antes iam frequentemente a comunidade não vão mais, e o fluxo de turistas que iam em direção as praias de região, aquecendo a demanda pelo pescado, cessou também.

C – AFETAÇÃO DA AGRICULTURA E DA PECUÁRIA

Os moradores entrevistados que se dedicam a agricultura e a pecuária afirmaram que tem tido problemas para ofertar água de qualidade aos animais. Afirmam também que as plantações estão menos produtivas após a chegada da água que estaria contaminada.

D - DIMINUIÇÃO DA RENDA ORIUNDA DA PESCA

A principal fonte de renda da comunidade era o comércio do caranguejo, mas, como já visto, essa fonte de renda está em franco declínio. Como consequência a economia local sofreu uma grande mudança, as oportunidades de trabalho e renda nesse setor não existem mais. As poucas alternativas, como o trabalho em fazendas de gado e aroeira, também estariam agora mais fracas do que em anos anteriores. Segundo diversos relatos, devido à perda da renda da pesca, a comunidade está em pior situação de pobreza e vulnerabilidade social do que antes. Algumas famílias relataram uma renda anterior de R\$ 600 semanais com a venda de caranguejo pescado.

No mês anterior a realização da pesquisa, o CRAS – Centro de referência em assistência social – do município de São Mateus havia entregado na comunidade de Nativo 23 cestas básicas, que seriam segundo os moradores insuficientes para atender à crescente demanda da comunidade.

E – RUPTURA DA ESTRUTURA SOCIAL COMUNITÁRIA

Mais do que uma atividade econômica dentre outras, especialmente entre comunidades com aspectos tradicionais marcantes, a pesca é uma categoria estruturante da vida social. Em torno da atividade pesqueira se tecem redes de relação baseadas na troca de pescados, na transmissão de saberes, na temporalidade do trabalho da pesca, nos ritmos de acesso a recursos monetários e na interação com o meio ambiente. A ruptura na continuidade da atividade pesqueira gera, para além das consequências financeiras sobre a comunidade, a quebra em um modo de vida, e a imposição de novos desafios à reprodução física e cultural tanto de cada família quanto da comunidade.

Diversas vezes os moradores de Nativo reiteraram que estão parados, sem trabalho, e que além de recuperar sua renda, a comunidade busca recuperar sua autonomia e dignidade por meio de um trabalho possível.

Os comércios perderam o movimento, os moradores locais começaram a se endividar nas mercearias.

F – AFETAÇÃO DA SEGURANÇA ALIMENTAR DA COMUNIDADE

As famílias de Nativo atravessam no momento uma situação de desafios à manutenção de sua segurança alimentar. O pescado local era a principal fonte tanto de alimentação quanto de receitas para aquisição de outros gêneros, levando o atual cenário a uma situação de extrema vulnerabilidade entre algumas famílias.

G – INSEGURANÇA QUANTO A POSSIBILIDADE DE CONTAMINAÇÃO

Os moradores de Nativo relataram grande receio e desconfiança frente a possibilidade de contaminação da região. Afirmam que as pessoas da comunidade continuam consumindo o pescado por não ter outra alternativa de sobrevivência, mas reclamam muito da total falta de informação

"OS COMÉRCIOS PERDERAM O MOVIMENTO, OS MORADORES LOCAIS COMEÇARAM A SE ENDIVIDAR NAS MERCEARIAS"

"OS QUE AINDA CONSOMEM O PESCADO SÃO AQUELES QUE NÃO TEM ALTERNATIVA."

"AS PESSOAS QUE TÊM CONSUMIDO O PESCADO TÊM TIDO DIARREIA, FICANDO DOENTES."

"E OS CARANGUEJOS QUE TÃO VIVOS TÃO MEIO MOLES, LARGANDO OS PEDAÇOS."

Foto 1: abaixo mangue morto e pasto morto. Imagem cedida pelos moradores da Nativo aos pesquisadores da Synergia no dia 10/08/2017 durante a realização da oficina participativa em Campo Grande, São Mateus.



Foto 2: Siri morto. Imagem cedida pelos moradores da Nativo aos pesquisadores da Synergia no dia 10/08/2017 durante a realização da oficina participativa em Campo Grande, São Mateus.



sobre a real situação de contaminação ou não dos recursos naturais dos quais dependem. Foram diversos os relatos de pessoas que teriam passado mal após o consumo de pescado da região.

H – RELATOS DE EVIDÊNCIAS MATERIAIS DE CONTAMINAÇÃO

Foram relatados e apresentados a equipe da Synergia diversos registros de indícios de contaminação nos rios e mangues da comunidade: mangues mortos (Foto 1), água com tonalidade marrom (Foto 2), peixes e siris mortos (Foto 3), caranguejos flácidos e soltando pedaços foram os principais. Foi dito também que, além da tonalidade marrom, a cor da água tem mudado conforme a dinâmica da maré. As vezes fica verde, as vezes fica azul, e isso nunca aconteceu antes, sendo percebida essa ocorrência de um ano e meio para cá.

Diversos pescadores relataram alterações nos aspectos físicos do pescado: siris e caranguejos moles, tempo de sobrevivência menor dos caranguejos após a captura, peixes com odor diferente do comum, ostras pretas por dentro. Afirmam também que quando chegou o rejeito na região, diversos peixes morreram nas valas que levam água dentro dos pastos.

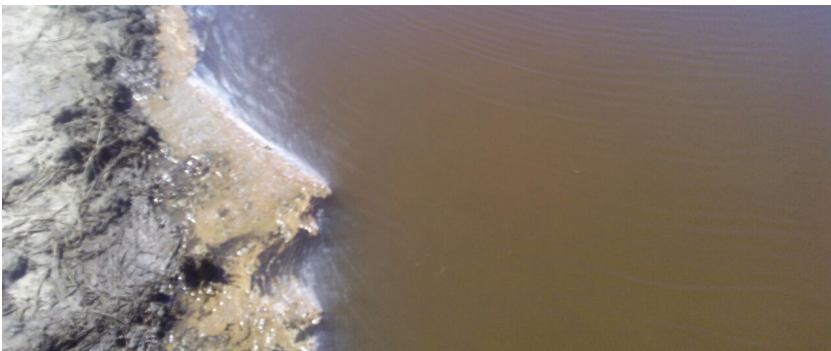
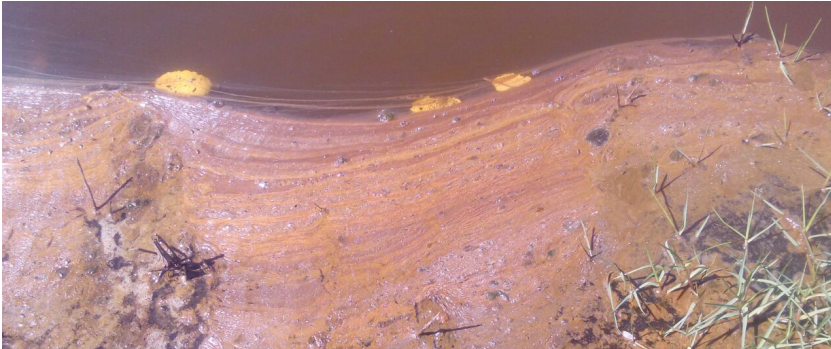
Em Nativo foi relatada também a contaminação da água. Diversos moradores afirmam que mesmo a água vinda de poços, ao ser armazenada nas caixas d'água, mantêm uma camada ferruginosa na superfície, e que após secar a caixa ficava com forte cor de ferrugem. Moradores afirmaram que os que possuem gado estão cavando novos poços em busca de água mais limpa para os animais, e que a água dos poços atuais nem para lavar roupa serve.

Os rios citados como contaminados pelos pescadores durante a pesquisa qualitativa foram o Cricaré e o Mariricu. Embora não se tenha informações recentes quanto a contaminação dos rejeitos de minério nessa região, estudos anteriores mostram que esses rios possuíam algumas peculiaridades ambientais. No caso do Rio Cricaré estudo realizado em 2011¹ indica a necessidade de tratamento da água para irrigação das hortaliças visto os índices de contaminação por parasitas fecais, associado ao despejo de esgotos domésticos após passagem pela cidade de São Mateus. Outro fator verificado sobre esse rio é o fato do elevado índice de cloreto encontrado na água, devido o avanço da cunha salina, nos momentos de maré alta, ultrapassado o limite ideal para o fornecimento de água segundo a SAAE – Serviço Autônomo de Água do Município. Segundo a Secretaria Nacional de Proteção de Defesa Civil e o Ministério da Integração Nacional foi instaurada situação de crise hídrica na região desde de abril de 2017 (Folha Vitória, 2017²).

Sobre o rio Mariricu estudo realizado em 2014³ identificou presença de alumínio, arsênio, boro, chumbo, cromo, ferro, manganês, níquel e vanádio, com resultados acima dos valores de referência estabelecidos pelas Resoluções CONAMA nº 396/08 e nº 420/09. Contudo, o mesmo estudo não considerou ser decorrente de contaminação ambiental, mas ser de cunho natural no ambiente, visto não ter na área histórico de atividades potencialmente poluidoras.

A citação quanto a contaminação dos lençóis freáticos pode ser pertinente uma vez que o aquífero presente na formação Linhares está mais próximo à superfície e devido às características de sua formação – textura arenosa e de alta permeabilidade (penetração). Cabendo, portanto, uma análise da qualidade da água do mar, rios e lençóis freáticos do distrito de Barra Nova.

Foto 3: Contaminação da água. Imagens cedida pelos moradores da Nativo aos pesquisadores da Synergia no dia 10/08/2017 durante a realização da oficina participativa em Campo Grande, São Mateus.

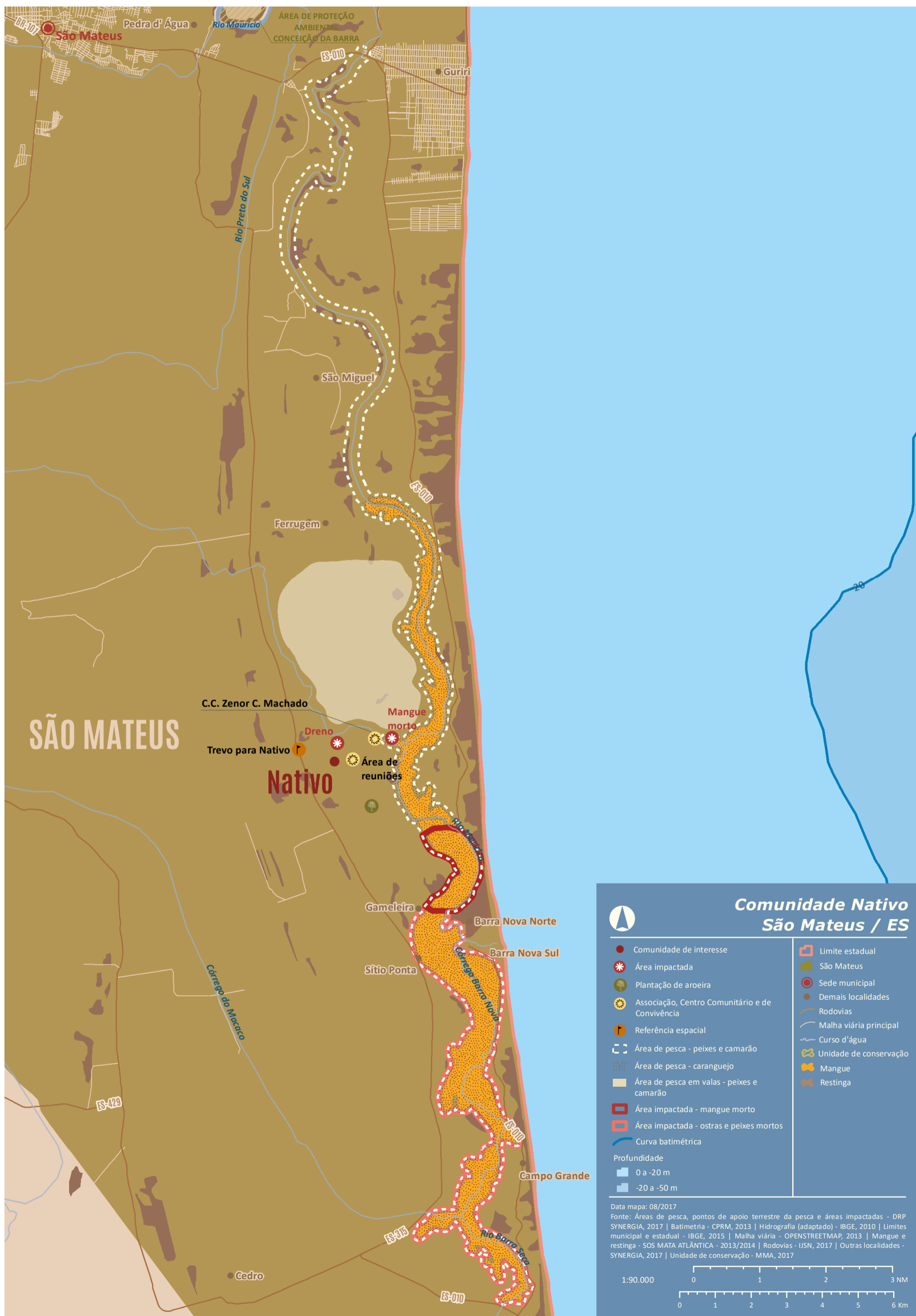


¹ João Victor Martins Antunes, Bruna Carminate, Robson Bonomo, Marcelo Antônio de Oliveira. Monitoramento da Qualidade Biológica da Água do Rio Cricaré para Utilização na Irrigação de Hortaliças. *Enciclopédia Biosfera, Centro Científico Conhecer, Goiânia, v.8, n.15; p. 248-4.* 2012.

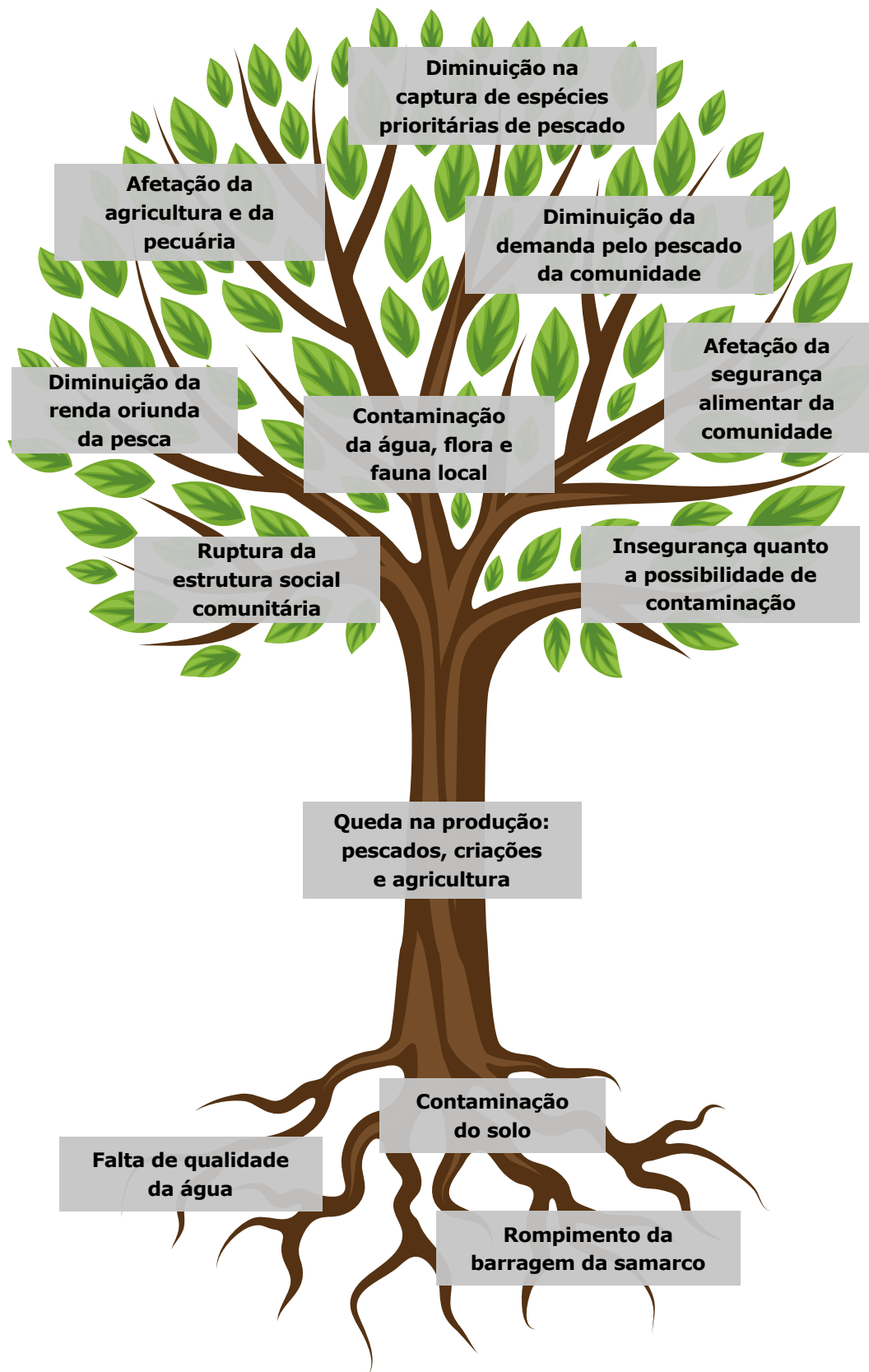
² Folha Vitória. Qualidade do Rio Cricaré compromete abastecimento e distribuição de água em São Mateus - 28/04/2017. Disponível em: <http://www.folhavitória.com.br/geral/noticia/2017/05/qualidade-do-rio-cricare-compromete-abastecimento-e-distribuicao-de-agua-em-sao-mateus.html>. Acesso em: 18 de setembro de 2017.

³ CPMAIS. *Relatório de Impacto Ambiental (RIMA): Terminal São Mateus*, 2014.

MAPA FALADO



ÁRVORE DE PROBLEMA



LINHA DO TEMPO

Pesca era farta. Os pescadores doavam muitos peixes. Pescados: tainha, tilápia, robalo, cangoá, moréia, bagre africano (que era praga), camarão da malásia, caranguejo, siri. Vinha gente de fora pescar aqui. Área de pesca era o rio Cricaré. Tinha uma empresa que criava camarão e tilápia e gerava empregos. Tinha a fama dos melhores caranguejos do estado. Os turistas compravam muito os pescados. E vinha muito comprador de pescado de fora e pessoas daqui também vendiam para fora. Faziam os petrechos de pesca (jequia, samburá, choque - herança indígena aimoré) com a vegetação local. Tinha bebedouros naturais e pastagens nativas para o gado. Plantavam mandioca, feijão, arroz, milho em roças familiares. O que plantava era tudo grande, dava na época certa e não precisava de adubo. Os petrechos de pesca eram feitos de taboa e cipó. Os cavalos tinham esteiras de taboa sob a cela. As vassouras eram feitas de cipó e timbó, o balaio de jaca.

As pessoas não compram mais o pescado daqui. Não acha mais peixe, nem pequeno e nem grande. Ninguém pega mais peixe porque não tem. Ainda tem a ostra, mas ninguém compra. Os pescados ainda consumidos são por falta de opção. Atualmente, vivem de diárias em fazendas, quando tem, ou da ajuda de parentes que trabalham fora da comunidade. Não tem mais água boa para a agricultura. Muitos optaram em plantar a aroeira. Roças produzindo menos, acabou a fartura. A água ficou imprópria para o gado por isso estão dando água encanada (não tratada) para o gado. Estão dependentes das criações, aquelas que tem. Não tem mais taboas, acabou em 2016. Nem o cipó, nem a salsa (capim para gado). Os comércios perderam o movimento, os moradores locais começaram a se endividar nas mercearias. Relatam a necessidade de trabalhar.

5 NOV
2015



Realização da festa de ano novo (2012/2013) organizada pelos pescadores onde veio muita gente de fora.



Presença de capivara e jacaré. Solo era rico.



Quem vinha pescar e banhar no rio não vem mais.



Pessoas que têm consumido o pescado têm tido diarreia, ficando doentes, relatam aparecer casos de câncer. Mudança no ambiente, o peixe não está aparecendo nas épocas certas; ex: na piracema os peixes não subiram para desovar. Os ovos dos caranguejos não eclodem, não repõe no mangue nem quando está no período do defeso (out-dez). Não vêm mais nem a água viva. Falam que a salsa é difícil de matar, e que a lama matou. O arco de barro acabou, onde era morada do guaiamum.



ECONOMIA: produtos da pesca, agricultura e pecuária, turismo, artesanato.



MEIO AMBIENTE: solo, água, vegetação.



CULTURA / RELIGIÃO: festas, datas comemorativas.



O marco temporal estipulado pelos participantes foi o rompimento da barragem da Samarco em 2015.

São Mateus

●
São Miguel



- Aspectos da Comunidade
- Caracterização da Pesca e Outras Atividades Econômicas
- Impactos Relatados
- Espacialização das Áreas de Pesca e Impactos

ASPECTOS DA COMUNIDADE

A comunidade de São Miguel reúne as localidades de São Miguel e Ilha Preta, bem próximas. Possui uma espacialidade um pouco diferente das outras comunidades por serem as residências mais distantes, menos aglomeradas. O ponto central onde existem mais residências fica a beira da rodovia. A comunidade é tipicamente rural, com pastagens predominando na paisagem. (ver mapa abaixo)

Estas pastagens contam com valas que levam a água para áreas distantes, valas que teriam sido abertas a partir de grandes canais construídos na região nos tempos da ditadura militar (Foto 2).

A comunidade de São Miguel possui uma associação que, segundo sua presidente, a Sra. Silvia, estaria em processo de regularização. Mesmo com esta entidade, a comunidade costuma ser representada pela Associação de Pescadores, Catadores de Caranguejo, Aquicultores, Moradores e Assemelhados de Campo Grande de Barra Nova (APESCAMA), São Mateus, ES.

As principais atividades econômicas locais são a pesca e a agricultura familiar, sendo alternativas esporádicas o trabalho em fazendas de gado e aroeira da região.



CARACTERIZAÇÃO DA PESCA E OUTRAS ATIVIDADES ECONÔMICAS

A pesca é realizada na comunidade de São Miguel nas águas dos rios Mariricu, Cricaré e nos manguezais da comunidade (Foto 1). Costuma-se pescar também nas valas (Foto 2) que levam água por centenas de metros para dentro dos pastos (ver mapa de espacialização das áreas de pesca). Os petrechos de pesca citados foram a rede de espera, tarrafa, jequi (Foto 3) e linha de mão (Anexo VIII), e as embarcações típicas são pequenas canoas (Foto 4). As espécies mais citadas foram caranguejo, robalo, cangoá, tainha, camarão, camarão da malásia, judeu, carapeba, tilápia e camurupim (Anexo IX). O pescado sempre foi comercializado na própria comunidade ou para atravessadores do município de São Mateus. A maioria dos moradores entrevistados eram residentes há mais de uma década na comunidade.

Moradores afirmaram que a carne de siri desfiada era comercializada a R\$ 30/kg; que a pesca do camarão era feita com um conjunto de jequis deixados na água por 3 dias, ficando cheios após este período; que alguns moradores eram pescadores exclusivos, enquanto outros se dedicavam mais a agricultura, pescando também poucas vezes na semana para completar a renda e a cesta básica familiar.

Turismo

O turismo de que se beneficia a comunidade de São Miguel não é um turismo que busca os atrativos da comunidade, mas sim das praias da região, que movimentam a estrada que passa pela comunidade e aquece a comercialização de pescados.

Foto 1 - Rio Mariricu



Foto 2



Foto 3



Foto 4



IMPACTOS RELATADOS

“DEU UMA AFETADA, NÃO PEGA MAIS PEIXES, ACHO QUE MORRERAM: ROBALO, CANGOÁ, CARAPEBA, CARANGUEJO, SIRI, MIRORÓ, CAMARÃO. NO CASO DO SIRI, ANTES, CHEGAVA A PEGAR 50-60 UNIDADES POR PESCARIA, DIFERENTE DE HOJE. NO CASO DO CAMARÃO, CHEGAVA A PEGAR UMA CAIXA POR PESCARIA, E HOJE JÁ NÃO TEM MAIS O QUE PEGAR.”

“E O PESSOAL DA REGIÃO, NINGUÉM QUER PORQUE SABE QUE O PEIXE TA CONTAMINADO.”

A – DIMINUIÇÃO NA CAPTURA DE ESPÉCIES PRIORITÁRIAS DE PESCADO

Os moradores de São Miguel relatam queda significativa na captura de pescado. Afirmam que caiu muito a quantidade de peixe capturado com redes, tarrafas e linhas de mão e que os jequis (Foto 5) não estão mais sendo utilizados em função do sumiço do camarão. Nas valas dentro dos pastos, onde anteriormente se pegava muita tilápia e traíra, não estão aparecendo mais peixes. Em relação a quantidades foi informado que cada catador pegava de 50 a 60 siris em cada pescaria, e uma caixa de camarão, e que estas espécies não estariam mais sendo capturadas.

Foto 5: Deterioração dos petrechos de pesca por desuso. Foto tirada pela equipe da Synergia no dia 19/07/2017 durante a realização da primeira atividade de campo.



B – DIMINUIÇÃO DA DEMANDA PELO PESCADO DA COMUNIDADE

De forma similar às outras comunidades da região, em São Miguel os moradores afirmam forte diminuição da procura pelo pescado da comunidade. O turismo em busca das praias da região, que aumentava a demanda pelo pescado, teria diminuído muito e prejudicado as vendas na comunidade. Os atravessadores, vindos de outros centros urbanos, teriam também parado de aparecer.

C – DESAFIOS À CONTINUIDADE DA AGRICULTURA E PECUÁRIA

Moradores de São Miguel afirmam que perderam áreas de pasto na beira do rio (Foto 6), que teriam morrido após o contato com a maré trazendo os rejeitos de “lama” oriunda da Barragem de Fundão. Foram relatados também casos de famílias que tiveram animais mortos após a ingestão da água.

Foto 6: Pasto morto. Registro feito pela equipe da Synergia no dia 19/07/2017 durante a realização da primeira atividade de campo.



D - DIMINUIÇÃO DA RENDA ORIUNDA DA PESCA

Segundo relatos da presidente da associação, as pessoas de São Miguel não possuem outras qualificações profissionais além da pesca, e a economia local também não oferece alternativas além de “uma diariuzinha aqui outra ali” em fazendas de gado e na colheita da aroeira. Esta diminuição da renda se vê agravada por ocorrer ao mesmo tempo em que aumenta a demanda pelo consumo de carne.

Algumas famílias afirmaram que retiravam entre R\$ 700 e R\$ 1.000 reais por mês com a pesca.

E – IMPACTOS EM COMÉRCIOS E SERVIÇOS

Os representantes dos comércios locais afirmam que embora não fossem pescadores, o principal produto comercializado era o pescado e que também se consideram impactados pela ruptura na cadeia econômica da pesca. O artesanato de taboa também teria ficado inviável na comunidade, em função da mortandade desta vegetação de áreas alagadiças.

“ONDE CHEGOU A MARÉ O PASTO MORREU!”

“QUE ANTES SUA FAMÍLIA ERA SUSTENTADA PELA PESCA, MAS QUE AGORA NÃO PEGA MAIS NADA”

“ [...] MUITOS FAZIAM ARTESANATO DE TABOAS, MAS AGORA QUE MORREU TUDO, NÃO DÁ MAIS PARA FAZER!”

"SOU UMAS DAS MAIS VELHAS AQUI E NUNCA TINHA VISTO UMA COISA AQUI TÃO HORRÍVEL COMO ESSA ÁGUA. ANTES CAVAVA O POÇO E A ÁGUA ERA CRISTALINA, AGORA TÁ BARRENTO, COM ÓLEO, SUJA, NÃO DÁ NEM PARA LAVAR ROUPA. AFETOU TODO MUNDO DA COMUNIDADE, DE UM JEITO OU DE OUTRO"

"A GENTE NÃO SABE COMO AGIR, SE PODE VENDER O PEIXE OU NÃO. ESTAMOS SEM SABER COMO AGIR."

"HOJE TEM QUE COMPRAR O FRANGO E A CARNE DE BOI MAIS DO QUE ANTIGAMENTE PORQUE ANTES COMÍAMOS O PESCADO OU TROCÁVAMOS POR OUTROS ALIMENTOS OU DINHEIRO. "

F – RUPTURA DA ESTRUTURA SOCIAL COMUNITÁRIA

Diversas vezes os moradores de São Miguel reiteraram que estão parados, sem trabalho, e que além de recuperar sua renda, a comunidade busca recuperar sua autonomia e dignidade por meio do trabalho possível.

O comprometimento da atividade pesqueira ocasionou a descontinuidade de alguns elos sociais estruturantes na comunidade, entre eles as costumeiras dações de pescados aos parentes e vizinhos, garantindo a segurança alimentar tanto daqueles que pescavam quanto dos que ganhavam o pescado. Além disso, a falta de pescados e a diminuição da compra/venda dos mesmos comprometeu outros setores produtivos, como os comerciantes locais que compravam os peixes (robalo, siri, tilápia, cangoá, tainha) e caranguejos para revender aos turistas e transeuntes que passavam pelas regiões atraídos pelas praias de Guriri, Urussuquara e Barra Nova Sul.

G – INSEGURANÇA QUANTO A POSSIBILIDADE DE CONTAMINAÇÃO

Os moradores de São Miguel relataram grande receio e desconfiança frente a possibilidade de contaminação da região. Afirmam que as pessoas locais continuam consumindo o pescado por não ter outra alternativa de sobrevivência, mas reclamam muito da total falta de informação sobre a real situação de contaminação ou não dos recursos naturais dos quais dependem em larga escala. Neste sentido foram diversos os relatos de pessoas que teriam passado mal após o consumo deste pescado.

H – AFETAÇÃO DA SEGURANÇA ALIMENTAR DA COMUNIDADE

As famílias de São Miguel atravessam no momento uma situação de grandes desafios à manutenção de sua segurança alimentar. O pescado local era a principal fonte tanto de alimentação quanto de receitas para aquisição de outros gêneros, levando o atual cenário a uma situação de extrema vulnerabilidade entre algumas famílias.

I – RELATOS DE EVIDÊNCIAS MATERIAIS DE CONTAMINAÇÃO

Foram relatados e apresentados à equipe diversos registros de indícios de contaminação nos rios e mangues da comunidade: mangues mortos, água com tonalidade marrom, peixes e mariscos mortos (Foto 7), caranguejos flácidos e soltando pedaços foram os principais relatos. Vale ressaltar que a presença de metais pesados deixa a estrutura das ostras frágeis podendo se partir a qualquer pressão exercida (ALVES, 2001).

Notaram também que as ostras estão pretas por dentro, os caranguejos não estão com a mesma resistência, morrendo em menos de um dia após capturados e os peixes apresentam odor associado as vísceras diferenciado do que costumeiramente conhecem. Além da ausência de minhocas na terra, muito comum na região. Outras evidencias associadas a contaminação dos corpos hídricos foi o relato do aumento de doenças humanas na comunidade, como diarreia, vômito e feridas no corpo.

Quando perguntados sobre de onde poderia estar vindo a contaminação relatam que pode vir tanto do Cricaré quanto da barra de Barra Nova, nesse caso a contaminação vem com o vento sul, pois a água revira ficando de amarela a cinza.

"O PEIXE TÁ DURANDO MENOS, RÁPIDO ESTRAGA, E O CHEIRO DA BUCHADA TÁ DIFERENTE."

Foto 7: Ostras mortas. Registro fotográfico da equipe da Synergia no dia 19/07/2017 durante a realização do primeiro reconhecimento de campo.



Foto 8: Marcas de ferrugem deixadas no tanque que acondicionava a água captada do poço. Registro fotográfico realizado pela equipe da Synergia no dia 19/07/2017 durante a realização da primeira atividade de campo.



MAPA FALADO



JAGUARÉ

OFICINA PARTICIPATIVA

COMUNIDADES PRESENTES:

CAMPO GRANDE, SÍTIO PONTA, SÃO MIGUEL E URUSSUQUARA

Não foi possível aplicar o DRP nessa comunidade no dia 10/08/2017, porém, durante a reunião instaurada foi possível levantar uma série de informações disponibilizadas pelas pessoas das comunidades presentes, como mostram as fotos abaixo.



São Mateus

●
Sítio Ponta



- Aspectos da Comunidade
- Caracterização da Pesca e Outras Atividades Econômicas
- Impactos Relatados
- Especialização das Áreas de Pesca e Impactos

ASPECTOS DA COMUNIDADE

A comunidade Sítio Ponta, ou Fazenda Ponta como também é chamada, localiza-se adiante de Ferrugem, pela mesma estrada, conformando um espaço contínuo entre as duas comunidades (ver mapa abaixo). É relativamente menor em termos de número de famílias do que as comunidades vizinhas estudadas. São vinculados à Associação de Pescadores, Catadores de Caranguejo, Aquicultores, Moradores e Assemelhados de Campo Grande de Barra Nova (APESCAMA).



CARACTERIZAÇÃO DA PESCA E OUTRAS ATIVIDADES ECONÔMICAS

A pesca é a principal atividade econômica e de subsistência na comunidade Sítio Ponta, sendo complementada pela agricultura familiar e atividades econômicas sazonais como a colheita da aroeira nas fazendas da região. O caranguejo é a principal espécie explorada, e as principais áreas de pesca são os manguezais e curso do Rio Mariricu (ver mapa de espacialização das áreas de pesca). As artes de pesca utilizadas são rede, tarrafa e jequi (Anexo VIII). Os pescados de maior importância na comunidade são caranguejo, taíinha, robalo, cangoá, tilápia, e camarão (Anexo IX).

IMPACTOS RELATADOS

**"AGORA TEM MUITO
POUCO CARANGUEJO"**

**"AGORA OS
COMPRADORES
SUMIRAM, VINHAM
ATRAVESSADORES
E TURISTAS ATRÁS,
AGORA O PESSOAL
DAQUI SEGUE
COMENDO, PORQUE
NÃO TEM JEITO."**

A - DIMINUIÇÃO NA CAPTURA DE ESPÉCIES PRIORITÁRIAS DE PESCADO

Na comunidade de Sítio Ponta o principal recurso pesqueiro, o caranguejo, estaria diminuindo sua incidência nos manguezais locais. De forma similar ao relatado nas comunidades vizinhas, os manguezais não estariam conseguindo repor os estoques de caranguejos, e os peixes estariam diminuindo também de incidência no rio Mariricu. Contudo como já explicado no item RELATOS DE EVIDÊNCIAS MATERIAIS DE CONTAMINAÇÃO da comunidade de Nativo, não há informações atuais quanto a qualidade de água desse rio, apenas foram identificados alguns metais pesados em 2014, dentre eles o arsênio, que segundo o estudo, possui naturalmente uma concentração elevada em grande parte da costa capixaba.

B - DIMINUIÇÃO DA DEMANDA PELO PESCADO LOCAL

Segundo relatos dos moradores tanto os atravessadores quanto compradores diretos teriam diminuído a demanda por pescados na região. A diminuição estaria relacionada a diminuição da oferta de pescado, a desconfiança do mercado em relação ao pescado local e à diminuição do fluxo de turistas para a região. Tanto os atravessadores quanto os compradores diretos pararam de fazer as encomendas, associado a instabilidade da qualidade do pescado e diminuição do turismo, a venda do pescado parou.

C - DIMINUIÇÃO DA RENDA ORIUNDA DA PESCA

O conjunto de desafios relacionados à continuidade da captura e comercialização do pescado, principal atividade econômica local, estariam causando impacto direto na renda das famílias da comunidade.

D – RUPTURA DA ESTRUTURA SOCIAL COMUNITÁRIA

Mais do que uma atividade econômica dentre outras, especialmente entre comunidades com aspectos tradicionais marcantes, a pesca é uma categoria estruturante da vida social. Em torno da atividade pesqueira se tecem redes de relação baseadas na troca de pescados, na transmissão de saberes, na temporalidade do trabalho da pesca, nos ritmos de acesso a recursos monetários e na interação com o meio ambiente. A ruptura na continuidade da atividade pesqueira gera, para além das consequências financeiras sobre a comunidade, a quebra em um modo de vida, e a imposição de novos desafios à reprodução física e cultural tanto de cada família quanto da comunidade.

E – INSEGURANÇA QUANTO A POSSIBILIDADE DE CONTAMINAÇÃO

Os moradores de Sítio Ponta relataram grande receio e desconfiança frente a possibilidade de contaminação da região. Afirmam que as pessoas locais continuam consumindo o pescado por não ter outra alternativa de sobrevivência, mas reclamam muito da total falta de informação sobre a real situação de contaminação ou não dos recursos naturais dos quais dependem em larga escala.

"ALGUMAS OSTRAS AGORA ESTÃO ESPUMANDO. UMA SENHORA QUE MORA NA BEIRA DO MANGUE ESTÁ COM PROBLEMAS NA PELE."

F – AFETAÇÃO DA SEGURANÇA ALIMENTAR DA COMUNIDADE

As famílias de Sítio Ponta enfrentam sérios desafios para garantir sua alimentação. O pescado local era a principal fonte tanto de alimento quanto de receitas para aquisição de outros gêneros, levando o atual cenário a uma situação de extrema vulnerabilidade de algumas famílias.

G - RELATOS DE EVIDÊNCIAS MATERIAIS DE CONTAMINAÇÃO

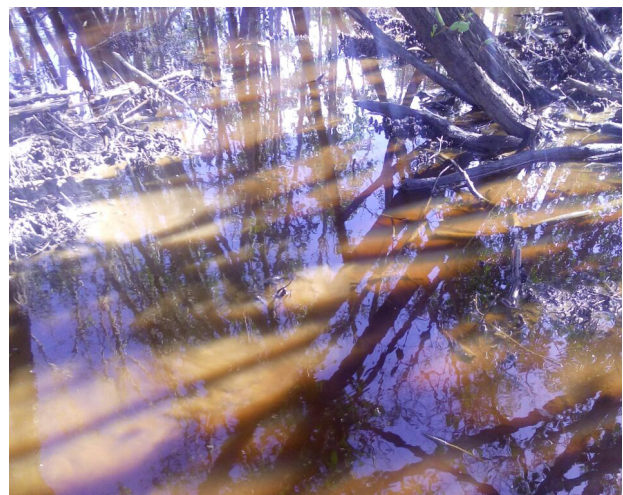
Foram relatados e apresentados a equipe diversos registros de indícios de contaminação nos rios, valas e mangues (Foto 1) da comunidade. Dentre eles os mais citados foram alteração na cor da água para uma tonalidade mais alaranjada (Foto 2) e a ocorrência de ostras, caranguejos (do tipo maracunim) e peixes mortos, além de problemas de pele. Acreditam que a contaminação veio do mar para o mangue adentrando rio a cima, considerados mais prejudicados ainda após o fechamento da barra.

"NAS VALAS AGORA TEM UMA LAMA AMARELA, NUNCA TINHA TIDO ESSA ÁGUA ASSIM, DE SEIS MESES PARA CÁ QUE VEIO."

Foto 1: Mangue morto. Imagem cedida pelos moradores da Nativo aos pesquisadores da Synergia no dia 10/08/2017 durante a realização da oficina participativa em Campo Grande, São Mateus.



Foto 2: Água contaminada. Foto cedida pelos moradores aos pesquisadores da Synergia no dia 10/08/2017 durante a realização da oficina participativa em Campo Grande, São Mateus.



MAPA FALADO



OFICINA PARTICIPATIVA

COMUNIDADES PRESENTES:

CAMPO GRANDE, SÍTIO PONTA, SÃO MIGUEL E URUSSUQUARA

Não foi possível aplicar o DRP nessa comunidade no dia 10/08/2017, porém, durante a reunião instaurada foi possível levantar uma série de informações disponibilizadas pelas pessoas das comunidades presentes, como mostram as fotos abaixo.



São Mateus

Campo Grande



- Aspectos da Comunidade
- Caracterização da Pesca e Outras Atividades Econômicas
- Impactos Relatados
- Espacialização das Áreas de Pesca e Impactos

ASPECTOS DA COMUNIDADE

Funciona em Campo Grande a Associação de Pescadores, Catadores de Caranguejo, Aquicultores, Moradores e Assemelhados de Campo Grande de Barra Nova, que reúne associados de Campo Grande, Sítio Ponta e São Miguel. Segundo a Associação, em Campo Grande teriam cerca de 150 famílias moradoras. A associação reúne cerca de 600 associados destas três localidades.

Por ter a associação de pescadores mais estruturada da região, Campo Grande centraliza de certa forma a mobilização política entre as comunidades estudadas. Foi criado o Fórum Norte, por meio do qual as comunidades locais vêm reivindicando atenção aos alegados impactos do rompimento da Barragem de Fundão na região. A Associação possui sede, veículo Van e um caminhão frigorífico, oriundos de compensações das instalações da Transpetro da região.

A comunidade vive basicamente da pesca, sendo referência regional de caranguejos de qualidade, sediando inclusive anualmente o festival do caranguejo que esse ano realizou o seu 17º evento. Praticam pesca de subsistência e para comércio na porta de suas casas para turistas e passantes na via de acesso ou para compradores que vinham buscar pescado e caranguejo para revenda noutros lugares como Vitória e São Mateus. Além da pesca, outras atividades econômicas na comunidade são pequenos roçados familiares, artesanatos de madeira e fibras como taboa, e trabalhos braçais em fazendas de gado e aroeira. Segundo um dos entrevistados, colaboram para uma falta de perspectivas profissionais na região a baixa escolaridade média da população local, em especial os mais idosos, com a vida dedicada a pesca.

Informações sobre a ocupação territorial da comunidade são apresentadas no mapa abaixo.



CARACTERIZAÇÃO DA PESCA E OUTRAS ATIVIDADES ECONÔMICAS

O principal recurso da pesca em Campo Grande é o caranguejo. A comunidade se identifica como de catadores de caranguejo. Além do caranguejo, são pescados o siri e espécies de peixe capturadas no rio, como tilápia, robalo, tainha, carapeba, vermelho, entre outros. São explorados também moluscos como sururu e a ostra (Anexo IX).

Foi relatado que vinham muitos compradores de fora em busca do caranguejo da região. Turistas e atravessadores vinham comprar na própria comunidade, e sempre houve abundância do recurso nos manguezais locais. Relataram que antes, cada família em média, coletava de 30 a 60 dúzias de caranguejo por semana, comercializadas cada a R\$ 15 no inverno e até R\$ 35 no verão.

A pesca realizada na comunidade é tipicamente artesanal. As embarcações usadas são pequenas canoas para navegação no estuário, e as principais artes de pesca são a linha de mão, a tarrafa, a rede de espera, para peixes, e armadilhas para camarão como o jequi (Anexo VIII).

A captura de siri é feita principalmente com puçá, e o caranguejo é capturado com armadilhas de pequenas redes no mangue. A cata do caranguejo ocorre a partir de uma divisão interna de espaços explorados no mangue por cada conjunto de famílias, e respeita períodos de "descanso" de cada área de mangue para reposição dos estoques de caranguejo (ver mapa de espacialização das áreas de pesca).

A comunidade não possui uma estrutura complexa de apoio a pesca. Cada família ou conjunto de famílias possui um ponto onde ficam os barcos na beira do rio. Fora isso a sede conta com câmara fria e caminhão frigorífico, ambos fora de funcionamento no momento em função de dificuldades financeiras da associação.

A comercialização do pescado se dava sobretudo na própria comunidade, para outras famílias locais, em um sistema constante de troca e reciprocidade da divisão dos frutos da pesca de cada pescador(a); para os pequenos armazéns e bares da região; para carros que passam na via; vendendo na porta de casa; para atravessadores de São Mateus e Vitória que vinham buscar; e nas feiras dos núcleos urbanos regionais.

Turismo

As referências feitas pelos moradores de Campo Grande em relação a importância do turismo referem-se principalmente ao trânsito de pessoal vindas de São Mateus para as praias de Barra Nova e Urussuquara nos períodos de temporada de veraneio. Embora este turismo não tivesse como destino a comunidade de campo grande, o fluxo de turistas na via era uma importante fonte de renda por meio da venda de pescado e caranguejo nas portas das casas.

IMPACTOS RELATADOS

"NUNCA VI ISSO ACONTECER ANTES. NÃO TÔ MAIS PEGANDO PEIXE."

A – DIMINUIÇÃO NA CAPTURA DE ESPÉCIES PRIORITÁRIAS DE PESCADO

Os pescadores e moradores entrevistados relatam uma grande diminuição de pescado nas áreas de pesca utilizadas, nos rios e manguezais, sobretudo em relação ao caranguejo. Relatam uma queda abrupta na capacidade de reposição dos estoques de caranguejos e siris nos mangues, que estaria fazendo com que a captura desses recursos diminuísse drasticamente. Além dos caranguejos, fora relatado uma queda significativa também na disponibilidade de peixes nos rios Mariricu e Cricaré.

Contudo como já explicado nas comunidades de Nativo e Sítio Ponta, não há informações atuais quanto a qualidade de água desses rios. No caso do Mariricu foram identificados alguns metais pesados em 2014, dentre eles o arsênio, que segundo o estudo de referência, possui naturalmente uma concentração elevada em grande parte da costa capixaba. E no caso do Cricaré fora detectada em 2011 contaminação por coliformes fecais mediante ao recebimento do esgoto do município de São Mateus e o aumento da salinidade em 2017.

A diminuição do pescado teria começado a ocorrer entre 2 e 1 ano atrás, quando os rejeitos de minério da barragem de Fundão teriam começado a adentrar na barra em dias de mar revolto e vento sul, causando fuga e morte de espécies diversas. Esta queda traria impactos tanto na segurança alimentar da comunidade, prejudicando a fartura descrita no momento anterior, quanto na economia local, visto ser o comércio de pescado a entrada principal de recursos na comunidade.

"AS VENDAS NÃO TÊM MAIS SAÍDA, NEM DA OSTRA E NEM DO CARANGUEJO. HOJE PEGO UMAS 5-6 DÚZIAS PARA O COMPRADOR QUE VAI TENTAR VENDER EM LINHARES."

B – DIMINUIÇÃO NA DEMANDA PELO PESCADO DA COMUNIDADE

Fora relatado pelos entrevistados de Campo Grande uma queda acentuada na demanda por pescado da comunidade. O fluxo de turistas para as praias da região teria diminuído significativamente, afetando a demanda deste público por pescado. E os compradores de outras regiões, atravessadores que antes buscavam frequentemente pescado na comunidade, teriam parado de comprar na região. Diversos catadores de caranguejo da comunidade afirmam que, ao vender o caranguejo em feiras de São Mateus, se informassem que era de Campo Grande, ninguém compraria.

Um exemplo ilustrativo da diminuição da confiança do público consumidor é o festival do caranguejo de campo Grande, que ocorre em maio. O festival de caranguejo já realizou 17 edições até 2017 e agrega além dos catadores da comunidade de Campo Grande, os de várias outras comunidades do estado do Espírito Santo, pois tem como objetivo a valorização cultural da atividade, a conservação dos estoques de caranguejo e geração de renda, fazendo de R\$1000,00 a R\$1900,00 durante cada evento¹. O vídeo realizado pelo programa VIVA A VIDA sobre a 4ª edição do festival que mostra que a média de consumo era de 15 a 20 mil caranguejos por evento e possuam uma serie de atrações culturais, desde a dança típica jongo à famosa corrida de caranguejo. Segundo

Adeci de Sena, presidente da ASPECA, recebiam em média um público que variava de 6 a 7 mil pessoas. Contudo, este ano, só reuniu cerca de 100 pessoas, deixando um grande prejuízo para a associação. Com a falta de caranguejos na região teriam sido compradas 100 cordas de caranguejo na Bahia, mas apenas 30 teriam sido vendidas.

C - DIMINUIÇÃO DA RENDA ORIUNDA DA PESCA

A comunidade de Campo Grande possui poucas alternativas de renda para além da pesca. Não existem na região outras cadeias econômicas significativas capazes de oferecer oportunidades de trabalho aos moradores da comunidade. Assim sendo, os moradores relataram uma situação de extrema vulnerabilidade ocorrida em função da perda da renda da pesca. Diversos foram os relatos de situações extremas, como famílias sem recursos para se alimentar.

As representantes municipais do Centro de Referência em Assistência Social da prefeitura, relataram o grande aumento recente na demanda por cestas básicas, demanda para a qual não estariam conseguindo oferecer soluções adequadas (Anexo VII).

A associação também relata estar com grandes dificuldades financeiras. Como sua renda vem da mensalidade dos associados e estes perderam rendimentos, não estão pagando a associação, e além disso o fracasso do último festival do caranguejo levou ao acúmulo de dívidas na associação.

Outra preocupação citada pelos entrevistados em relação a renda refere-se à situação futura dos seguros defeso dos pescadores. Como a concessão do benefício é feita considerando-se a comprovação da produtividade da pesca ao longo do ano, teme-se que a falta de produtividade comprovada seja um empecilho a concessão do benefício.

D – RUPTURA DA ESTRUTURA SOCIAL COMUNITÁRIA

Mais do que uma atividade econômica dentre outras, especialmente entre comunidades com aspectos tradicionais marcantes, a pesca é uma categoria estruturante da vida social. Em torno da atividade pesqueira se tecem redes de relações baseadas na troca de pescados, na transmissão de saberes, na temporalidade do trabalho da pesca, nos ritmos de acesso a recursos monetários e na interação com o meio ambiente. A ruptura na continuidade da atividade pesqueira gera, para além das consequências financeiras sobre a comunidade, a quebra em um modo de vida, e a imposição de novos desafios à reprodução física e cultural tanto de cada família quanto da comunidade.

Fruto tanto desta ruptura quanto da perda de renda oriunda da pesca, diversos entrevistados mostraram-se abalados psicologicamente, tendo várias pessoas chorado e demonstrado seu desespero ao em ambos os momentos vivenciados junto com a comunidade. Segundo depoimento de Deusdato Alexandre da Secretaria Municipal de Finanças - NAC da Prefeitura de São Mateus, a maioria das pessoas desta comunidade vivem diretamente da pesca, visto os generosos rendimentos² gerados para o município mediante a emissão de notas fiscais referente à comercialização dos produtos da pesca.

"[...] NÃO TENHO OUTRA FONTE DE RENDA PARA ME SUSTENTAR. O PESSOAL TÁ SEM DINHEIRO PARA COMPRAR OS ALIMENTOS PORQUE NÃO SE COMPRA MAIS NADA HOJE SEM O DINHEIRO NA MÃO[...]"

"O CAMINHÃO FRIGORÍFICO TA PARADO PORQUE NÃO TEM MAIS O PESCADO E OS PESCADORES PARARAM DE PAGAR A ASSOCIAÇÃO E NÃO TEM MAIS COMO REALIZAR A MANUTENÇÃO DOS EQUIPAMENTOS E DA ASSOCIAÇÃO."

"A LAMA ATINGIU TODOS OS SETORES DA COMUNIDADE, NÃO SÓ O PESCADOR, COMO OS PROPRIETÁRIOS E OS COMERCIANTES."

Outro grupo citado como afetado foi o dos aposentados, que fizeram empréstimos para comprar o carro próprio e estão com dívidas, pois, embora aposentados, relatam que obtinham o alimento e um pouco rendimento através da atividade pesqueira, contudo com a mortalidade do pescado, eles estão se endividando nos bancos.

"[...] ANTIGAMENTE TINHAM GALINHAS E OS PORCOS PARA SOBREVIVEREM, MAS ESTÃO MORRENDO."

"NOS PORCOS DEU UMA COCEIRA ATÉ QUE MORRERAM E AS PORCAS ABORTAVAM."

E – IMPACTOS EM OUTRAS ATIVIDADES PRODUTIVAS

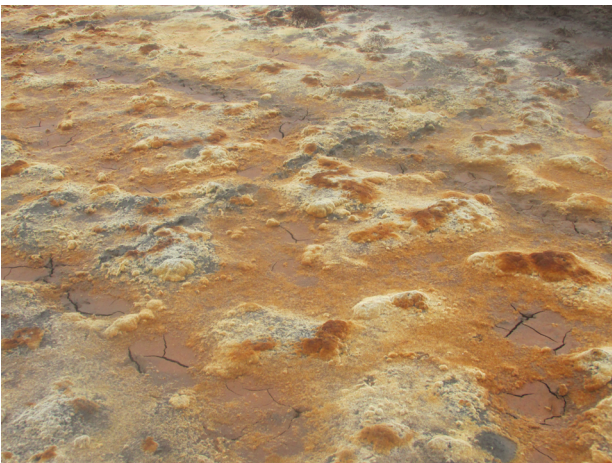
Existem relatos de áreas de vegetação que morreram após contato com a água de marés altas trazendo rejeitos da lama para dentro do estuário. Teriam morrido grandes áreas de manguezais, pastagens nativas e plantadas, e áreas com taboa (Foto 1 e 2), vegetação com fibra utilizada para a confecção de artesanato na comunidade, especialmente esteiras. Foram relatadas também feridas e mortalidade em criações localizadas próximas às áreas com incidência de marés, como porcos, patos e galinhas. Mais de um criador relatou casos de porcos abortando seus filhotes.

Além dos problemas já relatados, foram observados também impactos nas atividades comerciais, visto que os comércios locais supriam as famílias locais, agora descapitalizadas, e comercializavam o pescado, agora escasso.

Foto 1: Morte da cobertura vegetal – mangue - da comunidade de Campo Grande, distrito de Barra Nova, São Mateus. Imagens cedida pelos moradores da Nativo aos pesquisadores da Synergia no dia 10/08/2017 durante a realização da oficina participativa em Campo Grande, São Mateus.



Foto 2: Morte da cobertura vegetal – pasto - da comunidade de Campo Grande, distrito de Barra Nova, São Mateus. Imagens cedida pelos moradores da Nativo aos pesquisadores da Synergia no dia 10/08/2017 durante a realização da oficina participativa em Campo Grande, São Mateus.



F – RELATOS DE EVIDÊNCIAS MATERIAIS DE CONTAMINAÇÃO

Foram relatados e apresentados a equipe diversos registros do que seriam para os moradores indícios de contaminação nos rios e mangues da comunidade: água com tonalidade alaranjada, peixes mortos, caranguejos flácidos e soltando pedaços, feridas nas pessoas e nos animais de criação (Fotos 3, 4, 5 e 6) foram os principais relatos. Fora relatado também que além da tonalidade marrom a cor da água tem mudado conforme a dinâmica da maré. Explicam que com a entrada da maré grande, a água fica meia talhada, aumentando a contaminação nos rios. Além disso relatam que a comunidade se encontra envolvida pela água que flui de Barra Nova e Barra Seca, aumentando as possibilidades de contaminação. Contudo como já explicado no item DIMINUIÇÃO NA CAPTURA DE ESPÉCIES PRIORITÁRIAS DE PESCADO dessa comunidade, não há informações atuais quanto a qualidade de água desses rios.

Além disso dizem que as ostras estão secas e esbranquiçadas. As galinhas, patos e porcos estão apresentando coceiras, abortando e por fim morrendo. Os peixes de criação, como exemplo a tilápia também estão morrendo.

**"A ÁGUA TA AMARELA
E OS SIRIS ESTÃO
MORRENDO TUDO!"**

**"ANTIGAMENTE
A GENTE TINHA
PEIXES, GALINHAS
E OS PORCOS PARA
SOBREVIVER, MAS
AGORA ESTÃO
MORRENDO."**

Foto 3: Indícios correlacionados pelos moradores com a contaminação nos rios e mangues da comunidade de Campo Grande, São Mateus. (Água)



Foto 4: Indícios correlacionados pelos moradores com a contaminação nos rios e mangues da comunidade de Campo Grande, São Mateus. (Peixes, caranguejos, ostra, tartarugas e patos mortos)



Foto 5: Indícios correlacionados pelos moradores com a contaminação nos rios e mangues da comunidade de Campo Grande, São Mateus. (Feridas nas pessoas)



Foto 6: Indícios correlacionados pelos moradores com a contaminação nos rios e mangues da comunidade de Campo Grande, São Mateus. (Feridas nos animais de criação – porco)



"UMA COLEGA MINHA COMEU UM SIRI AMARELO E QUE PASSOU MAL (VÔMITOS). MAS CONTINUOU COMENDO O MARISCO. A SAMARCO TEM QUE VIR NAS COMUNIDADES."

G – INSEGURANÇA NO CONSUMO DO PESCADO E DA ÁGUA

Os moradores de Campo Grande relataram grande receio e desconfiança frente a possibilidade de contaminação da região. Afirmam que o ICMBio esteve na comunidade a alguns meses atrás apresentando uma pesquisa segundo a qual teria sido comprovada a contaminação do sururu.

Estudo denominado "Avaliação da concentração de metais pesados e os possíveis impactos à saúde humana com o consumo de mexilhão (*Mytella Charruana*) comercializado no distrito de Urussuquara, litoral do Espírito Santo, Brasil", realizado por Silva *et al.* (2016) em 09 de julho de 2016, motivada pela publicação da Resolução RE nº 989, em 15 de abril de 2016¹, revela que o cromo está em concentrações 85 vezes maiores do que a permitida pela Anvisa³ (0,035mg) nos mariscos de Urussuquara, comunidade próxima de Campo Grande. Contudo as pessoas afirmam que continuam consumindo o pescado considerando que não tem outra alternativa de sobrevivência. E afirmam que pessoas vem passado mal após o consumo do sururu nas proximidades. Segundo Silva *et al.* (2007) a ingestão elevada e constante de metais pesados pode ocasionar gastroenterites, lesão hepática e insuficiência renal. Todavia, não se tem informações suficientes para avaliar a qualidade desses pescados, sendo essa questão bastante solicitada pelos moradores à Fundação Renova.

Foto 7: Água coletada das áreas de mangue e alagados apresentadas pelos participantes da oficina de campo grande à equipe da Synergia, no dia 10 de agosto de 2017.



H – DIMINUIÇÃO DA SEGURANÇA ALIMENTAR DA COMUNIDADE

Conforme evidenciado na demanda crescente por cestas básicas junto ao CRAS (Anexo VII) e reiterado de forma enfática diversas vezes ao longo da reunião realizada na comunidade, as famílias de Campo Grande atravessam no momento uma situação de grandes desafios à manutenção de sua soberania e segurança alimentar. O pescado local era a principal fonte tanto de alimentação quanto de receitas para aquisição de outros gêneros, levando o atual cenário a uma situação de extrema vulnerabilidade entre algumas famílias.

" [...] A BOA COMIDA QUE TINHA ANTES NÃO TEM MAIS. MAL, MAL, UM ARROZ E UM FEIJÃOZINHO, MAS TEM QUE RALAR PARA RENDE SE NÃO ACABA."

¹ Centro cultural Araçá. 14º FESTIVAL DE CARANGUEJO. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gJRz8huyaT4>. Acesso em 18 de setembro de 2017.

² Que determina a proibição do armazenamento, da distribuição e da comercialização de pescados oriundos de atividades pesqueiras desenvolvidas no mar da região da Barra do Riacho, em Aracruz, até Degredo/Ipiranguinha, em Linhares.

³ Resolução nº 42, de 29 de agosto de 2013. Dispõe sobre o regulamento técnico MERCOSUL sobre limites máximos de contaminantes inorgânicos em alimentos. ANVISA, Agência Nacional de Vigilância Sanitária, de 29 de agosto de 2013.

MAPA FALADO



OFICINA PARTICIPATIVA

COMUNIDADES PRESENTES:

CAMPO GRANDE, SÍTIO PONTA, SÃO MIGUEL E URUSSUQUARA

Não foi possível aplicar o DRP nessa comunidade no dia 10/08/2017, porém, durante a reunião instaurada foi possível levantar uma série de informações disponibilizadas pelas pessoas das comunidades presentes, como mostram as fotos abaixo.



São Mateus

●
Barra Nova Sul



- Aspectos da Comunidade
- Caracterização da Pesca e Outras Atividades Econômicas
- Impactos Relatados
- Especialização das Áreas de Pesca e Impactos

ASPECTOS DA COMUNIDADE

A comunidade de Barra Nova Sul localiza-se do lado sul da barra do Rio Mariricu. Possui como particularidade em relação as outras comunidades a existência de uma frota de embarcações maiores voltadas a pesca no mar. Sendo representados pela Associação dos Pescadores, Moradores e Marisqueiros do Distrito de Barra Nova Sul. Existe em Barra Nova Sul uma cisão da comunidade em relação a interpretação e percepção dos impactos do rompimento sobre os ambientes e a pesca na região.

Parte dos pescadores presentes na reunião, aqueles que se dedicam a pesca no mar principalmente, afirmam que não foram percebidos impactos na região, que os impactos alegados por outros pescadores e comunidades vizinhas seriam uma estratégia para obter injustamente um benefício financeiro.

Por outro lado, outros pescadores relataram indícios de contaminação e diminuição da pesca na região, e afirmam que os pescadores de mar desconstruem a narrativa dos impactos na região com medo de que seja ampliada a área de proibição de pesca até aquela região.

Como a pesca do camarão em embarcações maiores é muito mais lucrativa que as outras formas de pesca realizadas na região, estes pescadores temem não serem indenizados em caso de interdição das suas áreas de pesca (ver mapa da espacialização das áreas de pesca).

Esta cisão interna gera tensão na comunidade entre aqueles que defendem uma posição ou a outra. Lideranças afirmam a existência de ameaças por parte de alguns pescadores feitas àqueles que denunciam impactos na região.

Informações sobre a ocupação territorial da comunidade são apresentadas no mapa abaixo.



CARACTERIZAÇÃO DA PESCA E OUTRAS ATIVIDADES ECONOMICAS

A atividade pesqueira é desenvolvida tanto em áreas marinhas quanto em áreas costeiras e estuarinas (mangue) (Foto 1). Todavia foram identificadas outras formas de obtenção de renda na comunidade, tais como: coleta da pimenta, "café em Jaguaré" (diárias), entre outras. Porém os participantes da pesquisa afirmam que essas atividades têm baixa oferta ou são sazonais (geralmente de ano em ano).

Se organizam através da Associação de Pescadores, Moradores e Marisqueiros de Barra Nova Sul. Possuem embarcações que não ultrapassam os 10 a 12 metros de comprimento. Além dos peixes, têm como fonte principal de recurso, as ostra e caranguejos (Anexo IX). Alegam que as melhores áreas de pesca estão na região da lama de Barra do Riacho, embora haja outras áreas para pescar (ver mapa da espacialização das áreas de pesca), tanto no rio quanto no mar, mas não estão pescando no mar nesse período porque a barra de Barra Nova está fechada, evento natural recorrente no período do inverno. A mulher é uma figura muito importante para o beneficiamento do pescado local. Quanto a comercialização, os pescados são vendidos de porta em porta, ou aos turistas que antes frequentavam a região em maior número. Em termos de rendimentos pesqueiros relataram que, cada pescador, antes chegava a fazer R\$300 a R\$1000 por semana.

Foto 1



Foto 2



IMPACTOS RELATADOS

"TÁ DIFÍCIL, VOCÊ PASSA NO MANGUE E NÃO VE MAIS NADA, NEM PEIXE, NEM OSTRA, NEM CARANGUEJO, NEM O SIRI."

"O CARANGUEJO TÃO TUDO MORRENDO, PARECE QUE O MATERIAL CORROEU A CARNE DOS CARANGUEJOS."

"TEM GENTE QUE NÃO TA SE FALANDO MAIS POR CAUSA DISSO."

"DO ANO PASSADO PARA CÁ O TURISMO DIMINUIU MUITO."

"ESSA PROIBIÇÃO DA PESCA NA FOZ DO RIO DOCE AFETOU A VIDA DOS PESCADORES DAQUI DA COMUNIDADE JÁ QUE ESSA ÁREA É CONSIDERADA O MAIOR PESQUEIRO DE CAMARÃO DO ESPÍRITO SANTO."

"ÀS VEZES, QUANDO A GENTE PASSA PELA ÁREA PROIBIDA, TOMAMOS MULTA."

A - DIMINUIÇÃO NA CAPTURA DE ESPÉCIES PRIORITÁRIAS DE PESCADO

Os pescadores e marisqueiras relataram que chegavam a pegar até 60 dúzias de caranguejo, em parceria, durante uma semana e que atualmente não tem mais essa mesma abundância. Relatam que começaram a perceber que a quantidade de pescado estava menor de uns quatro a três anos, mas que somente após 2015, ocorreu uma significativa redução da produção pesqueira.

B - INSEGURANÇA QUANTO A POSSIBILIDADE DE CONTAMINAÇÃO DO PESCADO

A incerteza sobre a qualidade da água e dos pescados produz receios entre os moradores, que temem estar comendo ou comercializando um alimento contaminado.

C - INTERFERÊNCIA NAS RELAÇÕES SOCIAIS

Relatam que um dos impactos após o rompimento da barragem é a inimizade entre as pessoas da própria comunidade, que são quase todos parentes. Afirmando que tem gente que não está se falando mais por causa disso. E complementam: "... as pessoas da empresa têm que trazer a solução e não colocar a comunidade em divisão".

Outros questionamentos feitos referem-se a falta de informação às comunidades e o aumento do êxodo rural, visto que a área onde residem não está suprimindo as demandas e gerando a renda necessária para subsistência familiar ou do indivíduo.

D - DIMINUIÇÃO DO FLUXO DE TURISTAS

Foi relatado que do ano passado para cá o fluxo de turistas diminuiu muito na comunidade. Este fluxo seria importante tanto na dinamização da cadeia da pesca quanto na injeção direta de recursos na comunidade.

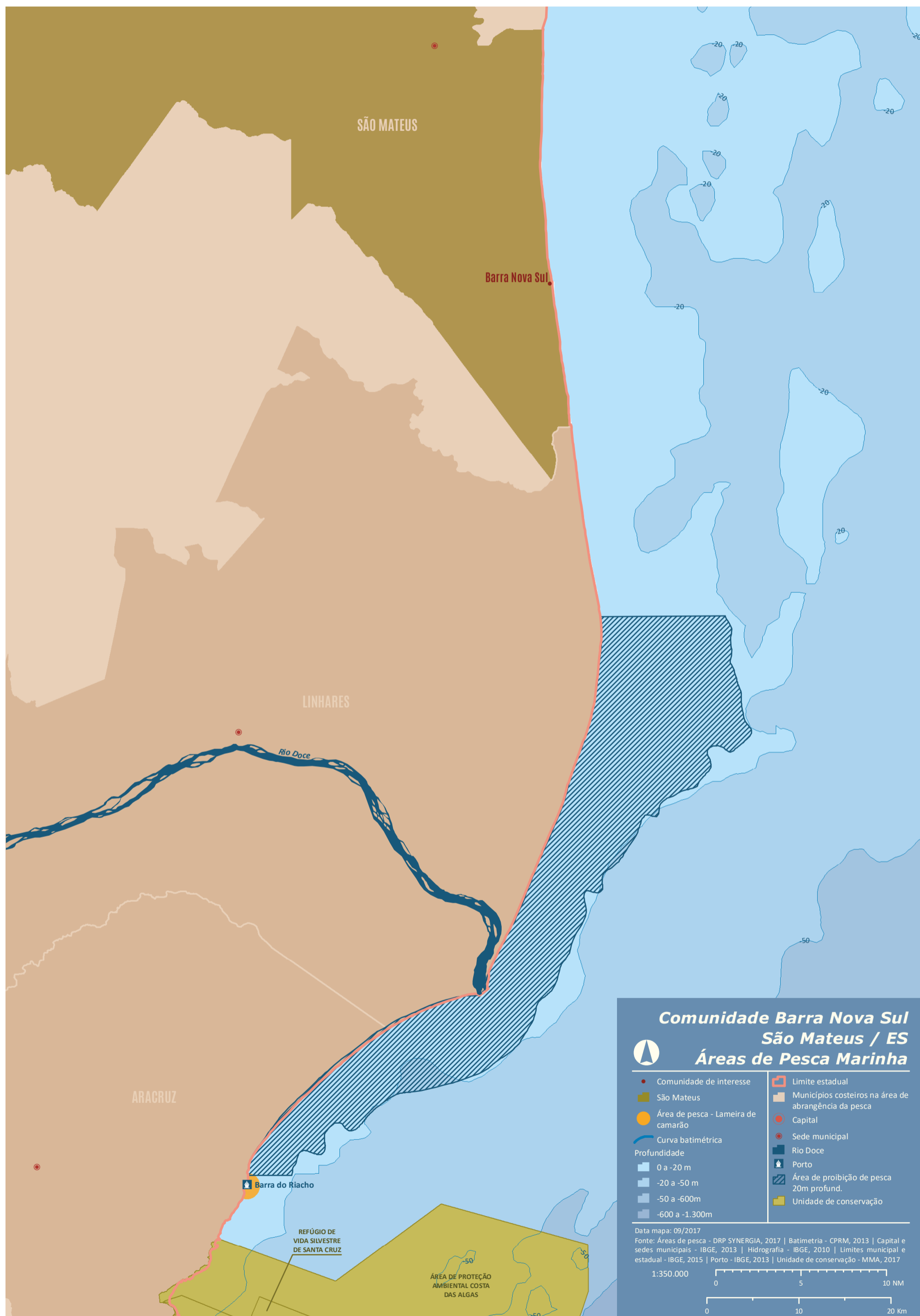
E - MUDANÇAS DE ÁREAS E ARTES DE PESCA

Relataram que a proibição da pesca na foz do Rio Doce afetou a vida dos pescadores da comunidade já que é uma área considerada o maior pesqueiro de camarão do Espírito Santo. Outro ponto a ser destacado, diz respeito aos relatos dos pescadores de mar quanto ao medo de que novas áreas de pesca sejam identificadas como impactadas, dificultando ainda mais a situação em que se encontram. Temem também não serem indenizados pela Fundação e que o ICMBio aproveite o contexto para implementar uma série de unidades de conservação na região.

F - INTENSIFICAÇÃO DA FISCALIZAÇÃO POR PARTE DOS ÓRGÃOS AMBIENTAIS

Os pescadores comentaram que os órgãos fiscalizadores estão atuando de forma mais repressiva junto aos pescadores, que muitas vezes nem estão realizando a pesca na área proibida, mas estão em deslocamento, chegando a receber multas em algumas ocasiões.

MAPA FALADO



MAPA FALADO



OFICINA PARTICIPATIVA

COMUNIDADE PRESENTE:

BARRA NOVA SUL

Não foi possível aplicar o DRP nessa comunidade no dia 10/08/2017, porém, durante a reunião instaurada foi possível levantar uma serie de informações disponibilizadas pelas pessoas das comunidades presentes. como mostram as fotos abaixo.



São Mateus

Barra Nova Norte



- Aspectos da Comunidade
- Caracterização da Pesca e Outras Atividades Econômicas
- Impactos Relatados
- Espacialização das Áreas de Pesca e Impactos